UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
(HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA)

JOSIANE RAMALHO DE ALMEIDA

MULHERES DO CAMPO: Trajetórias e lutas em meio a rosas[1] e espinhos

Belo Horizonte,
2020

[1] Rosas demonstram fragilidade. Tem-se o costume de presentear a quem ama com esta flor. Por volta de 1912, trabalhadoras e trabalhadores de Lawrence, no estado de Massachusetts (EUA), entravam em greve. Iniciava-se um movimento que ficou conhecido como a greve por "Pão e Rosas". A indústria têxtil empregava mão de obra imigrante, feminina e infantil. Mais da metade eram mulheres e muitas eram menores de 18 anos. Uma de suas bandeiras principais era conquistar o pão (simbolizando os direitos trabalhistas) e as rosas (como símbolo da exigência de melhores condições de vida). Aqui, as rosas estão postas como uma forma de simbolizar o quão o patriarcado ainda está presente não somente no meio rural, mas também em toda relação humana. Como tudo ainda a rosa quer se referir a Dona Rosa uma das entrevistadas e mãe da autora, e grande inspiração para este trabalho de conclusão de curso.

JOSIANE RAMALHO DE ALMEIDA

MULHERES DO CAMPO: Trajetórias e lutas em meio a rosas e espinhos

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientadora: Gleice A. Moraes Lima

Belo Horizonte,

2020

JOSIANE RAMALHO DE ALMEIDA

MULHERES DO CAMPO: Trajetórias e lutas em meio a rosas e espinhos

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientadora: Gleice A. Moraes Lima

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

_____

Prof. Dra Luiza Santos Pontello

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Instituto Federal do Ceará (IFC)

Belo Horizonte,

2020

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho a todas as mulheres que lutam por uma sociedade mais justa. Quero dedicar às mulheres do campo do passado que tanto lutaram para conquistar os direitos que temos hoje, para além de luta diária para não deixar faltar o pão a seus filhos. Dedico às mulheres do presente, que continuam lutando para manutenção dos direitos conquistados com tanta tribulação. Além disso, dedico este trabalho às mulheres do futuro. Espero que elas consigam realizar o que desejam em um melhor porvir.

Dedico este trabalho a cada lavradora, professora, agricultora, que assim como Dona Lindaura, Dona Nega e Dona Rosa, são mulheres de uma força inigualável e de uma perseverança inacreditável.

Dedico este trabalho a Educação do Campo, que me transformou em uma mulher forte e consciente dos meus direitos e deveres. Além de subsidiar meu reconhecimento enquanto camponesa, mulher negra e capacitada a ganhar o mundo.

E por fim eu dedico este trabalho a uma mulher que foi uma grande companheira, amiga, irmã e orientadora, que com paciência e uma dedicação ímpar me ajudou a construir este trabalho com tanto carinho e amor. Gleice, você é uma das mulheres mais fortes e incríveis que conheço. Obrigada por tudo! A você também dedico este trabalho.

A estas mulheres dedico os versos que se seguem.

EVOCAÇÃO FEMININA

Minha voz rasga véus
cortinas de dentro
de sempre desfaz penumbras
e acorda Bárbaras, Cecílias, Stellas
Henriquetas, Heliodoras
[Rosas, Lindauras, Marias, Josianes]

E suas vozes em minhas palavras
alteiam celebram encontros

de amores tantos
salpicam sândalos no ar.

Sagas passadas chagas em sangue
vertem e vibram amantes perenes
somos todas onipresentes

Minhas mãos tão femininas
mãos de mulher madura, menina
sonham acariciam ternas
lúcidas lembranças
pedaços de dias
franjas de ausências
melancolias

Em suas palmas conchas
de lágrimas oceânicas
verdejam prantos
horas molhadas
de sofrimento,
surdas, caladas.

O silêncio da solidão
é memória reverbera
fantasias, ilusões,
onde desaguar
como abraçar
tamanha paixão?

Mãos entrelaçadas
tecem séculos em teia
de fios farpados
prisão de anjos eternizados
Somos etéreas

flores fugazes
pirilampos da vida
pela vida alinhavadas

Assim evoco
Bárbara, Cecília, Stella
Henriqueta, Heliodora
[Rosa, Lindaura, Maria, Josiane]
cantemos juntas
à nossa felicidade
brindemos uníssonas
à nossa liberdade!

Virgínia Schall

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus, pela força que me deu para enfrentar grandes dificuldades que encontrei durante a caminhada.

À Licenciatura em Educação do Campo, especialmente a todos os campesinos que lutam pela Educação e por uma vida melhor no campo. Às professoras, aos professores e demais profissionais com os quais pude conviver ao logo de quatro anos, em especial os monitores que são fundamentais para continuidade da Educação do campo.

Queria muito agradecer às entrevistadas, que me deram a possibilidade de desenvolver um trabalho lindo e necessário para o campo ser reconhecido. Em especial, a minha mãe, que foi a grande inspiração para este trabalho. Obrigada Mãe, por todo amor, por gerar, perdoar e compartilhar todos os momentos ao meu lado.

Ao meu pai, pelo amor e apoio incondicional. A minha família, em especial, meus irmãos pelo apoio e reconhecimento.

Agradeço aos meus amigos pelo carinho e grande torcida durante este percurso. Aos meus colegas do Lecampo, especialmente a turma da Matemática 2016, que se tornaram uma família para mim.

Agradeço a Gleice, minha orientadora pelo compromisso e companheirismo para realização do trabalho.

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Milton Nascimento, 1978

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral compreender as histórias e trajetórias de vida e luta de quatro mulheres do campo. As principais referências que deram origem ao objeto de estudo foram mulheres que fizeram e fazem parte da minha própria história, que, apesar de já estarem comigo há muito tempo, ou a minha vida inteira, se fizeram como um estrondo de vozes que antes não havia escutado com a sensibilidade que o estudo exigiu. Que bom! Embora sejam muitas as mulheres que considero como basilares em minha vida, o estudo discorreu fundamentado nas histórias de vida de quatro mulheres[2]. Minha mãe, "Dona Rosa", mulher campesina, lavradora aposentada e moradora da comunidade Córrego do Cedro, no munícipio de Novo Cruzeiro, com uma história de vida de muita inspiração. Maria da Silva, conhecida como "Dona Nega", uma professora da nossa comunidade, Córrego do Cedro, que apesar da adversidade conseguiu se tornar professora. "Dona Lindaura", que hoje exerce a função de uma das diretoras do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Cruzeiro, representando sua comunidade, o Campo do Meio, no município de Novo Cruzeiro. E por fim, conto um pouco sobre Josiane, minha própria história. Uma jovem mulher negra e campesina, moradora de Córrego do Cedro, que hoje vem ocupando o espaço da Universidade através da Licenciatura em Educação do Campo. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, trazendo um resgate das histórias de vida dessas mulheres como recurso metodológico biográfico, uma vez que este método contribui de forma concreta e mais próxima das depoentes, facilitando a compreensão das experiências vividas. Para compreender como se deu a questão de luta e trajetória de mulheres, não somente do campo, mas da sociedade em geral, buscamos referências em discussões sobre o feminismo, o patriarcado e lugar de fala. Além disso, como culminância deste estudo, há a produção de um documentário e uma cartilha. Esperamos com estes produtos sensibilizar e dar visibilidade ao papel da mulher no contexto campesino, o qual, por muito tempo, esteve silenciado em virtude do patriarcado. Este, embora tenha perdido força, ainda se manifesta no campo.

Palavras-chave: Mulheres do campo – Histórias de vida – Luta e Resistência – Patriarcado - Feminismo

---

[2] Os nomes aqui apresentados referem-se às mulheres entrevistadas, nossas sementes biográficas. A elas, nosso agradecimento por autorizar a divulgação de seus nomes e vozes.

ABSTRACT

This study had as main objective to understand the histories and trajectories of life and struggle of rural women. The main references that gave rise to the object of study were women who were and are part of my own history, who, although they have been with me for a long time, or my whole life, were made like a roar of voices that before there was not listened with the sensitivity that the study demanded. How nice! Although there are many women that I consider to be essential in my life, the study was based on the life stories of four women. My mother, “Dona Rosa”, peasant woman, retired farmer and resident of the Córrego do Cedro community, in the municipality of Novo Cruzeiro, with a very inspiring life story. Maria da Silva, known as “Dona Nega”, a teacher from our community, Córrego do Cedro, who despite the adversity managed to become a teacher. “Dona Lindaura”, who now serves as one of the directors of the Novo Cruzeiro Rural Workers Union, representing her community, Campo do Meio, in the municipality of Novo Cruzeiro. Finally, I tell you a little about Josiane, my own story. A young black and peasant woman, resident of Córrego do Cedro, who today occupies the space of the University through the Degree in Rural Education. The research is characterized as qualitative, bringing a rescue of the life stories of these women as a biographical methodological resource, since this method contributes in a concrete way and is closer to the interviewees, facilitating the understanding of the lived experiences. To understand how the issue of struggle and trajectory of women took place, not only in the countryside, but in society in general, we sought references in discussions about feminism, patriarchy and the place of speech. In addition, as the culmination of this study, there is the production of a documentary. With this product, we hope to raise awareness and give visibility to the role of women in the rural context, which, for a long time, was silenced by virtue of patriarchy. This, although it has lost strength, is still manifest in the field.

Keywords: Country women - Life stories - Struggle and resistance - Patriarchate - Feminism

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – Comunidade Córrego do Cedro. Foto tirada do auto da igreja.....17

FOTO 2 – Igreja da comunidade, recém-reformada.....18

FOTO 3 – Interior da igreja.....19

FOTO 4 – Prédio da antiga escola da comunidade.....20

FOTO 5 – Terceiro Encontro da Juventude Rural do Brasil e América Latina.....55

FOTO 6 – Discurso da presidenta Dilma Rousseff aos trabalhadores e trabalhadoras rurais de todo o Brasil e de alguns países da América Latina.....55

FOTO 7 – Dona Lindaura em seu jardim de flores.....67

FOTO 8 – Dona Nega no quiabeiro de sua casa.....69

FOTO 9 – Dona Rosa no quintal de sua casa.....70

FOTO 10 - Josiane no Jardim Mandala da UFMG.....71

LISTA DE SIGLAS

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares

CSH - Ciências Sociais e História

CVN - Ciências da Vida e Natureza

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

LAL - Linguagem, Arte e Literatura

LECAMPO – Licenciatura em Educação do Campo

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

MG – Minas Gerais

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OLERJ – Observatório Legislativo da Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

TE – Tempo Escola

TC – Tempo Comunidade

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO 14
2 – TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMA DE PESQUISA 15
2.1 – Minha Comunidade 15
2.2 – Minhas referências familiares 21
2.3 – Meus primeiros passos escolares 24
2.4 – O Lecampo e o que o curso construiu em mim 26
2.5 – A referência da mulher no contexto campesino 29
3 - REFLEXÕES TEÓRICAS 30
3.1 O lugar da mulher na sociedade brasileira e a relação com o trabalho 31
3.2 Patriarcado: somente uma questão de gênero? 38
3.3 Feminismo 48
3.4 Mulheres do Campo 57
4 – CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA 62
5 – SEMENTES BIOGRÁFICAS 66
5.1 Dona Lindaura 66
5.2 Dona Nega 68
5.3 Dona Rosa 69
5.4 Josiane Ramalho de Almeida 71
6 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS 74
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS 87
8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 90
9 – ANEXOS 96
9.1 Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (*TCLE)* 96
9.2 Anexo II – Termo de Autorização de Uso de Imagem 98
9.3 Anexo III – Roteiro para entrevista 100
10 – APÊNDICE 101
10.1 Apêndice A – Transcrição de algumas falas das entrevistadas 101

1 – INTRODUÇÃO

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Milton Nascimento, 1978

Entendemos que a mulher da *roça* assim como todas as outras merecem "viver e amar" sem violência, sem repressão, sem preconceito, sem paradigmas, enfim, sem ser discriminada por ser mulher. No entanto, a mulher da *roça* como aqui colocamos é aquela que possui em sua trajetória marcas que evidencia uma identidade de mulher do campo como uma mulher que chora, que sofreu e ainda sofre, que luta e trabalha arduamente e ainda assim, como traz a letra, possuem "a estranha mania de ter fé na vida". Mulheres que, mesmo na luta diária com seus companheiros, ainda convivem com o patriarcado fortemente presente no meio rural, mas vêm se organizando em busca de liberdade ao povo campesino.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso se insere na perspectiva de estudos sobre a história e trajetória de quatro mulheres do campo. Mulheres estas que compartilham suas experiências de vida mostrando um pouco da vida no campo. Estas mulheres são Maria da Silva Santos Nunes, conhecida como "Dona Nega", Lindaura Lemes Trindade, Rosa Soares de Almeida e por fim, eu, Josiane Ramalho de Almeida, todas do município de Novo Cruzeiro, Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha. Tive o prazer de conhecê-las antes do trabalho e já me inspiravam com esta força extraordinária, sendo para mim, grandes exemplos. Não foi por acaso que as escolhi.

Minha mãe, Dona Rosa, foi um dos principais pilares para construção da pesquisa. Vendo sua luta diária e o não reconhecimento, da sociedade de mulheres como ela, fui me dar conta na carência de uma representatividade feminina no campo, com lideres sindicais, comunitárias e professoras por exemplos cargos importantes que tenham visão das mulheres sobre questões importantes. Assim surgiu a necessidade de ouvir as mulheres do campo que batalharam e ainda batalham por suas ideias e ainda venceram tantos obstáculos no meio rural.

O trabalho vem ouvir e ecoar as vozes das mulheres do campo, que majoritariamente, são deixadas de lado, em segundo plano. Foi mostrar a importância da mulher campesina e o quanto a sua força movimenta a engrenagem do campo. Mas para além disso, foi uma forma de mostrar a elas próprias o quanto são essenciais, despertando nelas um auto-reconhecimento.

Vendo a minha mãe, analfabeta, assim como um número elevado de mulheres do campo, entendi que elas não iriam se sentir representadas em um trabalho escrito e ainda por cima acadêmico. Por isso, idealizamos o documentário para simbolizar esta representatividade, além de ser o documentário um mecanismo de valorização do campo.

Ao longo do trabalho podemos perceber a grande luta feminina contra o patriarcado, assim como o fez o movimento feminista, que lutou para obtenção de direitos primordiais para as mulheres, descortinando como a mulher era tratada, principalmente na sociedade brasileira, fruto de um patriarcado perverso, que ainda vem atingindo as mulheres, não somente as do campo, mas especialmente às mulheres do campo, as quais sofrem interdições por ser mulher, por ser da *roça,* por ser uma trabalhadora rural.

Esperamos que este trabalho possa tocar e sensibilizar as mulheres, os homens, a sociedade em geral, no sentido de repensarmos e discutirmos sobre assuntos como a violência doméstica, o estupro, assédios, o feminicídio, enfim assuntos que de uma forma ou de outra causam danos físicos, sexuais, psicológicos, patrimoniais à mulher pelo fato de ser mulher.

2 - TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

Este capitulo traz um pouco das minhas vivências, Josiane. Nele, eu conto como minhas experiências me levaram até o tema de pesquisa. Trago um breve histórico sobre minha comunidade, o convívio em família, o tempo na escola e na graduação. Além disso, o capítulo evidencia mulheres que me inspiraram durante minha trajetória de vida e o quanto essas referências se colocaram como uma forma de reconhecimento da luta da mulher campesina e da importância de ouvir e ecoar as vozes destas mulheres.

2.1 – Minha Comunidade

> Acordava de manhã, o céu ainda estava escurinho, trabalhava pra mim. Dava hora de trabalhar pros outros, eu vinha embora. E a tarde eu chegava de novo. Ia trabalhar de novo. Quando tinha lua era bom, quando não tinha lua, era escuro.
>
> Dona Lindaura

A comunidade do Córrego Cedro, hoje com cerca de 90 moradores, é uma comunidade bem pequena, cercada por outras comunidades pequenas. Ela fica localizada no munícipio de Novo Cruzeiro, cerca de 14 quilômetros da cidade sede do município, no Vale do Jequitinhonha, ao lado do Vale do Mucuri.

A história da comunidade foi escrita a partir de relatos e informações passadas pelos moradores de Córrego Cedro. Segundo eles, a comunidade era um lugar com vida nativa abundante, variedade de animais e plantas que pertenciam a um fazendeiro chamado Manoel de Paiva, que era dono de várias propriedades, as quais formam hoje as comunidades vizinhas.

Em 1930, vindo de Itaipé, um município do Vale do Mucuri, Pedro Luiz da Silva junto de sua família comprou um pedaço de terra do então fazendeiro Manoel de Paiva. Pedro e sua família se mudaram, e foram os primeiros moradores do que se tornaria Córrego do Cedro. Esse nome foi dado por haver, na época, no meio da comunidade, uma enorme árvore da espécie cedro, derrubada para fabricação de móveis.

Os móveis eram fabricados artesanalmente pelo próprio Pedro Luiz. Com o tempo seus filhos foram se casando e construindo suas casas na comunidade. Outras pessoas foram comprando as outras partes da terra do senhor Manoel, tornando-se vizinhos do senhor Luiz e de sua família.

Naquele tempo não tinha muitos recursos. Tudo o que era consumido vinha de plantações dos próprios moradores. Mas recursos essenciais como sal e óleo para acender as lamparinas eram conseguidos através de trocas com “caixeiros-viajantes”

Ao longo dos anos, a comunidade foi crescendo e mudou sua forma de trabalho no campo. Foi quando começaram plantios de lavouras maiores como de café, arroz e milho. Através destes importantes recursos básicos, houve um intenso desenvolvimento social e econômico na comunidade. Pois, com grandes

quantidades de alimentos, começaram a vender para outras comunidades e até mesmo para a cidade de Novo Cruzeiro, que também já havia se desenvolvido.

As trocas desses alimentos, como forma de comercialização, foram se tornando escassas ao longo do tempo. Tão logo, a produção e venda, principalmente de café, passou a ser a nova forma de geração de recursos para a comunidade.

Na foto número 1 abaixo, além da bela vista da comunidade, podemos ver montanhas, um pouco de floresta nativa, que ainda se encontra na comunidade, conhecida por suas lindas montanhas e pedras imensas. E ainda, na foto, mostra um cafezeiro, um dos cultivos mais comuns nas propriedades das famílias na região.

Foto 1 – Comunidade Córrego do Cedro. Foto tirada do auto da igreja

Fonte: Fotografia da autora, dia 23 de agosto de 2016.

Com as terras muito boas para o plantio, fazendeiros se mudaram para a região. Com isso, alguns moradores que não tinham condições de fazer e manter suas próprias lavouras, se viram na condição do trabalho a “meia”[3], trabalhando assim, para estes grandes fazendeiros. A forma de trabalho colaborativo foi

[3] O “trabalho meeiro” significa, por exemplo, uma pessoa precisar de feijão, ter a terra, mas, não ter o feijão. Então essa pessoa é convidada por outra que tem o feijão para plantar na sua terra dividindo os trabalhos e, na época da colheita, é dividido pela metade o que for colhido

diminuindo na comunidade e a parceria que existia, aonde todos se ajudavam trabalhando uns para os outros foi aos poucos se tornando apenas uma lembrança.

A desigualdade ficou exposta. Muitos descendentes destes primeiros moradores começaram a migrar para outros estados e até mesmo outros países. A principal fonte de trabalho e renda nas grandes cidades era construção civil e corte de cana. Tempos depois, muitos dos moradores que ainda habitavam na comunidade, especialmente os homens, saíram em busca de uma oportunidade nesse setor.

Uma das primeiras construções de algo comunitário no Córrego do Cedro foi a igreja, ponto de encontro dos moradores da comunidade. O celebrante dos cultos, nos sermões da igreja, quem ditava as regras da comunidade e as pessoas que não frequentavam não eram vistas com bons olhos. A catequese com as crianças começava ainda quando eram muito novas e depois com os adolescentes, na preparação para a crisma, seguindo sempre a doutrinação da igreja. Na foto número 2 abaixo, mostramos a igreja da comunidade e alguns moradores em dia de culto, geralmente celebrado no domingo.

Foto 2 - Igreja da comunidade, recém-reformada.

Fonte: Fotografia da autora, dia 26 de agosto, de 2016.

Na foto número 3 a seguir é mostrado o interior da igreja, aonde podemos ver o altar, com alguns símbolos religiosos, além da imagem de Santo Antônio,

padroeiro da comunidade. Também podemos ver moradores frequentadores das celebrações e jovens indo à sua primeira comunhão, depois claro, de fazer quatro anos de catequese.

Foto 3 - Interior da igreja

Fonte: Fotografia da autora, dia 14 de novembro de 2016.

Foi na igreja que começaram os princípios de uma educação escolar na comunidade. Os filhos dos moradores que foram para Novo Cruzeiro estudar voltavam para a comunidade, e era na igreja que ensinavam os outros que não tiveram as mesmas oportunidades. Como a comunidade ainda não tinha escola, as primeiras turmas de estudantes foram escolarizadas na igreja.

A notícia de que estavam acontecendo aulas na igreja foi propagada e pessoas de outras comunidades levavam seus filhos para estudarem lá também. Com o tempo e a demanda de espaço houve a necessidade de construir uma escola. O terreno e os materiais para construção da nova escola foi doado pelo fazendeiro Manuel Bessa Soares. O Estado depois registrou a escola tornando-a parte da rede estadual com o nome de Escola Estadual Antônio Ramos de Souza.

No ano de 2010, após anos de contribuição à educação da comunidade, e após uma bela reforma, a escola foi fechada. Segundo a Diretora da época, o fechamento da escola ocorreu por não ter alunos suficiente para formar turmas. Os alunos que eram atendidos pela escola tiveram que ir para outra cidade e outra

comunidade. A escola vazia foi usada para um projeto do Governo Estadual chamado PROJOVEM, que tinha como objetivo proporcionar aos jovens da comunidade e das comunidades vizinhas acesso a Artes, esportes e assistência social. O projeto durou alguns bons anos, e novamente, em mais uma perda danosa à educação do campo, teve fim por falta de recursos.

Na foto número 4 abaixo, podemos ver a escola desativada e que hoje é usada para algumas tarefas da comunidade. Podemos ver também um tronco cortado de um antigo eucalipto, que trazia sombra para os alunos na hora do recreio, mas, foi cortado assim que escola foi fechada. Algo que traduz simbolicamente o ato criminoso fechar qualquer escola, em especial, as do campo.

Foto 04 - Prédio da antiga escola da comunidade

Fonte: Fotografia da autora, dia 15 de setembro de 2016.

Atualmente, como a comunidade também não tem lugar para lazer, a escola desativada é usada para encontros religiosos e para prática de atividade física. Além disso, vem sendo utilizada para reuniões da associação (Associação Comunitária de Desenvolvimento Rural de Córrego Cedro e Adjacências). As reuniões geralmente eram feitas na igreja da comunidade.

Mesmo com suas dificuldades, como em qualquer lugar, a comunidade segue com seus costumes e cultura. Apesar de a maioria dos jovens da comunidade terem migrado para as grandes cidades, a associação vem tentando manter os valores da comunidade, que mesmo sendo pequena, é organizada e estruturada. O trabalho da

associação tem sido muito importante para valorizar o meio rural, e em especial a comunidade de Córrego do Cedro.

2.2 Minhas referências familiares

> Hoje eu tenho orgulho dos meus filhos, porque no tempo que eu criei eles foi de muita dificuldade para mim.
>
> Dona Rosa

Sou Josiane. Décima primeira filha de uma família de doze irmãos. Minha família descende do “Seu Jonas”, meu pai, e “Dona Rosa”, minha mãe.

Meu pai, desde muito novo, trabalhou com meus avós, principalmente na lavoura. Mas também se dedicou ao cuidado de animais domésticos e outros para consumo. Com muita dificuldade, ele conseguiu estudar até o segundo ano do Ensino Fundamental e, como a escola era longe, tinha que andar uma distância muito grande, correndo risco de ser atacado por animais no caminho, além do desgaste físico e emocional.

Com tantas dificuldades para estudar, meu pai, com aproximadamente 8 anos de idade, recebeu uma proposta de seu padrinho, para morar com ele e sua família, pois sua casa era próxima à escola. Meu pai gostou da ideia, mas, meu avô paterno não. Ele tinha receio de incomodar a vida do seu compadre, então não deixou meu pai ir. Com o tempo e tanta dificuldade meu pai desistiu de estudar e dedicou-se ao trabalho na roça. Ao ouvir meu pai contando essa história senti sua tristeza e pude perceber o quanto a educação escolar era importante para ele e o quanto ele acreditava que essa educação poderia mudar sua vida.

Embora todos esses impedimentos tenham interrompido a continuidade dos estudos naquela época, depois de algum tempo, muitos anos, na verdade, meu pai e minha mãe, já casados e com os filhos crescidos, começaram a estudar em um projeto para alfabetização de adultos em nossa comunidade. Me lembro de ajudá-los a fazer as tarefas. Mas, para minha tristeza e principalmente a deles, o projeto acabou e mesmo eu tentando continuar os estudos com eles, meu pai e minha mãe acabaram desistindo, e eu, uma menina de 9 anos, não consegui mudar o pensamento deles.

Minha mãe não teve a mesma oportunidade de estudar como meu pai, pois aos nove anos de idade perdeu seus pais e, desde muito nova, teve que, junto com

seu irmão menor, tomar conta da casa para que os irmãos mais velhos trabalhassem.

Um momento importante sobre a escolarização da minha mãe, que cabe um parênteses aqui, foi oportunizado pelo projeto de alfabetização de adultos. Quando ela participou, eu via a felicidade em seus olhos ao conseguir escrever pela primeira vez seu nome.

Ela tinha muita vergonha de não saber ler e escrever. Com o passar dos anos, ela acabou esquecendo como escrever o nome dela e a vergonha voltou. Mesmo eu falando que não precisava se envergonhar, afinal, as oportunidades, principalmente para uma mulher do campo, não surgiam como para outras pessoas e que ela não tinha culpa disso. Mas, ainda assim, ela acabou desistindo.

Aos dezesseis anos, minha mãe se casou com meu pai, que estava com vinte e dois anos. Ela se casou porque, primordialmente, seus irmãos não tinham condições de cuidar dela. Um ano após o casamento, minha mãe engravidou da minha primeira irmã. Como eles não tinham casa, construíram juntos uma de madeira e barro batido (pau a pique) à mão, no terreno do meu avô paterno, em uma comunidade chamada Citubá, no município de Novo Cruzeiro, em Minas Gerais. Vale ressaltar que as mãos que ajudaram a levantar essa casa eram de uma mulher grávida, que apesar da condição gestacional, continuava a se mostrar uma mulher forte e batalhadora.

Depois que fazendeiros tentaram tomar as terras dos meus avós, eles, juntamente com meus pais e mais cinco dos meus irmãos já nascidos, se mudaram para a comunidade que moramos até hoje, comunidade Córrego do Cedro, no município de Novo Cruzeiro, em Minas Gerais.

Neste ponto, segundo as autoras Patrícia Costa e Amanda Marques

> A terra no Brasil nunca foi abrigo para ao que nela trabalham, sempre foi fonte de renda capitalizada, razão da subordinação do trabalho e da escravidão, força propulsora do agronegócio, baliza para os donos do poder nos enfretamentos diversos empreendidos pelos expropriados da terra. (COSTA; MARQUES, 2016, p.9)

Apesar dos enfrentamentos, naquela época, na luta pela terra, foi na comunidade do Córrego do Cedro que meus pais reconstruíram a vida e tiveram mais sete filhos.

De todas as lembranças do meu convívio na comunidade, a imagem da minha mãe, dona Rosa, como uma mulher guerreira é muito forte. Quando meu pai não estava em casa, pois trabalhava em outros estados e até fora do país, minha mãe tinha que cuidar de todas as tarefas da casa e da família. Com muitos filhos para cuidar sozinha, ela relata que em alguns momentos era muito difícil.

Com tanta dificuldade, minha mãe viu como uma alternativa trabalhar à “meia”. Assim, o que ela conseguia com a divisão do cultivo, vendia na feira da cidade e conseguia comprar alguns outros itens para a casa. Além disso, ela e meus irmãos mais velhos eram contratados em lavouras de arroz, milho, feijão e café. Meus irmãos, apesar de muito novos, ajudavam minha mãe na geração de renda.

Eu lembro que peguei o final da fase do meu pai como cortador de cana, que foi uma de suas profissões quando ele saia de casa para trabalhar em outros estados. Eu sentia muita falta dele e em alguns momentos “raiva” desta situação. Mas, isso tudo passava quando ele voltava. Meu pai sempre foi muito ativo e trabalhador. Então aconteceu um acidente quando trazia frutas pra casa: ele caiu de um pé de laranja muito alto. O acidente foi gravíssimo e ele teve que ir para Belo Horizonte e São Paulo na busca por um tratamento digno.

Sozinha outra vez comigo e meu irmão menor, minha mãe teve que ser responsável por todo trabalho, e naquele momento era tempo de colheita de café. Ela teve que administrar tudo, cuidar dos filhos, cuidar da casa, dos animais, fazer a horta e ser responsável pelas pessoas que trabalhavam pra gente com a colheita de café. Lembro-me de, ao chegar da escola, ajudá-la com as contas dos tambores de café que as pessoas tinham pegado e depois eu mesma fazia o pagamento de todos que estavam trabalhando. Com toda colheita feita tínhamos que secar o café. Então todos os dias pela manhã, enquanto minha mãe estava realizando outras tarefas, eu e meu irmão, passávamos o rodo no café para ajudar a secá-lo.

Depois de muita luta conseguíamos secar todo o café, ensacá-lo e depois vender para o tratamento do meu pai. Hoje, sinto-me orgulhosa que com a minha contribuição e do meu irmão mais novo conseguimos ajudar meu pai no hospital e minha mãe tão sobrecarregada.

Meus irmãos mais velhos se revezaram para cuidar do meu pai. Depois de algum tempo fomos visitá-lo. Ele havia perdido todos os movimentos do corpo e eu via em seu olhar um sofrimento por estar naquela situação e por ter que depender de outras pessoas para tudo. Para meu pai, aquela condição era dolorosa, afinal ele

era o chefe da família, batalhou por muito tempo pela família e agora não podia assegurá-la.

Com várias cirurgias, fisioterapia e uma fé extraordinária, tempos depois ele se recuperou voltando a andar e retornando para nossa casa, com sequelas que até hoje o limitam a fazer certas atividades. Mas apesar disso, ele começou a trabalhar novamente em casa. Eu ficava indignada e me perguntava: Porque ele fazia isso? Era uma carência de trabalhar, de ser útil? Com o tempo, e mais ainda através deste estudo, percebi que meu pai só queria o melhor para a família e que ele tinha e ainda tem aquela necessidade de ser o provedor da família, acredito que por ter vindo de uma criação totalmente baseada em modelos mais tradicionais.

Hoje, depois de tanta dificuldade, sinto muito orgulho dos pais que tenho e, principalmente, o exemplo de mulher que minha mãe é. Ela, uma mulher do campo que, como diz Milton Nascimento (1978), mistura dor e alegria, mas sempre teve força pra lutar, especialmente pelos seus filhos. E eu, como a única dos filhos que teve a oportunidade de acessar a universidade, sinto-me realizando os sonhos dos meus pais, que sempre enxergaram a educação como uma forma de mudar a vida para melhor.

2.3 Meus primeiros passos escolares

> Nosso Deus, quanta dificuldade! A gente era muito pobre. Principalmente a gente que era da roça não tinha muitas oportunidades. A gente sofria muito pra estudar. Tanto é que a gente ia andando no domingo pra cidade, levando a feira da semana nas costas e na sexta-feira à tarde a gente voltava pra roça. Quase não tinha material, livros.
>
> Dona nega

Mesmo com tanto sofrimento, minha mãe nunca se deixou abater e, com dignidade e responsabilidade, cuidou com muito carinho dos seus doze filhos. Ela foi, para mim e para meus irmãos, um exemplo de luta, inspiração e força de vontade. Apesar de não ter estudado, ela sempre exigiu dedicação dos filhos aos estudos. No que se refere ao exposto, para Bernard Lahire,

> a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos, como a moral do bom comportamento, da conformidade às regras, moral do esforço e da perseverança. São esses os traços que podem preparar, sem que seja consciente ou intencionalmente visada, [...] uma boa escolaridade. (LAHIRE, 1997, p. 26)

No meu caso, aos seis anos, minha mãe me matriculou na escola da comunidade. O meu tempo de escola, apesar de marcante, revelou-se uma experiência insatisfatória. Minha escola dos primeiros anos do Ensino Fundamental funcionava com turmas multisseriadas[4], nas quais, um professor, lecionava simultaneamente, na mesma sala, para duas ou mais séries do Ensino Fundamental. Na época, por conta da falta de estrutura da escola, não havia espaço para salas com cada turma separada.

Além disso, o número de alunos diminuía gradativamente durante os anos, levando a escola a ser fechada e aqueles poucos alunos que ficavam, eram remanejados para escolas de outras comunidades. Com a multisseriação, em certos momentos, percebia que não conseguia me adaptar. Acredito que foi pelo fato de ser somente uma professora para duas turmas. Sentia a necessidade de maior atenção por parte da professora, pois, embora tivesse facilidade com os cálculos, apresentava muita dificuldade em leitura e interpretação.

Durante esse período, a professora tinha um método de ensino que eu considerava muito interessante: os alunos que sabiam os conteúdos matemáticos tinham que ajudar os colegas que não tinham aprendido, como um modelo colaborativo ou de tutoria entre os alunos, uma forma de ensino mutuo.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, comecei a estudar em outra comunidade, chamada Santa Cruz, também em Minas Gerais, onde as turmas não eram multisseriadas. Eu senti a diferença e consegui desenvolver melhor nos estudos, afinal para cada matéria havia um professor e me sentia mais à vontade para tirar as dúvidas e recebia melhor atenção. Nesse período, tive um número elevado de professoras e somente um professor.

Dessas professoras, a que lecionava História marcou-me profundamente, pois muito contribuiu para o desenvolvimento da minha oratória. Ela exigia apresentação na frente de todos os colegas e provocava debates na turma. Com isso, os alunos sentiam-se à vontade e conseguiam falar em público com certa desenvoltura.

As duas primeiras escolas que frequentei no Ensino Fundamental não dispunham de estrutura física adequada. Pela falta de espaço, alguns moradores da comunidade e a igreja, inclusive, cediam espaços para que pudéssemos ter aulas. Depois de passar por essas escolas, fui cursar o Ensino Médio na cidade. Encontrei

[4] A Educação do Campo e a classe multisseriada, possuem peculiaridades especiais, uma vez que o educador encontra dificuldade em trabalhar com séries distintas em um único espaço, além de ter que conseguir adaptar o conteúdo programático a realidade de vida dos alunos de determinada região, o que denota desafios a serem superados. (SILVA; OLIVEIRA, p. 5)

uma estrutura melhor, no entanto, professores com uma metodologia diferente dos outros que já tinha tido contato, como um conteúdo maduro onde havia a necessidade de preparar os alunos para provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e uma escola distante da comunidade.

Ao longo do Ensino Médio, uma sequência de acontecimentos dicotômicos foram surgindo. Por exemplo, apesar da sorte de encontrar dois ótimos professores de Matemática, tive mais facilidade com a disciplina de Biologia. No terceiro ano do Ensino Médio, fiquei com “raiva” de Matemática pelo fato de não compartilhar da metodologia da uma professora que nos obrigava a seguir regras sem muita reflexão sobre o sentido dos conceitos.

Ainda assim, nessa mesma escola, tive uma experiência interessante: havia um dia dedicado à Matemática, em que toda a escola se envolvia, inclusive as outras disciplinas. Esse projeto, no modelo interdisciplinar, era denominado “Jornada da Matemática”, com a coordenação das professoras de Artes e Matemática. O projeto foi muito importante para mim porque, com ele tive maior aproximação com jogos matemáticos e, com isso, vivenciei outras formas de construção do conhecimento no âmbito da Matemática. Além disso, a ideia de relacionar Artes e Matemática em um projeto de interdisciplinaridade, especialmente para nós estudantes, era algo incomum, até aquele momento.

Desses primeiros passos escolares, vejo a imagem, especialmente, das professoras como uma importante referência enquanto representatividade da mulher. Para Antônia Telles (2014), “a mulher tem ocupado o espaço escolar e sua presença revela que o processo de emancipação da escola se mescla aos anseios de emancipação individual, reivindicações de igualdade e oportunidade profissional.” (p. 5)

Embora este tenha sido um dos primeiros lugares a ser designada a mulher para o trabalho, por se tratar de um trabalho historicamente semelhante ao de uma “mulher do lar”, foi também neste espaço, a escola, que a mulher começou a se organizar e exigir seu lugar na sociedade e reconhecimento de sua identidade.

Por um longo tempo eu não reconhecia minha própria identidade. “Quem sou eu?” Era uma pergunta que não saía da minha cabeça. Eu estava na minha comunidade e não me sentia pertencente aquele lugar e ser mulher para mim era um martírio. Sentia vergonha de ser do campo e sentia raiva pelos julgamentos que

recebia por tudo isso. Hoje me reconheço, enquanto mulher, negra e do campo graças ao Lecampo!

2.4 O Lecampo e o que o curso construiu em mim

> Educação é tudo! Educação é importante demais. A educação abre caminhos como nenhuma outra coisa é capaz de abrir.
> Dona Nega

Após concluir o Ensino Médio, passados quatro anos longe da escola e trabalhando em áreas diferentes da Educação, conheci a Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo), da Universidade Federal de Minas Gerais, através de uma amiga que trabalhava no Sindicato dos Trabalhares Rurais de Novo Cruzeiro.

Consegui ingressar no Lecampo no ano de 2016 onde, a princípio, me sentia como um “peixe fora d’água”. Talvez pelo fato de sua metodologia ser totalmente diferente de outras licenciaturas.

Primeiro, por ser um curso que se destaca por seu envolvimento com os movimentos sociais e sindicais, com os quais eu não tinha muita familiaridade. Por exemplo, quando tive meu primeiro contato com a mística[5], achei estranho. Como seria possível que em uma Faculdade de Educação tivessem pessoas cantando e levantando a bandeira de movimentos sociais e sindicais e nos chamando para lutar junto com eles? Aos poucos passei a entender que isso também era educação e passei a fazer parte dessa luta.

Segundo, por se basear em uma pedagogia da alternância, onde os períodos são divididos em “tempo escola” (TE) e “tempo comunidade” (TC). O TE é o período em que permanecemos na Faculdade de Educação, geralmente nos meses de férias, em janeiro e julho, e o TC é o momento em que os estudantes retornam para suas comunidades e relacionam o que aprenderam no TE, oportunizando um diálogo entre a teoria, as práticas e os saberes das comunidades. Nunca havia pensado que os saberes e as práticas da minha comunidade poderiam se aproximar daquilo que aprendi na Universidade. Voltei para a comunidade de Novo Cruzeiro com um olhar diferente!

---

[5] Ato simbólico e performático organizado pelos alunos e que, tendo como origem os movimentos sociais, visa contribuir com o processo formativo em um sentido crítico e atento às diferentes lutas que afirmam a educação e a vida campesina. (FERNANDES, 2019, p.37)

No TC, por exemplo, acontecem as Jornadas Socioterritoriais. Momento em que os estudantes viajam para as cidades de seus colegas, e realizam várias atividades associadas à comunidade. Novo Cruzeiro recebeu uma Jornada Socioterritorial no ano de 2019. Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer a cidade e sua história, suas lutas e seu povo em uma troca de experiência muito rica entre os estudantes e o município.

Ao voltar-me para a trajetória no curso, vejo que houve uma mudança em mim. O diferencial do curso é que não aprendemos somente cálculos matemáticos como acontece em outros cursos de Matemática. O que ficou de mais importante, construído, trabalhado dia a dia e fortalecido em mim foi aprender a valorizar o povo campesino. E em grande parte, vejo que essa forma de rever o povo do campo se justifica pela luta de quem idealizou o curso, os Movimentos Sociais e sindicais, os quais têm forte ligação com o meio rural. Aprendemos a ser um cidadão de direitos e deveres, a ser professor do e no campo, ter senso crítico. Discutimos sobre política, cultura, educação dentre outras coisas.

Na UFMG, o curso conta com quatro habilitações: Matemática; Linguagem, Arte e Literatura (LAL); Ciências da Vida e Natureza (CVN); e Ciências Sociais e História (CSH). No convívio com essas outras habilitações, percebi que o diferencial não estava somente com a habilitação em Matemática. Todas têm a mesma preocupação em fortalecer o campo em nós.

Dentre os processos formativos relacionados ao Lecampo, destaco como uma aprendizagem significativa e identitária o que me foi ensinado por uma grande mulher, Maria Alves, que, mesmo não estando comigo em sala de aula, deu-me aulas maravilhosas. Maria Alves é uma forte liderança das comunidades quilombolas de Ouro Verde de Minas (MG) e recebeu o Lecampo de forma calorosa em sua comunidade durante uma Jornada Socioterritorial realizada em 2017. Suas experiências de vida são incríveis e me trouxeram muitos ensinamentos. De todo o aprendizado, ficou evidenciado que nós, mulheres, temos que lutar pelos nossos direitos, como forma de mudar uma realidade tão marcada pelas desigualdades de gênero.

Com o tempo e o aprendizado, além de um melhor entendimento acerca da valorização campesina, me senti parte do Lecampo e comecei a ter um olhar mais valoroso para minha comunidade e para minha família, em especial para a minha

mãe, por sua história de superação em uma vida sofrida no campo e por todo incentivo a minha longevidade escolar[6].

Quero ser uma professora que não ensina apenas regras e cálculos matemáticos, mas que tenta formar cidadãos melhores. O Lecampo tem sido muito importante para minha formação, pois a cada dia me sinto mais capaz de seguir transformando o meio onde vivo em um lugar melhor, sempre com muito respeito e valorizando o povo campesino. Na sequência dessa formação acadêmica, quero transmitir as melhores experiências que tive aqui, tentando ser uma boa profissional e lutando para melhorar a educação do nosso país.

2.5 A referência da mulher no contexto campesino

> Eu tenho orgulho de ser mulher do campo. Tanto é que já rodei, já dei aula, já fiz tudo, mas estou aqui de novo. Eu gosto daqui e acho que a vida do campo, apesar das dificuldades é muito boa. Eu não tenho vontade de sair daqui pra ir pra outro lugar, não.
>
> Dona nega

Dessas vivências no curso, foi-me descortinado o quão relevante é entender o papel da mulher no contexto campesino, em especial, tendo como referências mulheres tão marcantes como minha mãe. Assim, surgiu o interesse em estudar histórias e trajetórias de vida de mulheres do campo, levantando discussões sobre as questões de vida e de luta dessas mulheres no passado e no momento atual.

Os movimentos feministas, por exemplo, que lutam pelos direitos da mulher em diversos aspectos, expõem histórias e trajetórias de mulheres com vastas experiências de luta e resistência. Sobre os movimentos, traremos uma discussão no tópico 3.3 deste estudo.

A visibilidade através da voz da mulher do campo é um dos preceitos da Educação do Campo, pelo fato de a mulher ser a base do movimento da vida no campo. Mesmo com esse papel importante, a mulher do campo não é valorizada socialmente e culturalmente, e dentre os motivos, destacamos o *Patriarcado*, sistema social ainda tão presente no campo brasileiro e que marca diferentes desigualdades. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

[6] Para Lahire (1997), longevidade escolar pode ser explicada pela relação entre práticas familiares socializadoras e a constituição de disposições facilitadoras de sobrevida escolar nesses meios.

> a população feminina de Minas Gerais era, no ano de 2015, de aproximadamente 10,6 milhões de mulheres. Enquanto que, no Estado, para cada 1000 homens, 1031 são mulheres; nas áreas rurais mineiras, para cada 1000 homens, 867 são mulheres. [...] Esses dados evidenciam que o campo é um espaço onde os homens são maioria.
> Essa prevalência, somada a fatores culturais decorrentes da estrutura patriarcal, tornam o desafio das mulheres que ali habitam ainda mais intenso. (Fundação João Pinheiro, 2017, p. 302)

É sabido que as diferenças de gênero constituídas socialmente reprimem e desvalorizam a vida da mulher e ainda as privam de direitos básicos, como estudar, trabalhar ou ter moradia e alimentação dignas. Minha mãe foi um exemplo das dificuldades que as mulheres enfrentam e enfrentaram. Durante toda sua vida, a luta foi e tem sido uma constante, a exemplo da infância, que ficou perdida para o trabalho, assim como os estudos, pelos quais não teve nem a oportunidade de lutar. Antes de entrar na vida adulta estava grávida de seu primeiro filho sem saber como cuidar desta nova vida. Com as próprias mãos fez sua primeira morada depois de casada, e com o casamento, uma carga de responsabilidade com a qual nunca imaginava ter que passar.

Apesar disso, pela minha percepção, considero que mostrar essas e outras histórias e trajetórias de luta e resistência da mulher do campo pode ser uma fonte de força para a conquista de direitos da mulher do campo e da sociedade em geral. A discussão do papel da mulher na sociedade é merecedora de maior ênfase na história, e por isso, suas trajetórias de vida precisam ser compartilhadas, estudadas, respeitadas e valorizadas.

Durante minha vida, nunca tive o prazer de ler textos, livros e ver filmes sobre mulheres como a minha mãe, Dona Rosa, Dona Nega e nem Dona Lindaura. Mulheres que nunca tiveram privilégios e com o cabo da enxada traçaram as histórias de suas vidas, através de uma resistência incomparável. Me enxergo em suas histórias e sinto suas feridas.

As mulheres do campo são as maiores referências que contribuíram e contribuem para a minha formação e por isso, evidenciam o objeto deste estudo.

Neste sentido, minha pesquisa vem como a vontade de compreender as histórias e trajetórias de vida dessas mulheres do campo, com atenção às suas estratégias de luta e resistência ao modelo patriarcal ainda presente no campo brasileiro**.**

3 - REFLEXÕES TEÓRICAS

Neste capitulo trouxemos uma reflexão quanto ao papel da mulher na sociedade durante momentos da história, e como foi importante a trajetória de luta durante todos estes períodos. O feminismo se tornou uma bandeira e um grande alicerce na luta por direitos e liberdade das mulheres. Em especial, aqui destacamos o combate a um sistema patriarcal, que embora ainda muito presente, vem sendo combatido com luta e resistência. Por fim, falamos sobre as mulheres do campo, sementes que fizeram aflorar a necessidade de ouvir, conhecer e reconhecer minhas raízes.

3.1 O lugar da mulher na Sociedade Brasileira

> Uma moça com 15 anos pra poder trabalhar e cuidar de tudo, até vencer não é fácil. Com a casa cheia de filhos, não é fácil, não!
>
> Dona Lindaura

Para compreender a correlação da sociedade atual com a vida das mulheres é necessário fazer um retorno ao passado. Por milênios, as mulheres se viram submissas, oprimidas, humilhadas e devotas à família, ocupadas com trabalhos domésticos, e com o papel de ser esposa e mãe. A evolução histórica dos direitos das mulheres se apresentou a passos lentos, e no Brasil, foi somente ao longo das décadas de 80 e 90 que iniciou um forte movimento para defesa e luta pelos direitos e mudanças na vida das mulheres. Segundo Farias,

> até os anos de 1960, na sociedade brasileira, temas envolvendo as mulheres eram considerados de pouca importância, o que revela uma estrutura até então alicerçada em padrões quase que exclusivamente masculinos. Ficaram evidentes os elementos emblemáticos em torno da figura e do domínio do homem em suas múltiplas “aparições” nos espaços públicos, contrastando com aqueles reservados ás mulheres, preponderantemente voltadas para as obrigações domésticas, ligadas a casa e a família, atividades restritas a esfera privada. (FARIAS, Org, 2009, p.15)

Podemos ver grandes transformações no papel da mulher. A busca por liberdade social, econômica e sexual, por exemplo, se apresentam como conquistas significativas neste contexto. No entanto, as raízes do poderio masculino ainda perseguem muitas mulheres segundo seus históricos de vida relatados. Apesar de

tantas conquistas, as mulheres de ontem nos mostram o quanto sofreram e lutaram para que, as mulheres de hoje tenham seus direitos garantidos ou questionem sobre eles.

Um dos tensionamentos que nos provocam e nos levam a b uscar respostas é quanto à questão de gênero, o qual vem implicando no relacionamento entre homens e mulheres por anos, daí a importância de se discutir o tema. “A categoria gênero permite entender a história das mulheres em suas relações com homens, uma vez que gênero é uma maneira de designar as relações sociais entre os sexos” (FARIAS, Org, 2009, p.17). Quando se discutem questões de gênero, é necessário entendê-las não apenas no que concerne aos aspectos biológicos. As diferenças de gênero, já apresentadas exaustivamente pela sociedade, há muito vêm subjugando as mulheres. Com isso, a mulher foi representada como frágil, sensível, fraca e impotente, colocando o homem como provedor e protetor da família, o que se identifica muito com o machismo[7] e a masculinidade tóxica[8] tão falada no momento atual.

> As características biológicas de homens e mulheres são herdadas, enquanto as diferenças de gênero são construídas socialmente; portanto, podem variar no tempo e no espaço e são sujeitas a mudanças. E é somente através do reconhecimento dessas diferenças e da luta para mudar o quinhão das mulheres que se pode tornar as reflexões de gênero mais equitativas. Sendo assim, ressalta-se que as mulheres estão de alguma forma presentes em diversas atividades de desenvolvimento dos países intermitentes ligadas aos costumes, tradições e valores. Neste contexto, é como emerge uma série de debates sobre as desigualdades sociais presentes neste processo participativo das mulheres mediante a imposição de uma sociedade que define o lugar para o homem e outro para mulher. (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016, p.3)

Um dos pontos no tocante à questão de gênero que coloca em discussão e evidencia uma forte imposição da sociedade, determinando um suposto lugar para o homem e um para a mulher, está muito presente quando se fala de *trabalho*. O trabalho é responsável pelo sustento de toda a sociedade e impacta em todos os setores que a movimenta. Por isso, o trabalho para as mulheres foi de suma importância, em especial no que diz respeito à luta e conquista de direitos. Por muito tempo, o trabalho atribuído à mulher era o trabalho doméstico; e no campo, o

---

[7] Machismo: supremacia masculina que causa a inferiorização do gênero feminino provocando várias formas de violência: verbal, psicológica, física etc. Saffioti (1987), Auad (2012) e Louro (2001)

[8] Geralmente o termo “masculinidade tóxica” é usado para se referir a uma coleção vagamente interligadas de normas, crenças e comportamentos associados com a masculinidade, que são prejudiciais para as mulheres, homens, crianças e sociedade em geral, ao qual a própria defesa da masculinidade é ligada à virilidade tóxica. (MOURA, 2019)

agrícola. Essas atribuições não eram vistas como trabalho e sim como uma “obrigação das mulheres” como cuidar da casa, da família, dos animais e da horta.

A inserção da mulher no mercado de trabalho se iniciou em funções bem próximas às atribuições domésticas, como é o caso dos cargos na área da Educação, em fábricas de tecelagens, enfim, em funções mais relacionadas com atividades que a mulher já realizava dentro de casa. Mas, apesar de as mulheres desempenharem por muito tempo funções nessas áreas, que eram ramificações do trabalho doméstico, esses “cargos” não eram vistos com bons olhos, pois criava-se a imagem de incapacidade do homem de ser o provedor da casa.

> Tentando resgatar a condição social e de trabalho das mulheres, observa-se que os trabalhos mais expressivos exercidos por elas, no século XIX, eram além do trabalho agrícola e o trabalho doméstico, o trabalho de ensinar em escolas e desenvolvido nas fábricas de tecelagem. Eram trabalhos aceitos socialmente, posto que vistos como extensões de suas próprias casas, uma vez que em seus lares ensinavam os seus filhos e também fabricavam partes das roupas usadas pelas famílias. É preciso destacar que o trabalho da mulher, fora de casa, tinha uma representação negativa para imagem do homem, a incapacidade de ele desempenhar o papel social que a ele era atribuído, o de prover o sustento da família. (FARIAS, Org, 2009, p.18).

Apesar de não ser bem aceito o fato de as mulheres trabalharem fora de casa, como afirmou Farias (2009), os ofícios por elas ocupados, principalmente nas fábricas de tecelagens, possibilitaram que, aos poucos, as mesmas ocupassem outras profissões. Embora ainda, às mulheres brancas da sociedade eram destinadas as promoções na profissão, enquanto que às mulheres negras cabiam os serviços domésticos e/ou muito relacionados ao tempo da escravidão. Para a ativista e integrante da Rede de Mulheres Negras do Paraná, Silvana da Silva,

> no ambiente profissional, as mulheres negras ainda possuem menos garantias de direitos do que as mulheres brancas. [...] O trabalho doméstico era e ainda é a área que mais abrange mulheres, principalmente as negras, por uma questão histórica de falta de oportunidades que coloca essas mulheres em serviços operacionais**.** (SILVA, 2019)

Mesmo inseridas em um contexto de desigualdade provocado sobretudo pelo racismo e pelo patriarcado, as mulheres foram muito importantes na sustentação da industrialização brasileira, embora *usadas* junto às crianças para este fim. Naquela época, em meados do século XX, a mão de obra infantil era muito comum, além de ser barata. As crianças trabalhavam para ajudar na renda familiar, geralmente

famílias de baixa renda e/ou advindas do campo. Era comum crianças trabalharem desde muito cedo. Isso sustenta o fato de haver um alto índice de nascimentos nas famílias.

> Nos anos 50, países como o Brasil, apresentaram taxas de crescimento populacional muito acima daquelas observadas entre os países mais desenvolvidos em toda a sua história pós-revolução industrial. O rápido crescimento populacional, somado à estagnação em grande parte das áreas rurais, nos anos 60, e à modernização agrícola patrocinada pelas políticas públicas, nos anos 70, tinha proporcionado uma transferência maciça de população para as cidades, principalmente para os maiores centros urbanos, acelerando o processo de urbanização a taxas historicamente inéditas. (CARVALHO; BRITO, 2005, p. 353)

Assim, com uma família numerosa, os filhos eram de relevante ajuda no trabalho, especialmente os filhos do sexo masculino, marcas da autoridade do homem na sociedade.

A partir do século XX, com uma das mais graves crises econômicas da história, especialmente no Brasil[9], a questão do trabalho feminino veio se modificando assim como a vida em sociedade. A socióloga Maria Helena Machado traz um estudo sobre a mulher no mercado de trabalho naquela época. Segundo a pesquisadora,

> a inserção da mulher no mercado de trabalho, após a abolição da escravatura, alterou-se ao longo das décadas. Em 1940 o contingente feminino era de 19% do total; em 1950, 14%; em 1960, 13%; em 1970 cresceu para 20% e em 1980 o contingente feminino passou a representar 38,4%. Contudo, ressalta-se que, a participação da mão-de-obra feminina se deu, majoritariamente, no setor terciário da economia, em especial para as atividades ligadas à saúde, educação e prestação de serviços. Sabe-se também que as atividades vinculadas a esse setor são, quase sempre de baixo prestígio e de menores rendimentos. (MACHADO, 1986, p. 450)

Todavia, essa “permissão” ainda cabia às mulheres que precisavam ajudar na renda de casa. Outras, que tinham condições de vida melhores, em que seus maridos ou pais poderiam a sustentar, a escolha de querer trabalhar ainda era vista com maus olhos. Essas mulheres eram expostas e perseguidas. Os homens da época não gostavam da ideia de ver suas e outras mulheres trabalharem em cargos que eles acreditavam pertencerem a eles. “Para a sociedade dos anos dourados

---

[9] A economia brasileira na década de 80 atravessou uma das mais graves crises de sua história, a qual resultou na estagnação do Produto Interno Bruto e em taxas de inflação sem precedentes. As famílias brasileiras adotaram como estratégia para o enfrentamento desta crise a super utilização da força-de-trabalho familiar no mercado de trabalho. (OMETTO; FURTUOSO; SILVA. 1995, p. 403)

tratava-se de uma afronta ao poder masculino e uma quebra na hierarquia existente na relação homem-mulher". (LIMA, 2018, p. 20) Para eles, o homem era o provedor, o responsável pela família, o grande chefe. As mulheres não podiam tomar este papel, pois isso era impróprio para elas. Seus deveres eram de ser dona de casa e mãe. Farias nos conta que

> era inacreditável a vigilância pela qual elas passaram naquele período, uma vez que elas ocupavam cargos que, até então, eram considerados para homens. Tiveram suas vidas privadas e públicas controladas. A mulher que vendia sua força de trabalho sem necessidade, a que possuía, por exemplo, situação financeira que assegurasse ficar em casa e ser sustentada pelo pai ou pelo companheiro, sofria discriminação por ocupar o lugar de um chefe-de-família. A mulher não tinha o direito à livre escolha de trabalho externo ao lar, a não ser que fosse em favor do sustento da casa, em caso de morte ou invalidez do cônjuge. (FARIAS, Org, 2009, p.21)

As mulheres conseguiam em alguns momentos trabalhar, mas, não foi fácil! Na imprensa da época, podemos citar *O Jornal das Moças.* Nas páginas do periódico era nítida a intenção de limitá-las somente ao espaço de sua residência: havia uma extrema valorização dos afazeres domésticos para mantê-las em casa. Pinski coloca que

> essas revistas promoviam os valores sociais dominantes entre os quais estão as desigualdades de gênero presentes nas relações homem-mulher e nos significados de masculino e feminino ligados aos padrões tradicionais que sustentam a "dupla moral sexual", a submissão feminina, os papéis e atribuições rígidas para homens e mulheres – aos primeiros, o mundo do trabalho e da política, a elas, as tarefas domésticas e a dedicação prioritária ao marido e aos filhos, etc. (PINSKI, 1996, p. 20)

Muito tempo se passou e os afazeres domésticos começaram a ser desvalorizados, mas, mesmo assim as mulheres conseguiram sair para trabalhar, ainda com as obrigações do lar que as sobrecarregavam muito no dia a dia.

> Vale registrar que, se no passado, ficaram extraídas, ficavam restritas à casa e aos serviços domésticos, elementos de reconhecimento e de valor, hoje, o trabalho doméstico é tido como uma das ocupações socialmente menos prestigiadas, "como um não-trabalho ('invisível'), de valor nulo, porque 'improdutivo' (lógica capitalista), não monetarizado (obrigações, virtude), e, portanto desvalorizados" (FARIAS, Org. 2009, p. 22)

Durante o século XX, começaram grandes transformações no mercado de trabalho, principalmente na década de 70, avançando para o começo do século XXI, com ajuda significativa do feminismo, da urbanização e da industrialização. O número de mulheres trabalhando fora de casa teve um expressivo crescimento

possibilitando a sua independência, seja ela financeira, social, ou ambas, apesar de, até hoje, seus salários serem mais baixos que os salários dos homens, mesmo ocupando mesmos postos que eles.

> Desigualdades entre homens e mulheres são estampadas no mundo do trabalho principalmente em relação aos cargos e salários, sempre favoráveis aos homens. Tais diferenças se tornaram ainda mais frágeis no que diz respeito a jornada de trabalho. (FARIAS, Org. 2009, p.22-23)

No entanto, com o apoio dos movimentos feministas, as mulheres entraram no mercado de trabalho, da mesma forma que passam a ocupar cursos superiores, para além da docência. Tiveram acesso à informação quanto ao uso de pílulas e métodos contraceptivos, o que diminuiu a natalidade e promoveu a escolha da mulher ter filhos quando e quantos quiser. Grandes conquistas, mas a luta não parou.

Como já mencionado, a área da Educação foi uma das formas que as mulheres encontraram para se inserirem no mercado de trabalho. No entanto, a Educação sempre esteve e ainda é muito associada à imagem da mulher, principalmente na área da Educação infantil. Segundo Siqueira *apud* Faria (2009), no final do século XIX, o sistema educacional passava por uma crise. O autor cita como exemplo o Estado do Mato Grosso, que se preocupava com a indisciplina nas escolas do estado levando a situação ao parlamento. Eles defendiam o fato de as mulheres estarem nas escolas, por entenderem que a Educação escolar era uma extensão da Educação familiar, e isso era obrigação da mulher dar aos filhos. Ainda consideravam que as mulheres eram mais carinhosas, meigas, sábias, zelosas, e como professoras tinham um carinho materno para com as crianças. Naquele contexto, as mulheres se tornaram a “solução mágica” para resolver a crise educacional do Estado.

> Os elementos facilitadores para aquela conquista foram as históricas características a elas atribuídas - pessoas benevolentes, bondosas, cuidadosas, pacientes - pessoas que poderiam exercer o papel de mães, ou seja, o das "tias" de nossos dias.” (FARIAS, Org, 2009, p. 20)

Somando-se ao fato das decorridas décadas desde que a professora fora considerada símbolo de uma educadora nata, Farias (2009) nos mostra que em cursos como de Pedagogia ainda há mais mulheres do que homens matriculados.

Assim como na educação infantil, com um quadro docente composto, em sua maioria, por mulheres.

> Essa é uma herança ainda presente nos dias de hoje, basta observar as aulas do curso de pedagogia, repletas de mulheres vistas ainda como mais dóceis, pacientes, as fraternas "tias", e por isso representam a maioria da Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Já no corpo docente do ensino superior, observa-se uma maioria de homens, especialmente nos cursos de ciências exatas. (FARIAS, Org 2009, p.20).

Para corroborar com o autor, dados do Brasil apresentados na Sinopse Estatística da Educação Básica de 2018, contam com cerca de 80%[10] do professorado do sexo feminino. Apesar de as mulheres serem muito ligadas ao ensino, às áreas de exatas sempre tiveram uma maioria de homens envolvidos, como exposto também no Censo da Educação Superior de 2018, de 397.893 docentes em exercício, 213.814 (aproximadamente 54%) são professores do sexo masculino.

Trazendo a voz de nossas sementes biográficas, a área da Educação foi um recurso determinante para Dona Nega. Através da Educação ela pôde dar uma melhor condição financeira e até mesmo emocional para suas filhas, além ser uma referência na vida de muitos de seus alunos, que sempre foram do meio rural. É tão bonito ver o seu amor pela profissão, mas ao mesmo tempo nos mostra que foi uma conquista de muita luta, conseguir sua formação profissional e ainda se manter no meio rural.

Eu, Josiane, também me coloco nessa estatística. Apesar de escolher a Matemática, indo contra a ideia de que as ciências exatas são compostas majoritariamente por homens, a profissão que escolhi é ser professora, muito em virtude das referências que tive. Mas, vejo que, possivelmente, me inclinarei mais para a área de exatas, do que propriamente para a docência. Talvez uma Engenharia, quem sabe? Ir contra o vento, ou mudar a direção dele, afinal, eu posso!

Assim, ao longo da história, o trabalho possibilitou várias mudanças na vida das mulheres, mesmo que em passos lentos. As mulheres que conseguiram trabalhar sofreram consequências destas conquistas em suas vidas ao serem expostas para a sociedade, onde foram julgadas e passaram por situações inimagináveis. Em nossa pesquisa, a relação com o trabalho foi posta pelas

[10] Em um total de 2.226.423 professores/ras da Educação Básica, 1.780.000 são professoras do sexo feminino.

mulheres como uma situação de sobrevivência. Foi através do trabalho que elas deram uma vida melhor para seus familiares. É relevante mencionar que se dispuseram a trabalhos pesados, nos quais, em alguns momentos, não tiveram reconhecimento. Mas, esses mesmos trabalhos definiram as mulheres que são hoje: batalhadoras, conquistadoras e orgulhosas delas mesmas.

Mesmo que as mulheres estejam se reinventando, sejam maioria na sociedade, ainda são números discretos que mostram as que obtém importantes cargos de chefia, ou mesmo na política. A cultura machista da sociedade junto às raízes do patriarcado ainda presente no nosso meio, fazem com que as mulheres sofram com a desigualdade de gênero, com o assédio, com a inferiorização, com a violência, entre outros dissabores. Dona Lindaura nos lembra em seus relatos que, mesmo com todo sofrimento que passou, nunca desistiu e hoje, com 76 anos, semianalfabeta, ela, com muito trabalho e luta, conseguiu o cargo de diretora no sindicato dos trabalhadores rurais de sua cidade.

> Elas passaram a ocupar postos tidos como de domínio do homem, conquistaram o lugar que lhes foi negado na sociedade. Foram então sendo conquistados, estão abrindo novos caminhos sociais, nos pontos de trabalho, até então exclusivos dos homens, mas também mostrando diferenças existentes entre homens e mulheres. Isso revela que está acontecendo uma reconstrução quanto ao entender por função de homem e de mulher. (FARIAS, Org., 2009, p. 29).

Sabe o que Dona Nega, Dona Lindaura, Dona Rosa e Josiane têm em comum? Além de serem mulheres campesinas (com muito orgulho!), foi através do trabalho e/ou da educação que elas conseguiram cuidar de suas famílias. Elas, hoje, são felizes e têm orgulho das histórias de vida que escreveram. Passam uma mensagem de empoderamento tão forte e mostram para todas as mulheres que desistir não é uma alternativa, apesar de todos os percalços do caminho. Elas são um exemplo para todas as mulheres. Como diz Dona Lindaura, *Mulher da zona rural, da roça, não desiste do seu pensamento, porque não podemos desistir nunca*.

Além delas, reverenciamos todas as mulheres que enfrentaram os desafios de ser mulher lá atrás, para que as mulheres de hoje tenham os seus direitos garantidos. Em especial, as mulheres do campo.

Segundo Farias (2009) as mulheres estão abrindo caminhos onde seus papéis são valorizados na sociedade. Elas conseguiram isso por meio da luta, com a conquista e manutenção de direitos, mesmo com consequências pesarosas.

3.2 Patriarcado: somente uma questão de gênero?

> Antigamente era muito pior que hoje, a mulher, naquela época, que eu comecei a estudar. Só fiz esse 4º ano porque meu pai era uma pessoa que tinha uma visão boa quanto educação. Mas não foi fácil, não."
>
> Dona Nega.

Para iniciar a discussão deste capítulo, traremos Heleieth Saffioti para conceituar o termo *patriarcado*. Para a autora, trata-se de um "regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens." (2011, p. 44) Entendemos assim, que o patriarcado é uma relação de poder, na qual aos homens é destinado esse poder e utilizado para ter o domínio sobre as mulheres, principalmente enquanto "objeto" de reprodução e de prazer. O patriarcado ainda atinge a vida de muitas mulheres ditando o que podem ou não fazer e ainda nos traz algumas indicações quanto ao porquê da violenta inferiorização e reificação do feminino nos dias de hoje.

O patriarcado é um termo relativamente novo, embora, segundo Saffioti (2011) o processo de instauração do patriarcado tenha se iniciado no ano 3100 a.C., mesmo com grande resistência das mulheres. Saffioti (2011) revela que as mulheres tinham grande relevância na época, pois eram elas quem geravam uma nova vida. Entendia-se que as mulheres eram seres mágicos, poderosos e fortes.

Ainda segundo Saffioti (2011), a caça era responsabilidade dos homens. Em algumas comunidades acreditava-se que as mulheres não caçavam por conta da criação dos filhos pois, quando a mulher saia para caçar, geralmente tinha que levar o filho para amamentação e cuidado. A criança com fome começava a chorar espantando a caça, cabendo à mulher, então, outras responsabilidades.

> A hipótese mais convincente para justificar a divisão sexual do trabalho nas sociedades de caça e coleta parece ser a que se segue. Como não havia Nestlé, era obrigatório o aleitamento do bebê ao seio. Desta sorte, o trabalho feminino era realizado com a mulher carregando seu bebê amarrado ao peito ou às costas. Os bebês eram, assim, aleitados facilmente toda vez que sentissem fome. Como bebê não fala, sua maneira de expressar suas necessidades é o choro. Daí vem a sabedoria popular, inclusive em sentido figurado, dizendo: "quem não chora não mama". Presuma-se que às mulheres fosse atribuída a tarefa da caça. O menor sussurro do bebê espantaria o animal destinado à morte e as caçadoras voltariam, invariavelmente, para seu grupo, sem nenhum alimento. (SAFFIOTI, 2011, p.61)

As tribos antigas eram nômades, sempre à procura de alimentos e melhor abrigo para sobreviverem. Com o tempo, entretanto, surge a agricultura e a

necessidade de busca do alimento fora do acampamento minimiza-se. Aprendendo a manipular a terra e as sementes, a agricultura trouxe para as tribos uma possibilidade de fixarem-se em um mesmo lugar, o que fez surgir, assim, comunidades, povoados e cidades. Alguns historiadores acreditam que o advento da agricultura deve-se às mulheres, visto que as mesmas não caçavam e eram responsáveis por colher frutas, plantas e raízes. Para a líder feminina Selene Hammer Tesch (2017) “da inteligência das mulheres que se descobriu que algumas sementes nasciam e outras serviam para comer. Daí surgiu a agricultura, as colheitas, a fartura”. (TESCH, 2017) Nessas atividades, então, elas perceberam que quando a semente era jogada na terra, depois de um tempo brotava uma muda daquele alimento.

Como caçar não era mais uma atividade diária, os homens tinham tempo em excesso para exercitar a *criatividade*, começando a pensar até mesmo que eles podiam efetivamente *gerar* uma nova vida, entre outros pensamentos. Criando assim, sistemas e simbologias eficazes para destronar suas parceiras, embora, tenha sido um processo lento, pela resistência das mulheres. Mas depois de um tempo a dominação dos homens sobre as mulheres aconteceu criando uma hierarquia. “Passam, então, os seres humanos, a se distanciar da natureza e a vê-la simplesmente como algo a ser controlado e dominado. Isto tudo foi crucial para estabelecer entre os homens e as mulheres relações de dominação-exploração.” (SAFFIOTI, 2011, p. 120)

O sistema do patriarcalismo começou a se estabelecer nos clãs de várias tribos lendárias, como exemplo, nas tribos Hebraicas. Os Hebreus desempenhavam papéis importantes como pastores, e se desenvolveram na pecuária e na agricultura, não havendo mais a necessidade de caçar. Em consequência, os animais se tornaram fontes de alimento, meio de transporte entre outros benefícios. E ao homem coube a tarefa de ser o chefe da família, com sua importância nas discussões sobre economia, política e religião. Vianna (1994) esclarece que

> os clãs patriarcais eram constituídos por uma família estendida (incluindo parentes consanguíneos, por afinidade civil, religiosa e por adoção) chefiada por um patriarca - um grande proprietário de terras - circundado por uma massa de aparentados, e/ou de outros dependentes sem laços de parentesco. Essa população, composta por pequenos proprietários e camponeses, com seus familiares, encontram proteção no clã, formando com ele uma comunidade de sentimentos. Essas localidades são, basicamente, ilhas autônomas de prosperidade que tudo fabricam, atraindo

> os despossuídos em busca de apoio político e de recursos (VIANNA *apud* AGUIAR, 2000, p.307).

Como os patriarcas das famílias eram os chefes das tribos, essa hierarquia consolida-se. Os patriarcas tornam-se provedores e protetores de seus filhos, de suas esposas, dos agregados e de seus empregados, responsáveis, com isso, por cuidar dos clãs, da tribo e da comunidade, trazendo, historicamente, o patriarcado como um sistema de governança exercido pelo “chefe da família”.

Para algumas tribos que se tornaram reinados patriarcais, o poder de dominar e governar era do patriarca. Após sua morte, o poder era passado para o membro mais velho da família daquele patriarca ou para seu filho mais velho, e claro, para se tornar chefe daquele reino, tinha que ser homem. Por exemplo, se o patriarca tivesse dois filhos, o primogênito uma menina e o segundo um menino, era o menino que se tornava o próximo patriarca, se não houvesse algum impedimento, como ser muito jovem. Assim como aconteceu com Dom Pedro II, que, para governar o Brasil tão jovem deu o “Golpe da Maioridade”.

Se não houvesse um membro da família homem para comandar, os chefes da tribo elegiam um membro da tribo para o posto de chefia. Weber (1991) *apud* Rezende afirma outros detalhes desta tradição, que envolvia entre outras coisas, a “posse” das mulheres. Segundo o autor “a transferência da dominação doméstica em caso de morte do senhor permitia que seu sucessor adquirisse, entre outras coisas, por exemplo, o direito do uso sexual das mulheres de seu predecessor”. (WEBER, 1991 *apud* REZENDE, 2015, p. 9)

A religião foi historicamente um forte elemento na manutenção do patriarcado, por sua influência sobre a sociedade. A fé cristã e outras religiões, trazem em seu livro, a bíblia, os homens, em especial os homens Hebreus, como seus principais protagonistas e símbolo de autoridade, embora, essa mesma doutrina apresentasse, em alguns momentos, posturas antipatriarcais. Destacamos como exemplo trecho da carta de Paulo ao pastor Timóteo sobre a ordenação de um culto. Paulo traz indicações sobre os deveres de uma mulher segundo a doutrina cristã, que

> a mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação." (I Tim 2, 11-15)

Neste trecho, fica evidente que a igreja esteve e está presente na construção da sociedade, principalmente impondo regras e normas para o convívio entre mulheres e homens. Xavier *et al* (2017) analisa que

> a religião, quando foge do seu propósito precípuo que é levar esperança e consolo às vidas que sofrem de algum modo, violência ou abandono, torna-se instrumento de dominação e opressão, passando ao homem, em sentido estrito, procuração para criar leis com embasamento bíblico a fim de manterem seu status de dominador e o "cabeça da mulher" (XAVIER, 2017).

Umas das intervenções mais latentes da Igreja refere-se às relações sexuais. Weber (1964) revela que "a religião elimina as relações sexuais livres no interesse da regulação e legitimação do casamento" (WEBER *apud* AGUIAR, 2000, p. 309). As relações sexuais passam a ser "permitidas" depois do casamento, e, quando o contrato do casamento era firmado, a união era consumada após a relação. "Um dos elementos nucleares do patriarcado reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido." (SAFFIOTI, 2011, p. 49)

Conforme nos esclarece Macedo (2014), "o casamento é o contrato de direito de família que tem por fim promover a união do homem e da mulher, de conformidade com a lei, a fim de regularem suas relações sexuais, cuidarem da prole comum e se prestarem a mútua assistência." (MACEDO, 2014)

A natureza jurídica do casamento é demarcada segundo três correntes, a saber: *contratualista, institucional e eclética.* Entendendo o casamento como um *contrato*, Pateman (1993) considera que nele há uma hierarquização em que uma das partes detém a "posse do bem", exercendo autoridade sobre ele, o que primordialmente, não é dada às mulheres.

Na sociedade patriarcal, a mulher foi submetida ao Contrato Original, do qual determinou-se uma nova forma de sociedade civil e de direito político (PATEMAN, 1993) e pactuou-se dele um Contrato Sexual e Social, dos quais, segundo a autora, têm-se mantido silenciados. Pateman mostra que "o contrato original tem um caráter masculino, ou seja, é um contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres." (PATEMAN *apud* SAFFIOTI, 2011, p. 127). Pateman considera que

> o pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: sexual no sentido de patriarcal - isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido de estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria a

> “lei do direito sexual masculino”. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado; ele é um meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno. (PATEMAN, 1993, p.17)

Como a Igreja sempre teve grande influência na vida doméstica das famílias, as mulheres sujeitavam-se – em nome da religião – a um grande número de privações. As suas condutas ditavam se elas poderiam casar ou se manter casadas e, para os religiosos mais fervorosos e extremistas, as mulheres eram seres irracionais, descontroladas e provocadoras de desejos. Conforme Weber (1964) *apud* Aguiar, as mulheres, nessa lógica machista e dominadora, quando aparecessem em público, deveriam estar cobertas e não expor parte alguma da sua pele. Para a Igreja o corpo da mulher à mostra despertava o desejo do homem. Assim,

> a contenção desses sentimentos muitas vezes se estabelece pela instituição de regras sobre as vestimentas, normatizando que sejam cobertas as partes do corpo feminino que podem suscitar desejos nos homens. Além disso, se por um lado a religião enfatiza o exercício da sexualidade dentro do casamento para o conjunto da população, ela prescreve, também, o ascetismo religioso com abstenção sexual pelos sacerdotes (AGUIAR, 2000, p.310).

No contexto religioso, às mulheres foram impostos alguns dogmas, que as diminuíram, humilharam e cerceavam a liberdade, o que contribuiu e ainda contribui para criar o imaginário de que a mulher – o seu corpo – é gatilho para a ação dos outros. Se um homem violenta uma mulher, assim, a “culpa” era dela que estava com uma roupa inadequada (o que seria uma roupa adequada, então?), ou no lugar errado. Se a mulher não consegue engravidar, ela não serve para ser uma boa esposa. Se seu marido a trai é culpa dela por não cumprir com suas obrigações de esposa. São inúmeros pré-conceitos estigmatizantes ancorados às mulheres durante anos, nutridos pela égide do patriarcado e, também, pela Igreja. Segundo Ruth Benedict (1988), “as mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem numa civilização da culpa.” (BENEDICT *apud* SAFFIOTI, 2011, p.23)

Aguiar (2000) traz uma discussão a partir das indagações de Gilberto Freyre sobre o patriarcado no Brasil. O autor relata que o patriarcado se esturrou com a colonização portuguesa e que as bases da construção foram a dominação no âmbito doméstico rural e regime escravocrata. Ele ainda reforça que as estratégias patriarcais consistem na política de população de extensão territorial com grandes

dimensões, na carência dos povoados para obter mão-de-obra barata, na geração de riqueza e, por muito tempo, no uso da mão-de-obra escrava.

Outro recurso de obtenção de força de trabalho era o sexo, principalmente no tempo da escravatura, onde o estupro de mulheres negras era recorrente e assustador. Esta questão de gerar crianças para ajudar com a força de trabalho foi sendo cultivada por um grande número de famílias. Saffioti (2011) confirma esta prática e evidencia que o ato é do princípio do patriarcado e revela violenta forma de dominação do homem sobre a mulher. Saffioti traz que

> quando se passou a criar animais para corte ou tração, sua reprodução mostrou-se de grande valor econômico. Foi fácil, então, perceber que, quanto mais filhos um homem tivesse, maior seria o número de braços para cultivar áreas mais extensas de terra, o que permitia maior acumulação. Além disto, a compreensão do fenômeno reprodutivo humano, observando-se o acasalamento dos animais, minou os poderes femininos. (SAFFIOTI, 2011, p. 120)

Essa prática que afligia principalmente negras, criava uma repulsa nas mulheres de terem aqueles filhos frutos de uma violência ou, ainda, por não querer ver seus filhos sendo escravos. Com seus conhecimentos de chás com ervas fortes, provocavam o aborto dos fetos. Entendo, particularmente, que isso era uma forma de resistência, mas, para outros, era uma ausência de religiosidade. Como essas mulheres também eram mão-de-obra, elas, mesmo grávidas, eram forçadas a trabalhar em atividades pesadas e desumanas.

No campo, o patriarcado tem raízes muito fortes no coronelismo e na religião, com intervenção na cultura e estrutura na maioria das comunidades rurais, baseada no conceito patriarcal. Para Ribeiro (2016) “estes conceitos definem-se como instrumentos da prática do mando e da coerção, utilizados pela elite agrária para perpetuar sua influência no seio do Estado.” (RIBEIRO, 2016)

Para corroborar com o autor, Rezende considera que

> exercia-se nesses domínios um tipo de dominação tradicional em que o chefe da família ou o senhor de terras era o elemento que detinha a autoridade incontestável em torno da qual gravitavam sua esposa, filhos, agregados e escravos. Tal poder não se limitava a esfera doméstica, estendendo-se para a vida pública que, descentralizada e fragmentada, se encontrava dominada por facções ou grupos familiares (REZENDE, 2015, p.18).

Na comunidade Córrego do Cedro, a religião e as marcas do coronelismo ditaram o comportamento das pessoas, atribuindo ao homem a “chefia da família” e

à mulher, a responsabilidade pela criação dos filhos e manutenção da casa. De 25 (vinte cinco) famílias da comunidade, temos somente duas professoras, uma cantineira e uma trabalhadora autônoma. Ou seja, quatro famílias em que estas mulheres são as matriarcas. As mulheres das outras 21 (vinte e uma) famílias são donas de casa, repetindo-se essa desigualdade por várias comunidades do município.

No âmbito familiar, em uma “estrutura patriarcal de dominação”, segundo Weber (1991) “membros da família e servos têm como fundamento a autoridade do chefe da família ou da comunidade doméstica. Essa autoridade se baseia na tradição, ou seja, na crença da inviolabilidade daquilo que foi assim desde sempre.” (WEBER, 1991 *apud* REZENDE, 2015, p. 8)

Com o passar do tempo, a sociedade começou a criar interesse por outras formas de dominação (REZENDE, 2015) desenvolvendo-se na política, na economia, nas artes, enfim, influenciando e mudando relações sociais, criando assim uma esfera pública para a sociedade. Neste sentido, tendo a sociedade sua essência em bases patriarcais, é compreensível sobre o porquê a esfera pública é dominada por homens, brancos e heterossexuais. O olhar para as minorias, quando houve, foi sempre muito discreto e velado. Para que as minorias conquistassem seus direitos – básicos, como o de viver – muitas lutas se travaram e muitas vozes se uniram.

Vê-se que o patriarcado se mantém, sem surpresa, em uma exploração lucrativa e cumulativa vinda desde o tempo colonial: a exploração capitalista vem da escravidão, tanto de mão-de-obra negra e indígena, quanto da exploração das mulheres. Saffioti nos mostra a relação simbiótica entre patriarcado e capitalismo quando afirma que

> não há, de um lado, a dominação patriarcal e, de outro, a exploração capitalista. Para começar, não existe um processo de dominação separado de outro de exploração. Por esta razão, usa-se, aqui e em outros textos, a expressão dominação-exploração ou exploração-dominação. Alternam-se os termos, para evitar a má interpretação da precedência de um processo e, por via de consequência, da sucessão do outro. De rigor, não há dois processos, mas duas faces de um mesmo processo. Daí ter-se criado a metáfora do nó para dar conta da realidade da fusão patriarcado–racismo–capitalismo. (SAFFIOTI, 2011, p.130)

O patriarcado aliado ao capitalismo historicamente limitou a independência econômica das mulheres. Para trabalhar, à mulher branca deveria ser concedida

permissão do marido ou pai; as negras, entretanto, lançavam-se no mercado de trabalho muito precocemente, visto que o processo de abolição da escravatura não previa um amparo às pessoas libertas da sua condição de escravização. Segundo Saffioti,

> desde seus inícios, a exploração econômica da mulher faz-se conjuntamente com o controle de sua sexualidade. Já se analisou, ainda que ligeiramente, a unicidade do racismo e do sexismo. É óbvio que este fato preexistiu, de longe, à emergência do capitalismo; mas este se apropriou desta desvantagem feminina, procedendo com todas as demais da mesma forma (SAFFIOTI, 2011, p.129).

As mulheres, por anos, vêm batalhando pela representatividade no mercado de trabalho, em uma sociedade regida pelo capitalismo. Apesar de tanta luta, as mulheres continuam sendo desvalorizadas, com salário inferior ao dos homens[11], ainda que fazendo o mesmo trabalho. Ainda que, com competências e habilidades comprovadas. São descartadas para assumir lideranças, embora as pesquisas indiquem que as mulheres têm melhores formações que os homens para ter um lugar no mercado de trabalho[12].

As mulheres, que tanto lutaram por direitos mínimos têm que continuar lutando? E o papel do homem nesta realidade? Os homens devem rever seus privilégios – principalmente os homens brancos e heterossexuais –, em que, historicamente,

> a partir das concepções liberais dos contratualistas, os homens nascem livres e são iguais entre si, são indivíduos dotados de direitos políticos que têm discernimento e, portanto, podem fazer suas escolhas através da razão, não mais por explicações místicas como era nos regimes patriarcais em que o poder do patriarca era justificado pela tradição. (PATEMAN, 1993, *apud* AZEVEDO, 2016, p. 14).

Foi por meio de muita luta que as mulheres conseguiram o direito de votar, trabalhar e não sofrer violência – mesmo que ainda presenciemos atrocidades diariamente. Direitos básicos que não foram garantidos a elas, mas sim conquistados com muita garra. Aguiar afirma que

---

[11] Em relação ao rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos e razão de rendimentos, por sexo, entre 2012 e 2016, as mulheres ganham, em média, 75% do que os homens ganham. Isso significa que as mulheres têm rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos no valor de R$ 1.764, enquanto os homens, R$ 2.306. (AGÊNCIA BRASIL, 2018)

[12] Tomando por base a população de 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo em 2016, as mulheres somam 23,5%, e os homens, 20,7%. Quando se comparam os dados com homens e mulheres de cor preta ou parda, os percentuais são bastante inferiores: 7% entre os homens e 10,4% entre mulheres. (AGÊNCIA BRASIL, 2018)

> é evidente que esses quadros de desigualdades vêm sendo questionados e se alterando ao longo da história. Houve inúmeras lutas e conquistas, mas, ainda assim, as mulheres continuam enfrentando dificuldades para ocuparem espaços políticos. O controle do corpo e da vida reprodutiva das mulheres é regulada pelo Estado, embora existam políticas públicas que buscam proporcionar melhores condições para as mulheres, como a lei Maria da Penha. Continuamos enfrentando graves situações de violência como estupros, espancamentos e feminicídios, que, significa a vigência do patriarcado na vida contemporânea (AGUIAR, 2015 *apud* AZEVEDO, 2016, p.15).

É indiscutível que o patriarcado influencia as relações humanas até o momento atual, mesmo com tantas mudanças em nossa sociedade. Castells (1999) traz que “o patriarcalismo dá sinais no mundo inteiro de que ainda está vivo e passando bem” (p. 278 *apud* SAFFIOTI, 2011, p. 58).

Com este estudo pude perceber o quanto o patriarcado me limitou por vários anos. Levou-me até a recordar do quanto me cobrava para chegar ao nível do meu primo (embora não tendo as mesmas oportunidades), que sempre era o *destaque* em tudo. Me descortinou o fato de que eu, como a *menina, moça* ou *mocinha da casa* tinha tantas responsabilidades enquanto que meu irmão e meus primos, todos os *meninos,* podiam fazer o que queriam. Eu tinha que limpar a casa, ajudar minha mãe a fazer comida, lavar a louça entre outras obrigações. Quando minha mãe me encontrava jogando bola com os meninos, ela me chamava de “*machofemia*”. Antes eu ficava com raiva de não ter a mesma liberdade dos meus primos e meu irmão e com a maneira como a minha mãe falava comigo.

Com os estudos durante o curso e na construção deste trabalho pude ver o quanto o patriarcado tem relação com isso. Inclusive posso dizer que foi o patriarcado que moldou a educação que meus pais tiveram. Sempre lutei contra estes conceitos do patriarcado. Não foi e não é uma luta fácil! Fui julgada, subestimada e por muitas vezes, tive minha voz sufocada. Isso aconteceu comigo e continua acontecendo com um grande número de mulheres.

Um dos caminhos na tentativa de extinguir esse nocivo, e por muitas vezes, fatal modelo patriarcal da sociedade, é extinguindo também conceitos conservadores; é patenteando a valorização de pessoas oprimidas pelo patriarcado e por outros sistemas de opressão e dominação, que resultam na inferiorização, segregação e separação de um em relação a outro, seja em detrimento de raça, cor da pele, gênero, opção religiosa; é ouvir e ecoar voz destes grupos e *empoderamento* as suas histórias de vida; é investir em políticas públicas para

garantir que direitos como Educação sejam nortes para formar e transformar cidadãos com mentes abertas, que se importem e respeitem a vida e dignidade do outro, não trazendo o *empoderamento* ou *empowerment* como uma autolibertação, mas como um ato social. Por isso, terminamos nosso texto com as palavras de Paulo Freire (1986), quando diz que

> mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do *empowerment* ou da liberdade (FREIRE, p. 135).

Harmonizando-se ao que descreve Freire (1986) sobre o *empoderamento*, e ao que se deseja ao fortalecer os povos do campo, podemos trazer contribuições de Montero (2003) quando substitui o termo trazido por Freire, *empowerment,* pelo termo *"fortalecimento".* Para a autora, *fortalecer,* nesta perspectiva, é o "processo de reconhecer a possibilidade de desenvolver e mobilizar um poder já existente, para lograr transformações desejadas." (MONTERO *apud* COSTA, 2015, p. 279) *Nada para nós sem nós*. É mobilizar o poder do povo camponês, o poder da mulher campesina (que com toda certeza existe), para que sejam e se reconheçam como um homem e uma mulher forte, tão fortes que se sintam capazes de lutar por eles mesmos, assim como historicamente têm feito. *Nada para nós sem nós.*

3. 3 Feminismo.

> Nunca desisti de ser uma guerreira do mato, não.
> Dona Lindaura

Ao longo dos anos, as relações de poder vêm causando uma série de modificações durante a história. "As relações de poder, explícitas ou implícitas, conscientes ou inconscientes, permeiam todas as relações humanas, em todos os campos que fazem parte do espaço social" (LIMA, 2010, p. 14). O colonialismo foi um exemplo de política usado por quem exercia controle e era o detentor do poder, principalmente no Brasil. Quem detinha o poder, o usava para submissão, opressão, desvalorização e violência. Será que assim ainda o é? Para a autora Djamila Ribeiro,

> o poder e as identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e de como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros. (RIBEIRO, 2017, p.20)

Estas relações de poder, presentes em estudos como do francês Pierre Bourdieu (1930 – 2002) atingem determinados grupos que sofrem as consequências de toda uma cultura, de toda uma hierarquia, e uma das vítimas desse contexto é a mulher. A mulher, por muito tempo foi e ainda é submetida a uma série de normas e conceitos, onde a ela é estabelecido um comportamento, vestiário, padrão de corpo e determinada forma de pensar e agir.

O patriarcado foi e continua sendo um dos responsáveis pela perpetuação da inferiorização e segregação a que as mulheres são submetidas todos os dias, seja no âmbito doméstico, no trabalho, na religião, na política, na economia, enfim, em todos os espaços em que a mulher não ocupa o lugar, que de fato, deveria ocupar, ou ainda, ocupa um lugar nestes espaços em condições inferiores às dos homens. O poder do patriarcado sobrevive até a atualidade, mas as mulheres continuam lutando para a permanência e manutenção de seus direitos, conquistados com sacrifícios e em uma busca por rupturas de paradigmas ainda muito fortes no mundo.

Nos tempos atuais, com as lutas para quebras de paradigmas, é de essencial importância falar sobre a desigualdade de gênero. O efeito da desigualdade de gênero afetou a nossa sociedade como um todo. A segregação entre indivíduos pelo fator biológico, ou seja, em ser homem, ou mulher, vem moldando por décadas e décadas a história, economia e principalmente a cultura da sociedade. E para quebrar estes paradigmas o feminismo vem trazendo o olhar de igualdade entre homens e mulheres, onde os direitos e vontades das mulheres sejam respeitados. Além disso, o feminismo busca trazer autoestima para a mulher se manter bem consigo mesma, criando sua independência, para a manutenção da luta pela igualdade.

> As reflexões sobre o feminismo têm aumentado significativamente nas últimas décadas, e como ideologia é umas das que apresentam um dos desenvolvimentos mais rápidos. Mas, deve-se ter claro que feminismo tem a ver com liberdade e que os papéis de gênero são construções sociais e não verdades naturais e universais. Nenhum papel de gênero deve limitar as

> pessoas, homens ou mulheres, ou ainda permitir que um sexo sofra violência, seja mais discriminado, tenha menos direitos e seja considerado de forma desigual (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016, p.2).

O feminismo não foi bem aceito pela sociedade ao longo da história. Afinal, esse movimento veio para defender as mulheres de toda a repressão que elas vinham e vêm sofrendo em anos e anos. E isso incomoda a quem quer manter a submissão e o poder. Apesar disso, o feminismo vem tomando várias vertentes e se difundiu ao longo dos anos na procurando uma igualdade entre homens e mulheres em diversos aspectos, mas colocando como luta mais importante os direitos sociais.

> A noção mais geral do movimento seria a de que o feminismo é buscado por qualquer grupo que tenha tentado mudar a posição das mulheres ou as ideias acerca destas, sendo considerado por alguns autores como um conceito amplo demais. Outros são mais precisos afirmando que a essência do feminismo consiste em favorecer que as mulheres obtenham valor igual ao dos homens, dada sua natureza comum como pessoas livres. Essa definição se aproxima da ideia de justiça sexual. Para outros autores, o feminismo consiste em uma crítica geral dos relacionamentos sociais de dominação e subordinação sexual ou na oposição a qualquer forma de discriminação social, pessoal ou econômica em relação as mulheres por causa do sexo. Já as feministas pós-estruturalistas e pós-modernistas tem resistido a esse esforço de definição, considerando-o mais uma tentativa inconsistente de metanarrativa, ou seja, de tentar fixar e fechar num conceito. Muitas destas definições apresentadas, representam facções distintas dos movimentos feministas (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016, p.4,5).

Por muitos anos, o poder da escrita e da fala, foi uma das ferramentas mais poderosas da humanidade usada pelo homem como meio de dominação. Por serem os homens que relatavam os acontecidos durante a história, não se soube ao certo quando os movimentos feministas começaram. Com o poder da escrita, os homens podiam ser mais parciais para uma visão masculina e isso reflete até nos momentos atuais. Na Bíblia, por exemplo, um dos livros mais propagados pelo mundo, as mulheres não eram ou não aparecem como escritoras ou narradoras dos textos religiosos.

> Em primeiro lugar, tem-se criticado a exclusão das mulheres ou marginalização de sua história em virtude dos homens dominarem até pouco tempo os escritos históricos. Foram os homens que escreveram sobre as mulheres, e são naturalmente, consciente ou inconscientemente, tendenciosos, revelando uma visão masculina. Portanto, a histórias das mulheres precisa ser redescoberta pelas mulheres e para as mulheres (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016, p.5).

Vincent (1995) *apud* Villwock, Germani e Roncato (2016), quanto aos debates de quando se originaram as práticas feministas, nos falam que houveram quatro categorias que evidenciam essas práticas. A primeira, desde a data dos primórdios da consciência humana, pois entende que as questões das mulheres sempre existiram. A segunda, no século XV, onde uma mulher escreveu um livro com o título "Livro das Cidades das Senhoras" por Christina de Pisan, em 1405. A terceira, foi entre 1640 a 1680, onde houve uma rebelião nas Índias Ocidentais com a participação de Aphra Behn. Mesmo com uma vida relativamente nvbe curta ela escreveu 17 peças e 30 romances. A quarta surgiu no final do século XVIII, sequente da Revolução Francesa, conhecido como feminismo ocidental.

Para Vincent (1995) *apud* Villwock, Germani e Roncato (2016), quando a literatura começa a discutir sobre o feminismo, na década 1960, inicia-se a expansão do movimento juntamente com o tema sobre ecologismo. Com a ampliação de textos sobre o feminismo, iniciou-se uma consciência política feminista, dividindo as vertentes feministas em dois movimentos. Ainda para Vincent (1995) *apud* Villwock, Germani e Roncato (2016), o primeiro, no período de 1830 a 1920, (primeira onda), o segundo movimento, de 1960 em diante (segunda onda) e entre 1920 e 1960 houve uma parada, pelo fato da Grande Depressão[13] e o período de guerras. Para alguns autores a segunda onda foi dividida em até cinco fases e outros, o feminismo pós-moderno, que seria o terceiro movimento.

A primeira onda, segundo Narvaz e Koller (2006) *apud* Villwock, Germani e Roncato (2016) foi o movimento feminista em que nasceu o movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos que na época era somente para homens. No século XIX, em países como a Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha houve um grande número de movimentos antiescravistas e sufragistas que foram importantíssimos para a história do feminismo. Estes movimentos tinham como objetivo lutar contra a discriminação das mulheres e por direitos indispensáveis, como o direito ao voto e à possibilidade de denúncia de opressões herdadas do patriarcado.

A segunda onda, segundo Vincent, (1995); Pinto (2010); Narvaz e Koller (2006) *apud* Villwock, Germani e Roncato (2016) foi marcada pela intensa evolução da educação para as mulheres por toda Europa e Estados Unidos. Além de

[13] A Grande Depressão, também conhecida como Crise de 1929, foi uma grande depressão econômica que teve início em 1929, e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

passarem a assumir várias profissões antes realizadas somente por homens, questões como a legislação do aborto, igualdade de salário e de direitos civis, controle de natalidade, pílula anticoncepcional foram abordadas para que as mulheres sentissem a liberdade de escolha, de realizá-las e discuti-las, tanto na esfera pública quanto particular.

Ainda segundo Vincent (1995); Pinto (2010); Narvaz e Koller (2006) *apud* Villwock, Germani e Roncato (2016) com este movimento libertário, a mulher teve mais autonomia para trabalhar, estudar, ser livre para fazer suas escolhas, ser dona do seu próprio corpo e procurar ter outra forma de relação “homem e mulher”. Ao longo de muita luta, as mulheres tiveram mais liberdade na escrita, livros de literaturas foram feitos. A liberdade abrangeu a mulher possibilitando até mesmo o divórcio, o que antes era impensável. Atualmente percebe-se a independência da mulher em vários aspectos como o financeiro, social, moral, de formação familiar. Mas, apesar de tantas conquistas, as lutas ainda não foram cessadas, e ainda há muita resistência em relação ao que o feminismo propõe.

> Neste contexto, as longas manifestações feministas ocorridas neste período foram acompanhadas de fortes questionamentos ao poder do Estado, da família e da Igreja, considerados pontos de sustentação ideológica do capitalismo em todos os seus mecanismos de dominação e opressão da vida social. Ao mesmo tempo, os partidos de esquerda resistiam a encampar estas bandeiras e muitas vezes as mulheres eram ridicularizadas em suas manifestações no interior destas organizações (GURGEL, 2010 apud VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016, p.7).

As mulheres brasileiras começaram a se mobilizar sobre a questão feminina nas décadas de 1980 e 1990. Segundo Souza-Lobo (1992) citado por Farias (2009), o movimento feminino abriu um importante espaço na sociedade brasileira, falando de diferenças sociais entre gêneros, de busca por mais direitos, mas não somente igualdade de direitos e sim direitos inerentes às mulheres. Na bandeira de luta, não eram colocados somente questões de direitos, mas também, quebra de paradigmas, como a mulher ser dona de casa, frágil e submissa ao homem. Ainda segundo Souza-Lobo (1992) citado por Farias (2009), esta revolução das mulheres representa um marco na história do Brasil onde os movimentos femininos se cruzaram com os movimentos sociais nos congressos, sindicatos e nos bairros.

Por anos as mulheres vêm lutando pelos seus direitos. Grandes conquistas foram alcançadas e isso é de suma importância, mas, o movimento feminista em

alguns aspectos reflete as questões da sociedade, que implicam em várias falhas, que permitem uma supremacia branca, elitista, com isso só existindo o feminismo branco. Para modificar este privilégio Ribeiro (2017) fala sobre a luta da mulher negra como um sujeito político que vem quebrando esta hegemonia com discursos correntes cheios de representatividade e coerência.

Por isso, a importância do poder da fala para as mulheres assim como o poder da escrita. Estas formas de linguagem permitem divulgação e expõem o que as mulheres conseguiram conquistar, pelo que elas precisam lutar e manifestar. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.” (RIBEIRO, 2017, p.37). Eu, como mulher negra, tive por várias vezes, minha voz sufocada pelo patriarcado, que fez mulheres brancas sofrerem, mas, historicamente fez das mulheres negras as maiores vítimas[14].

Apesar de questões sobre gênero desencadearem muitos dos questionamentos da atualidade e por séculos trazerem discussões complexas, é nessa complexidade necessária que devemos nos concentrar, pois se torna uma das motivadoras para transformações. E assim o é com o patriarcado, uma vez que esse sistema de dominação, embora ainda presente, vem sendo desmantelado com a intervenção do feminismo, que apesar de passar por algumas “ondas” segue firme, lutando pelos direitos das mulheres em toda a sua extensão.

As discussões sobre o feminismo muito se vinculam ao contexto urbano, e quase não se evidencia sua mediação no campo, embora o campo seja também um lugar de resistência e luta por reconhecimento e por valorização. O que pouco se fala também é sobre quão fortes são as mulheres do campo, que encontram na luta o significado para a vida. Uma destas mulheres foi Margarida Maria Alves. Margarida foi uma sindicalista, paraibana, que lutou até seu último suspiro pelos trabalhadores rurais, em especial, pelas mulheres.

Segundo depoimentos apresentados no Documentário, “*Nos Caminhos de Margarida”,* a sindicalista foi assassinada a mando de fazendeiros da região rural

[14] Entre 2003 e 2013, o número de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8% - de 1.747 para 1.570. No mesmo período, o número de mulheres negras mortas de forma violenta subiu 54,2%, passando de 1.864 para 2.875. (Olerj, 2018)

onde morava[15], para calar uma voz que denunciava a exploração dos fazendeiros sobre os trabalhadores. Ela lutava para que os trabalhadores e trabalhadoras rurais tivessem o direito à terra, direitos trabalhistas e condições dignas de sustento e trabalho.

Depois da morte de Margarida, sua voz ecoou mais forte. Mas como aqui já foi dito, sua voz foi ouvida, infelizmente depois de sua morte. Seguindo a trajetória de lutas que Margarida travava, no ano 2000, aconteceu a primeira "Marcha das Margaridas", em Brasília, organizada pelas mulheres camponesas, que tinham como bandeira o combate à fome, à pobreza e à miséria. Depois desta primeira marcha, a cada ano, aumenta o número de mulheres de todo o Brasil, seja do campo, da cidade, da floresta e/ou das águas, com pautas sobre o direito à terra, a água, a agroecologia, sobre a retirada de direitos e pelo direito à vida da mulher.

A marcha é um dos principais símbolos do feminismo no meio rural. Estas mulheres que se fazem presentes na marcha todos os anos, se encontram em sindicatos, associações e outros espaços para discutir temas importantes para as mulheres, principalmente relacionados ao empoderamento feminino. No ano de 2015, tive a oportunidade de conhecer sobre a *Marcha das Margaridas.* Era lindo aquele mar de mulheres, mas seria mais lindo se eu tivesse o conhecimento que tenho hoje sobre a importância da Margarida, da luta e sobre o significado daquele movimento. Fui convidada para representar minha comunidade junto com uma amiga e meu irmão no Terceiro Encontro da Juventude Rural do Brasil e de alguns países da América Latina. Nos encontramos em Brasília, e no mesmo espaço tinha um estande que contava um pouco sobre a história da *Marcha das Margaridas,* com fotos e divulgação da luta. Foi através desta viagem para participar do encontro que conheci o Lecampo e houve uma grande transformação em minha vida de campesina.

[15] Dados obtidos nos depoimentos trazidos no vídeo-documentário: "Nos caminhos de Margarida", realizado pela CONTAG, Fetag's e Sindicatos.

Foto 5 – Terceiro Encontro da Juventude Rural do Brasil e América Latina

Fonte: Fotografia da autora, dia 27 de abril de 2015.

Foto 6 – Discurso da presidenta Dilma Rousseff aos trabalhadores e trabalhadoras rurais de todo o Brasil e de alguns países da América Latina

Fonte: Fotografia da autora, dia 27 de abril de 2015.

A Marcha das Margaridas tem tido apoio de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG) e de Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Maria José Morais Costa, Secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais Agricultoras Familiares da CONTAG e Coordenadora Geral da Marcha das Margaridas, nos conta que em agosto de 2019, Brasília foi ocupada pelo movimento na luta a favor da

> agroecologia, conservação do meio ambiente e valorização dos modos de vida reproduzidos no campo, na floresta e nas águas. [..] para lutar por democracia e soberania popular, com justiça social e em defesa dos nossos territórios. Para construir uma sociedade livre de violência de gênero e racial, por um país sem homofobia e sem intolerância religiosa (COSTA, 2019).

Estes movimentos desenvolvem, sobretudo, projetos no campo e para o campo que buscam a valorização campesina assim como a promoção de políticas públicas que atendam efetivamente às demandas das comunidades. Dentro do contexto trazido neste trabalho e a fim de entendermos a relação desses movimentos com as trajetórias e lutas das mulheres do campo, acompanhamos o Terceiro Encontro Virtual da Rede com o tema “Des-envolvimento e interseccionalidade no mundo rural: racismo, gênero e desigualdade”. (REDE, 2020)

Participamos do encontro, inclusive levantando questionamentos aos professores e convidados. A professora Karla Hora (UFG) expôs dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) de 2017 sobre o lugar da mulher no meio rural como uma forma de entendermos o lugar social ocupado pelas mulheres do campo e mostrar que ainda existe a desigualdade de gênero. A professora destacou que falar sobre as mulheres, para as mulheres e valorizar as vozes destas mulheres e um ponto de partida para superarmos as desigualdades.

A representante do coletivo LGBT/MST, Aline Luana Oliveira nos exemplificou ações afirmativas e emancipatórios que ocorrem dentro dos acampamentos, como a Agroecologia, “Programa Comida de Verdade”, assembleias com momentos que eles chamam de “Momentos Antipatriarcais”, além de apoiarem a Economia Feminista. Foi uma discussão muito rica especialmente para a construção deste trabalho vem ouvir as mulheres do campo e fazer ecoar suas vozes por muito tempo silenciadas

Algo que despertou grande interesse nessa discussão foi quando Oliveira trouxe em sua fala questões sobre agroecologia. Para a representante do MST

> quando passamos a entender que é necessário contrapor a lógica de um sistema opressor capitalista, que produz e reproduz relações doentes dentro de seus territórios, percebe-se na agroecologia um modo de vida e uma ferramenta de emancipação política, humana, econômica e cultural (OLIVEIRA, REDE, 2020).

A agroecologia é uma preocupação das mulheres do campo, em especial destes movimentos. Cultivar, colher, e voltar os cuidados ao meio ambiente. É verdadeiramente uma atuação em equilíbrio com o meio ambiente, é uma forma de levar para o cultivo no campo (ainda concentrado de agrotóxicos e impactado pelo agronegócio) alternativas agroecológicas e sustentáveis.

Fica claro que os movimentos sociais aliados aos propósitos do feminismo contribuíram significativamente para que o campo e as mulheres do campo permanecessem em luta por terra, por melhores condições de vida, de educação, de trabalho, por valorização à pessoa do campo e por nos fazer entender que o campo pertence a quem dele tira o seu sustento, a quem nele vive e é para ele, o campo, que precisamos nos unir e lutar. Uma representante de nosso munícipio nessa luta constante é Dona Lindaura. Ela nos conta que participou de vários encontros em prol das mulheres do campo.

3. 4 Mulheres do campo.

> Mulher da zona rural, da roça, não desiste do seu pensamento, porque não podemos desistir nunca.
>
> Dona Lindaura

A história nos mostra que nossa sociedade é estratificada segundo critérios políticos, culturais, familiares, econômicos, religiosos, enfim, fatores que momento ou outro nos revela o quão desigual é essa taxonomia. Desigualdade esta que vem criando abismos sociais monstruosos. A miséria, por exemplo, é a realidade de muitas famílias. Segundo Passos (2014)

> as evoluções obtidas pela agricultura brasileira são visíveis e levaram o país ao status de potência mundial na produção de alimentos, estando entre os maiores também nas exportações. Mas enquanto o agronegócio ostenta

> números crescentes, uma parcela da população rural, que não é pequena, ainda tem a fome e a miséria como companheiras. Esta é a realidade de milhares de famílias que vivem no campo em todo o país, apesar de melhoras na economia e de implantação de programas assistencialistas (PASSOS, 2014, p. 23).

Essa realidade por muito tempo foi mascarada no meio rural. A imagem transmitida do campo era de um lugar cheio de fartura e tranquilidade. Mas, nossas sementes biográficas - Dona Rosa, Dona Lindaura e Dona Nega - mostram como suas vidas no campo foram difíceis. Elas relatam de forma contundente sobre como foi a luta para sobreviver a momentos de tanta dificuldade junto de suas famílias.

A desigualdade no campo dentre outros fatores tem relação com a má distribuição da terra, com a herança do coronelismo, em que as terras estão concentradas nas mãos de poucos, levando à questões como a pobreza e exploração da força de trabalho. Na maioria das vezes, o trabalhador rural não é valorizado e os seus direitos não são garantidos. A falta de terra para plantar e colher e, assim, sustentar sua família causa grandes impactos, a exemplo, o êxodo rural. Pequenos agricultores que têm um pedaço de terra não conseguem *competir* com agronegócio, que *massacra* o pequeno produtor contribuindo para que muitos chefes de família saiam de casa em busca de emprego fora do campo.

Fica claro, neste momento, o porquê a mulher do campo tornar-se o principal pilar na sustentação do meio rural: é comum encontrarmos mulheres responsáveis pelo cuidado da terra e da família enquanto o marido e/ou filhos trabalham em outras funções, na busca por melhores condições seja na cidade, em outros estados e até mesmo em outros países. As mulheres do campo deixam seus desejos e vontades de lado para assegurar o bem-estar da família. Dona Rosa, em nossas conversas, relatou que sempre colocou as necessidades dos filhos e da família em primeiro lugar. Na ausência do seu marido, ela e seus filhos trabalhavam muito em sua pequena propriedade e para outras pessoas. Fernandes afirma que

> o empobrecimento crescente e a dificuldade enfrentadas pelos camponeses para produzir a sobrevivência da família em seu pedaço de terra obrigam os homens a buscar alternativas para completar o seu rendimento, trabalhando como assalariados temporários nas terras dos grandes e médios proprietários capitalistas, mesmo em outras regiões, deixando suas lavouras sob a responsabilidade das mulheres e crianças. E, na medida em que a busca dos meios de vida é mais importante, muitas delas têm também de trabalhar para os outros, engrossando o contingente das mulheres assalariadas.
>
> As mulheres proletárias, assalariadas de forma permanente ou temporária, já em grande número e tendendo a crescer, compõem com as camponesas

> a grande força de trabalho feminino na produção agrícola. Na medida em que são obrigadas a buscar os meios de vida através do salário, trabalhando nas grandes e médias explorações (FERNANDES,1985, p.34).

A família para mulher, não somente para a do campo, é algo pelo qual ela luta todos os dias. Como disse Dona Rosa *"enquanto eu não via meus filhos bem alimentados eu não comia"*. Dona Lindaura traz em seu relato que após a morte de sua mãe cuidou dos seus irmãos como se fossem filhos. A família é a base de tudo. Por isso, em muitos momentos, se esquecem delas mesmas e vivem pela família, em especial pelos filhos. Apesar desta dedicação e trabalho, as mulheres do campo não recebem a valorização que merecem, muito em função de uma estrutura familiar pautada no sistema patriarcal, onde a mulher são colocada em segundo plano.

> É certo que muitos desses elementos, seja de ordem estrutural, valorativos ou morais, –, como machismo, submissão da mulher, autoridade, obediência, fidelidade etc. – estão presentes nas diversas organizações familiares. No espaço da família é claramente definido e separado o lugar do homem do da mulher, não só sob o ângulo da relação de autoridade e obediência, mas até mesmo da divisão do espaço físico moralmente definido: “lugar de homem e cachorro é da sala para a rua, lugar de mulher e gato é da cozinha para o quintal”. Essa divisão expressa também a distribuição de tarefas, em que as mulheres se encarregam dos cuidados da casa e da educação dos filhos, enquanto ao homem cabe a direção da família e do trabalho de produzir o seu sustento. As tarefas das mulheres são consideradas como trabalho improdutivo e não socialmente necessário. Porque não remuneradas, essas tarefas e o lugar da mulher na família são valorativamente menos prestigiados. Essa diferenciação, por sua vez, define a discriminação sexual da mulher. A pomposa expressão burguesa para designar a mulher “a rainha do lar” deveria ser substituída pela expressão real “a escrava do lar”. (FERNANDES, 1985, p. 35)

Antes de ser mãe, a mulher do campo, desde pequena, é criada para ajudar sua mãe no trabalho doméstico. Muitas meninas são proibidas de brincar fazendo da infância um momento perdido. Seu comportamento também tem que ser velado, “menina de família” não brinca com meninos, não fala palavrão, tem sempre que ir à igreja e tem que aprender a fazer comida e cuidar bem da casa para conseguir um bom casamento e casar nova. Estudar para quê?, se vai ser “dona de casa”. Além disso, depois de casada, a mulher do campo sempre foi incentivada a ter muitos filhos que, em uma espécie de “círculo hereditário”, também eram criados para os mesmos propósitos, levando a questão de gênero como um critério para a “distribuição de responsabilidades”.

Foi assim a minha vivência na comunidade e é assim como relatam a maioria das mulheres do campo com quem tive contato durante a vida. Criadas com normas do patriarcado e da igreja, as mulheres não tinham um conhecimento do próprio corpo, acreditavam que a relação sexual por prazer era um pecado. Na verdade, a relação sexual era somente para a reprodução. Isso é corroborado pela pesquisadora Alie Van Der Schaaf (2003), quando traz um estudo sobre *O jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul*. Para a autora

> tradicionalmente, a sexualidade feminina servia à função de manutenção da coletividade da família e da propriedade agrícola, de acordo com o sistema ideológico vigente. Na roça, isso era fundamental uma vez que garantia a continuidade da força de trabalho e, assim, do estabelecimento.
> As agricultoras contaram que as poucas informações recebidas eram passadas nas “entrelinhas”, de mãe para filha, dentro de um imaginário em que o corpo e o sexo eram relacionados com o pecado. Assim, desenvolveram-se o medo e a vergonha em relação ao sexo e aos homens, que, nesta visão, roubavam a “pureza” das mulheres, o que resultava numa grande falta de conhecimento. “Até o dia de meu casamento, eu não sabia de onde vinham as crianças. Diziam que vinham do banhado. Depois pensava que cada vez que se fazia sexo crescia o nenê. Comecei a entender depois” (SCHAAF, 2003, p.427).

O trabalho da mulher do campo foi e ainda é visto somente como trabalho doméstico, apesar de também produzirem e serem donas de propriedades. Entretanto, as mulheres do campo cuidam dos animais, são responsáveis pela horta e trabalham na lavoura, geralmente, junto de seus maridos ou sem eles. Mas, isso não é visto como trabalho e sim como uma simples ajuda. Para Ana Paula Villwock *et al*,

> muitas vezes o trabalho realizado pela mulher agricultora não é visto, e tão pouco reconhecido como um trabalho, sendo que o mesmo, na maioria das vezes, é mais considerado como afazeres domésticos, ou como um modo de ajuda. Ainda, ressalta-se que além do trabalho da mulher ser considerado complementar ao do homem, o respeito à submissão e obediência das mulheres aos homens, seja pai ou marido, existe desde quando o patriarcado era quem detinha o poder familiar. (VILLWOCK, 2016, p.3)

No meio rural há um grande número de mulheres que sofrem silenciadas uma violência doméstica, depressão, exploração, discriminação, entre outras violências. Elas se dedicam à casa, à família, à agricultura e em muitos momentos são deixadas de lado, algumas não recebem carinho dos maridos e sofrem também com

muita infidelidade conjugal. Além de se sentirem invisíveis e com autoestima baixa por uma herança ainda forte no campo atribuída ao costume da soberania dos homens, fruto de um patriarcado enraizado no meio rural. Schaaf (2003) reitera que

> a funcionalidade nos relacionamentos entre os casais na roça se caracteriza, de forma geral, pela autoridade masculina e pela ausência de mostras de carinho e diálogo. Os homens geralmente não consultam as mulheres nas decisões de compra, não as informam sobre as suas andanças e planos e são rudes no contato com elas. As mulheres, por sua vez, indicam sofrer muito por causa da desconsideração dos homens e por se sentirem depreciadas, excluídas, sozinhas e isoladas. Uma mulher revelou sua enorme tristeza pelo fato de o marido nunca a ter chamado por seu nome. No movimento, o uso do próprio nome tornou-se importante já que é uma expressão da valorização da mulher, contrariamente ao costume tradicional de referir-se à mulher como “esposa de”.
> No trabalho de campo, encontrei muitos casos de depressão feminina, ou, como as próprias agricultoras dizem, “que sofrem dos nervos”. Solidão, falta de contatos sociais, trabalho rotineiro, dupla jornada de trabalho, doença, difícil relacionamento com o marido e pobreza constantes são algumas das razões indicadas (SCHAAF, 2003, p.428).

Um acalento que tem contribuído para que as mulheres do campo superem essas situações de violência, além de possibilitar um conhecimento e reconhecimento sobre o seu lugar, sobre a importância do seu papel no campo, são os movimentos sociais, assim como os sindicatos dos Trabalhadores Rurais. Movimentos que vêm desempenhando projetos com um trabalho coletivo, em várias localidades rurais do Brasil. Um exemplo é a organização da Marcha das Margaridas, movimento que vem fomentando nas mulheres trabalhadoras do campo, das florestas e das águas a força necessária para lutar em prol de seus direitos, seja na luta pela terra, na luta contra violência doméstica, na luta “pela agroecologia, pela conservação do meio ambiente e valorização dos modos de vida reproduzidos no campo, na floresta e nas águas.” (COSTA, 2019)

> Através do movimento, as mulheres recebem consolo e amizade das companheiras e podem canalizar seus medos, angústias e frustrações. Portanto, embora de formas diferenciadas, a participação no movimento parece significar a criação de um lugar único de emancipação individual e coletiva. O movimento propicia-lhes a oportunidade de prestarem atenção a si mesmas como pessoas, de conhecerem melhor o seu corpo. (SCHAAF, 2003, p. 429)

Assim como traz Paulo Freire (1986), se o nosso sentimento de liberdade, de *empoderamento*, não contribuir para a liberdade do outro, esse sentimento não fará sentido enquanto um ato social. Quando um grupo trabalha para que haja

emancipação tanto individual quanto coletiva, a transformação da sociedade não é apenas uma utopia.

Assim, embora por muito tempo o papel da mulher campesina tenha sido silenciado e seu trabalho pouco valorizado, é inegável o avanço das discussões que vêm reconhecendo a mulher do campo. Por isso, ouvir e ecoar a voz destas mulheres é fundamental para garantir os seus direitos e sua valorização. Esse cenário tem se alterado e a representatividade da mulher do campo vem sendo colocada em evidência. O que não descarta a necessidade de se discutir sobre a questão de gênero no meio rural. Segundo Maria Izilda Matos (2013)

> as pesquisas nesta temática podem dinamizar as conexões entre história passada e prática atual, contribuindo para difundir que as construções/relações de gênero não são inertes, mas mutáveis e reconstruíveis (MATOS, 2013, p.7).

Quando eu entrei no LECampo, não tinha a menor ideia de como as coisas iriam acontecer. Entrei e fui me envolvendo em todas as temáticas. Os questionamentos provocados pelo curso foram promovendo uma transformação em mim de tal forma que comecei a ter orgulho de quem sou: uma mulher do campo. Mas para além disso, através do curso passei a reparar a mulher que mais me inspirou na vida, dona Rosa, minha mãe. Mesmo com sua garra e coragem, não se sentia orgulhosa de sua história e da mulher do campo que se tornou.

Então senti-me individualmente energizada para fortalecer outras mulheres e mostrar ao mundo, ou pelo menos no meu curso, a grande mulher que minha mãe é. Uma campesina que lutou várias batalhas para chegar onde está hoje. Durante esta caminhada de valorização deste ser tão especial, eu vi o poder de mais mulheres, a exemplo de Dona Nega e Dona Lindaura, com histórias de vida tão lindas. No desenvolvimento deste estudo pude perceber que era muito difícil encontrar histórias como destas mulheres em livros, artigos e vi o quanto isso era necessário. Pude perceber que estava no caminho certo. Estas histórias precisavam ser contadas, e por elas próprias, afinal, a história é delas. Saffioti (2011) revela a necessidade de ter mais trabalhos femininos expostos para sabermos o que realmente acontece na visão das mulheres:

> Não se trata de defender a tese de que os estudos sobre mulher(es) devam ceder espaço, inteiramente, aos estudos de gênero. Há ainda muita necessidade dos primeiros, na medida em que a atuação das mulheres

> sempre foi pouquíssimo registrada e que, por via de consequência, a maior parte de sua história está por ser estudada. (SAFFIOTI, 2011, p. 103)

4 - CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

> Eu via as coisas, via as letras e sou cega. Eu não sei letra nenhuma ali. Eu tenho que sou tipo cega. É muito importante a educação. Estudar! O tanto que a pessoa puder estudar é muito bom.
>
> Dona Rosa

Para compreender essas histórias, tomamos como base uma pesquisa qualitativa, pois através dessa modalidade existe uma preocupação em retratar os dados sob a perspectiva das participantes. Na busca por resgatar as histórias de vida dessas mulheres, dentro de uma abordagem qualitativa, encontramos como procedimento de investigação biográfico, a História de vida. A intenção era a de estar mais próximo das depoentes, a fim de facilitar a compreensão das experiências vividas. Para Nogueira *et al*,

> em termos gerais, o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. (NOGUEIRA *et al,* 2017, p. 468)

A História de Vida assim como foi destacada por Nogueira norteou o desenvolvimento deste trabalho, e para a obtenção e coleta dos dados, informações e depoimentos foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevistas semiestruturadas, gravação de vídeo, bem como a observação em campo, acompanhando a rotina das participantes.

Inicialmente, entendemos que seria importante coletar algumas informações a partir da observação em campo. Para Lakatos, ela permite que o pesquisador “identifique e obtenha provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS *apud* BONI e QUARESMA, 2005, p. 71). Assim, foram traçadas algumas etapas para identificar e obter provas que nos levassem ao objetivo central deste trabalho: compreender as lutas e trajetórias das mulheres do campo, representadas por nossas entrevistadas.

Participaram das entrevistas quatro mulheres do campo, que atualmente residem no município de Novo Cruzeiro, localizado no Médio Jequitinhonha. São elas: Dona Lindaura, Dona Nega, Dona Rosa e Josiane. O critério básico para a seleção dessas participantes foi a relevância das mesmas à compreensão do papel da mulher do campo, temática principal do trabalho.

O primeiro passo foi observar e ter uma conversa com as mulheres escolhidas sobre o que é o trabalho, como ocorreria a entrevista, o local e data a serem definidos por elas e os caminhos para a produção de um documentário.

O segundo passo foi desenvolver um roteiro de conversa (em anexo, anexoIII)e discuti-lo com as entrevistadas para que elas se sentissem mais à vontade com os temas a serem abordados, como família, infância, trabalho, educação, dificuldades e desafios encontrados em ser uma mulher do campo entre outros que foram surgindo ao longo da conversa.

Segundo Lakatos *apud* Boni e Quaresma (2005)

> a preparação da entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa que requer tempo e exige alguns cuidados, entre eles destacam-se: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (LAKATOS *apud* BONI e QUARESMA, 2005, p. 72).

Neste sentido, a partir de nossas percepções iniciais e o desenvolvimento de um roteiro de conversa conseguimos dar início às entrevistas. A utilização da entrevista como instrumento de aproximação e escuta das participantes nos permitiu uma diretriz inicial a seguir, mas conduziu-nos a conversas abertas, cheias de espontaneidade e adaptáveis, conforme o diálogo foi evoluindo, fornecendo-nos dados relevantes ao trabalho. Conforme afirma Júnior (2011) “a entrevista permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilita a construção de um trabalho rico.” (2011, p. 237).

Ao fim da conversa, partimos para a análise dos dados. Fizemos um mergulho analítico para buscar no material coletado indicações que nos levaram ao entendimento das questões da pesquisa. No capítulo 6, traremos nossas

percepções e apresentamos as vozes de nossas sementes biográficas, as mulheres cujas vozes nos tocaram profundamente.

Por fim, com o objetivo de ecoarem-se as vozes dessas mulheres tão fortes e batalhadoras, a pesquisa culminou na produção de um documentário e uma cartilha. No documentário, assim como na cartilha evidenciamos parte da luta das mulheres do campo e sua resistência frente ao patriarcado ainda muito presente. Esperamos com este produto sensibilizar e visibilizar mais ainda o papel da mulher no contexto campesino.

Para falar sobre o documentário, precisamos falar da escolha do tema. Foi pedido pela professora Dra Keli Cristina Conti[16] que em uma aula todos os estudantes da turma do Lecampo Matemática 2016, apresentassem o tema do seu trabalho de conclusão de curso (TCC), para alguns outros professores e monitores, para que eles pudessem nos auxiliar com os temas. Chegou minha hora de apresentar. O tema, a princípio, era relacionado às egressas do Lecampo - Matemática 2012 (não me recordo o título do trabalho). Lembro-me que comecei a falar como seria o trabalho e por alguma razão recordei de minha mãe, como ela é uma mulher do campo tão sábia e não se enxerga assim. Me emocionei muito, por falar dela e no quanto ela significa para mim.

O professor Dr. Filipe Fernandes[17] estava na sala com sua orientanda de mestrado Gleice Moraes[18], e sugeriram que eu trabalhasse o tema *Mulheres do Campo*, sendo minha mãe, Dona Rosa, uma das mulheres da pesquisa e depois acrescentasse mais algumas mulheres. Pensei em Dona Nega, professora aposentada da comunidade e Dona Lindaura, sindicalista e diretora da associação de moradores do município. Então ficou assim decidido. Eu iria pesquisar sobre mulheres do campo e já havia definido as entrevistadas.

Depois no intervalo da aula, a mestranda Gleice, emocionada com meu relato, deu-me uma sugestão de título para o projeto *"Mulheres do Campo: histórias e trajetórias de vida"*. Gostei muito da sugestão e mal sabíamos o que o destino iria

---

[16] Professora Adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), integrando o grupo de Educação Matemática e o Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência (Promestre), onde coordena a linha de Educação Matemática

[17] Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP, Rio Claro). Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, coordena o grupo de estudos *inSURgir* e integra o Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo (NEPCampo).

[18] Mestranda em Educação: conhecimento e inclusão social na Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). Integra o grupo de estudos *inSURgir*.

nos reservar. Alguns dias depois, o professor Filipe Fernandes ministrava uma aula sobre história oral para os alunos que seriam seus futuros orientandos e eu era um destes.

Durante as discussões sobre História Oral, senti a necessidade de compartilhar o desejo de fazer um vídeo sobre as entrevistadas. Elas mesmas contando suas histórias, sem mediador, e se poderia ter um TCC com esse formato, na verdade, um produto final. O professor Filipe, gostou da ideia e ainda acrescentou que conhecia uma pessoa que trabalhava com edição de vídeo. Esta pessoa se tornou minha orientadora, a mestranda Gleice Moraes.

No segundo contato com Gleice criamos uma conexão maravilhosa e fomos desenvolvendo o trabalho. Quando foi minha primeira qualificação, relatei sobre o progresso da pesquisa e da construção do documentário para a banca avaliadora, aonde estavam presentes a professora Dra. Vanessa Tomaz[19], o professor Dr. Luiz Paulo Ribeiro[20], a professora Keli e minha orientadora, Gleice.

Após a apresentação do desenvolvimento do trabalho, a professora Vanessa nos sugeriu a criação de uma cartilha, com o intuito de complementar o documentário, pois ela já havia orientado um trabalho parecido com um grupo indígena. A professora sentiu a necessidade de criar a cartilha para fazer uma melhor divulgação do documentário. Desta forma, aceitamos a sugestão com muito gosto e começamos a desenvolver a cartilha.

Nesta mesma qualificação a Professora Keli sugeriu que houvesse outra mulher na pesquisa, que seria eu Josiane, por minha história, que se mistura com a das outras mulheres e se faz única. Também vimos essa sugestão com muita alegria e me incluí como uma das vozes a serem ouvidas no documentário.

Além disso, o professor Luiz mencionou que a construção do documentário e da cartilha não excluiria a elaboração de um texto escrito, que trouxesse um

---

[19] Professora associada do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação-UFMG. Membro do colegiado da Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas onde é coordenadora da turma de habilitação em Matemática. Participa do Grupo de pesquisa em Teoria da Atividade Histórico-cultural na pesquisa em Educação (CHATER), desenvolvendo pesquisas sobre aprendizagem matemática dentro da perspectiva da teoria da atividade histórico-cultural com foco: nas práticas matemática em sala de aula, em diferentes contextos escolares, educação escolar indígena, interdisciplinaridade e docência na Educação Básica e Superior. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Intercultural Indígena - GPEEI, liderando a rede de Pesquisa Maxakali Hãm Yĩkopit (Perguntar para a terra) com membros indígenas e não-indigenas.

[20] Professor Adjunto A no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (DECAE - FaE - UFMG). Coordena as atividades do Grupo de Estudos sobre Representações Sociais (GERES), participa do Colegiado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e coordena as atividades da linha de Pesquisa de Psicologia, Psicanálise e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da FaE-UFMG.

referencial para o trabalho. Neste sentido, e trazendo grande contribuição ao estudo, vimos a real necessidade de entender termos como o *patriarcado, o feminismo,* e outros movimentos que se relacionam às mulheres do campo. Enfim, em função disso, construímos este trabalho trazendo um referencial que, como traremos no capítulo 5, corrobora o saber de vida e luta das mulheres do campo e nos ajuda a entender melhor sobre os processos sociais que se apresentam no campo.

5 – SEMENTES BIOGRÁFICAS

Neste capítulo trouxemos um pouco sobre as mulheres que nos foram referência para o estudo desta pesquisa. Ao final, foi percebido que além de nos contarem algo que corroborou para este estudo, nos ensinaram um saber de vida e luta que transcende o acadêmico sem contradizê-lo.

5.1 Dona Lindaura

Você tem sua leitura e eu não tenho, mas eu dou conta.
Dona Lindaura

Foto 7 – Dona Lindaura em seu jardim de flores

Fonte: Fotografia da autora, dia 22 de dezembro de 2019

Mulher forte, de setenta e seis anos, moradora do município de Novo Cruzeiro, Minas Gerais. Lavradora aposentada e diretora sindical orgulhosa. Dona Lindaura, uma mulher de trajetória de luta desde muito nova, teve que abandonar os estudos para ajudar no sustento da casa. Aos 19 anos se viu com grande responsabilidade de cuidar e sustentar seus irmãos após o falecimento de sua mãe e abandono do pai. De forma agregada, ela se mudou várias vezes para continuar trabalhando e cuidando dos seus irmãos até começar a trabalhar para seus futuros sogros, onde conheceu seu marido, com quem se casou aos vinte e cinco anos de idade, e que acolheu seus irmãos. Assim, ela formou sua família e sempre trabalhando e batalhando muito, sem perder a esperança e a generosidade.

Meu primeiro encontro foi com dona Lindaura. Fui ao sindicato e conversei com ela sobre o trabalho. Ela ficou muito feliz e se sentindo honrada em participar. Ela ainda disse que não poderia escrever sobre nada pelo fato de ser analfabeta, mas, estava aberta para responder tudo o que eu quisesse. Marcamos uma ida na casa dela em um sábado. Chegou sábado! Meu primo Heleno me levou de moto até a casa dela porque é uma comunidade um pouco longe da minha. Esta comunidade se chama Campo do Meio. Chegamos na comunidade e a encontramos na casa de seu irmão. Ela vaidosa estava fazendo as unhas. Então, como ela estava ocupada começamos a conversar brevemente. Ela me contou sobre sua ida para a comunidade Campo do Meio e sobre os trabalhos que ela já tinha realizado. Durante a conversa ela me perguntou como seria a entrevista. Eu falei que iria filmá-la e fazer algumas perguntas. Ela ficou dispersa e falou que não era para filmar porque estava desarrumada, tive que marcar para o dia seguinte. Como disse: dona Lindaura é vaidosa!

No dia seguinte, meu irmão Geraldo me levou até a casa dela e ao chegar lá encontrei ela com as filhas. O seu marido estava dormindo. Ela me chamou para um espaço no quintal que sua filha criou com várias plantas e flores. Antes de começarmos fizemos uma oração juntamente com sua filha e fizemos a entrevista. Muito comunicativa, conversamos muito.

5.2 Dona Nega

> Tanta coisa que a gente encontrava de ruim. As pessoas não achavam que a gente tinha que estudar. A gente tinha que ficar mais era na roça.
>
> Dona Nega

Foto 8 – Dona Nega no quiabeiro de sua casa

Fonte: Fotografia da autora, dia 27 de dezembro de 2019

Maria da Silva Santos Nunes é o nome dela. Mais brasileiro impossível! Moradora do município de Novo Cruzeiro, Minas Gerais. “Dona Nega” o apelido da vida e como gosta de ser chamada. Mulher determinada que, com infância pobre, teve que ir para a cidade estudar. Sofrendo preconceito por ser campesina, ela estudou até a quarta série, na qual possibilitou àquela época dar aula na escola do campo para adultos. Isso com apenas quinze anos. Apesar de toda a dificuldade, ela sempre teve o apoio dos seus pais. Após o seu casamento e já com duas filhas ela voltou a estudar e terminou o ensino médio e continuou dando aula. Através da Lei 9.394/96, em seu artigo 87, parágrafo 4º[21], foi determinada a necessidade de ter curso superior para professores e em Paracatu Dona Nega voltou a estudar, agora na faculdade, e com mais duas filhas. Ela conseguiu tudo isso com total apoio do seu marido. Já aposentada da carreira escolar, ela segue a vida no campo se sentido grata por tudo que passou na vida e orgulhosa que através de seus estudos pôde educar suas filhas.

Minha segunda entrevistada, Dona Nega, foi convidada a participar em um dia em que ela esteve em minha casa para uma visita rotineira. Meu encontro para esta pesquisa aconteceu em sua casa na comunidade do Córrego do Cedro, que é minha comunidade também. Conversamos sobre as perguntas que iria fazer para ela.

[21] Lei 9.394/96. Art. 87 - É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei. § 4º Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço.

Então ela se arrumou e fomos fazer a entrevista. Ela se emocionou. Foi muito bonito de vê-la!

Depois de terminar ela me chamou para o quiabeiro de onde tirou um balde de quiabo e me deu.

5.3 Dona Rosa

> Não tive como estudar. Hoje eu não tenho estudo. Pra mim assinar tem que ser tudo com o dedão e sinto muita vergonha por isso. Mas desse jeito que eu sou, pus meus filhos tudo, uns sabem um pouco a mais outros menos, mas sei que tudo, graças a Deus, estudou. Mesmo eu sendo do jeito que eu era, pus eles, todo mundo pra estudar.
>
> Dona Rosa

Foto 9 – Dona Rosa no quintal de sua casa

Fonte: Fotografia da autora, dia 12 de fevereiro de 2020

Um exemplo de mulher. Aos setenta anos e aposentada, ninguém, nem mesmo eu, que sou filha, imagina as lutas que ela que teve enfrentar desde muito nova. Aos nove anos ela perdeu seus pais de forma trágica, com isso ela teve que trabalhar muito jovem juntamente com seus irmãos. Ela não teve oportunidade de estudar e isso é uma das suas maiores frustrações. Aos dezesseis anos ela teve que se casar e após um ano de casada teve sua primeira filha. Com muito sofrimento e luta, dona Rosa criou seus doze filhos trabalhando como lavradora, meeira dentre outros trabalhos. Hoje sua maior alegria é ver seus filhos bem e encaminhados.

Foi difícil convencer minha mãe, Dona Rosa, a fazer a entrevista. Ela estava envergonhada, por ser analfabeta. Ela acreditava que não tinha valor. Então foram meses e meses conversando e explicando o quanto ela era importante e que este estudo só estava acontecendo graças a sabedoria e força dela, o que me inspirou a fazer este trabalho. Conversamos sobre ela nunca ter tido a oportunidade de estudar, mas, a história dela vai ser contada em uma Faculdade Federal. Depois disso, vi o orgulho de tudo isso brilhar em seus olhos e marcamos o dia e a hora da entrevista.

No dia, ela estava nervosa e pediu que lesse as perguntas para ela se preparar. Li todas as perguntas, e ela entendeu como seria tudo. Então perguntei onde ela queria fazer a entrevista. Ela me disse: *perto das flores*. Assim seguimos. Montei tudo e com a ajuda do meu irmão mais novo, que estava aqui de férias, fizemos a entrevista. Ela foi tão natural e disse palavras lindas que até hoje me emocionam.

5.4 Josiane Ramalho de Almeida

> Sabe, teve momentos que julguei muito a minha mãe e meu pai nas atividades que eles tinham comigo antes. Hoje eu entendo porque tudo isso. Eles não fizeram por mal. Era a forma que eles conheciam e eu posso fazer diferente.
>
> Josiane

Foto 10 – Josiane no Jardim Mandala da UFMG

Fonte: Fotografia da autora, dia 19 de janeiro de 2020

É muito difícil falar de nós mesmos, principalmente quando as cicatrizes deixadas com o tempo ainda nos marcam profundamente, mas vou tentar. Esse trabalho tem mostrado que o silêncio produz mais silêncio. Como o intuito principal é fazer-se ecoar as vozes das mulheres, antes silenciadas, trago um pouco da minha história, pois ao contá-la, vejo como uma forma de libertar-me e assim contribuir para que outras mulheres possam sentir-se livres também.

Eu sou uma jovem negra de vinte e cinco anos, campesina, estudante, sempre lutando contra minhas batalhas que a vida trouxe. Em busca de um futuro melhor, sendo a única de doze filhos a ingressar em uma faculdade. Hoje, na reta final do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Matemática. Trago minhas vivências e de outras mulheres que têm trajetórias de vida incríveis para serem apresentadas para o mundo através de um documentário.

Durante as entrevistas, fui percebendo o quanto a minha história também merece ser contada. Eu realmente enxerguei isso na qualificação quando a professora Keli Cristina falou que eu merecia contar minhas vivências e como eu cheguei no momento que estou hoje. Engraçado! Eu quis ouvir e ecoar as vozes destas mulheres maravilhosas e esqueci minha própria voz e minha importância.

Bom, desde criança fui muito de questionar tudo e ser muito diferente das outras meninas da minha idade. Não me identificava com as brincadeiras e assuntos das meninas e na escola era cercada pelo convívio dos garotos. Identificava-me com as *brincadeiras masculinas*. Ao menos naquela época dizia ser, mas, nunca vi distinção. No entanto, para minha família e pessoas da minha comunidade, eu não deveria brincar, nem ficar tão próxima dos meninos. Eu perguntava minha mãe e ela sempre repetia que meninas têm suas obrigações e não era *de bons olhos* ser vista como se eu fosse um dos meninos. Então, desde muito nova, eu tinha que ajudar minha mãe com as tarefas de casa enquanto meu irmão saia para brincar.

Confesso que tinha dias que fugia para jogar futebol com os garotos e quando chegava em casa minha mãe me dava uma bronca e me chamava de “machofemia”, que no significado dela eu era menina fazendo o que os outros meninos estavam fazendo.

Com o tempo comecei a sentir raiva de ser mulher, não me sentia livre. Eu tinha jeito certo de falar, andar, sentar e de me comportar, em hipótese alguma, principalmente na adolescência, eu poderia andar sozinha ou sair sem falar para

onde iria. Não poderia ser amiga de meninas mal faladas e nada de roupas curtas ou decotadas.

Recordo-me, na escola, eu estava no sexto ano e fui com shorts jeans para escola no dia em que iríamos só ver um filme. Um garoto de outra turma que via o filme conosco, bem mais velho, passou as mãos na minha coxa e queria pegar no meu bumbum. Eu saí da sala desnorteada! Foi o primeiro assédio que sofri. Então criei coragem e fui até a direção da escola e contei tudo. Mas fui totalmente humilhada. A diretora disse "*Lógico que os meninos vão fazer isso. Olha a roupa que você vem para escola".* Me senti tão mal com isso que até uns tempos atrás me afetava. Depois do assédio, a primeira vez que voltei a ir a um local de ensino com shorts foi na faculdade e eu pensei duas vezes antes de vestir algo assim.

Eu comecei a criar em mim a necessidade de me provar. De mostrar que eu conseguiria fazer qualquer coisa, por ser sempre comparada, principalmente com meu primo e meu sobrinho, que tinham a mesma idade. Então a ansiedade entrou na minha vida. Com a ansiedade, eu comecei a comer muito. Eu tinha apenas oito anos de idade e engordei. O *bullying* apareceu. Todos os dias, aqueles apelidos maldosos dos meninos com quem eu sempre estava. Como aquilo doía em mim. Eu chegava em casa e chorava o resto do dia.

Então minha mãe pedia para que eu não me importasse com aquilo. Eu parava de chorar, mas comecei a sentir muita raiva. Esse sentimento foi acumulando. Meu professor de Educação Física da época e que foi meu professor por vários anos, percebeu esta raiva toda e me ajudou a controlar fazendo eu praticar esportes. Foi assim que nasceu em mim a vontade de ser atleta. Queria muito ser jogadora de vôlei. Mas veio o acidente do meu pai. Sentia a obrigação de ser responsável e ajudar minha mãe. Isso me amadureceu para muitas coisas, mas, me privou de outras.

Ver meu pai naquela situação me machucou. Então fui guardando todos estes sentimentos. Não queria parecer fraca! Meu pai não podia ver isso e minha mãe precisava de mim.

Me formei no Ensino Médio e ingressei no mercado de trabalho. Meu pai já tinha voltado para casa depois de um tempo e estava bem, apesar da sua deficiência, que não o impedia de trabalhar.

Com meu pai e minha mãe aposentados, senti a vontade de sair de casa para trabalhar na cidade, pois achava que na *zona rural não tinha futuro*.

Fui trabalhar na minha cidade. Trabalhava muito, mas era desvalorizada. Comecei a me destacar na empresa. Com isso, fiquei mais próxima do chefe. Com tempo de trabalho, reparei os olhares e uma aproximação desnecessária. Como ele via que não teria nada comigo começou o assédio moral e psicológico. Na época, eu acreditava que não iria conseguir outro emprego porque ele relatava que nunca iria deixar eu trabalhar em outro lugar. Um dia, ele bêbado, tentou abusar de mim. Foi o dia mais difícil da minha vida. Eu fugi para casa dos meus pais e sem contar nada do que aconteceu para eles e para ninguém, me afundei em uma grande tristeza e sensação de culpa.

Minha mãe, preocupada comigo e sensível ao me ver daquele jeito, me levou ao médico. Ele disse que eu estava com princípios de depressão e transtorno de ansiedade, em um grau elevado. Receitou remédios antidepressivos e para fazer terapia. Sofri julgamentos. Minha mãe me relatava que as pessoas próximas falavam que eu tinha frescura e preguiça, dentre outras condenações.

Depois, com muita luta, consegui vencer a depressão e parei de tomar os remédios. Comecei a enfrentar as consequências de tudo que havia acontecido, principalmente em relação aos boatos que o antigo chefe criou sobre mim na cidade. Foi muito difícil conseguir outro emprego e fiquei muito tempo na casa dos meus pais.

Não consegui outro emprego e parei de ir às terapias, o que considero ter sido um grande erro. Criei um mecanismo de defesa: não me relacionava com ninguém do gênero masculino. Sentia-me muito mal com os olhares nas ruas e cantadas, comecei a me sentir sozinha e com receio de acontecer tudo de novo. Sem trabalho e dinheiro, queria muito ingressar na faculdade. Mas sem a menor possibilidade de pagar o curso que queria fazer no momento. Meus pais não tinham condições de me ajudar e ainda me sentido derrotada, pois estava na roça, sem emprego, sem dinheiro e sem estudar. Então, já no ano de 2015, fui convidada para uma viagem à Brasília, representando a juventude rural de Novo Cruzeiro.

Esta viagem mudou minha vida. Conheci Marisa, que era egressa do Lecampo. Marisa é hoje uma grande amiga. Foi ela quem apresentou o curso Lecampo. Durante o evento, que falava sobre a juventude rural, me senti, pela primeira vez depois de tempos *aprisionada*, tão livre. Dancei, cantei e conheci pessoas de todo o Brasil e até fora do país. Depois que voltamos, ela me ajudou a fazer a inscrição para o curso e então entrei no Lecampo.

Quando eu comecei a estudar no Lecampo e a criar um autoconhecimento e valorização da minha origem, do meu lugar e das pessoas que aqui estão, passei a entender sobre os meus direitos, deveres, política, políticas públicas. Entendi que o que aconteceu comigo foi um crime. Antes eu não conseguia enxergar isso. A sensação de culpa foi desmantelada e consegui falar para algumas pessoas sobre o que havia acontecido comigo, me libertei e senti vontade de libertar outras mulheres para que elas consigam contar suas histórias também.

6 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capitulo traremos as falas das quatro mulheres da comunidade de Novo Cruzeiro, que nos contaram um pouco sobre suas lembranças, dificuldades, alegrias e experiências vividas no campo. Essa escuta nos sensibilizou e nos provocou a pensar sobre como é a vida da mulher campesina.

> Morando na roça ou não, não desistir dos sonhos. Eu acho que a gente tem sempre que ir à luta. Não é porque a gente mora na roça que a gente não vai conseguir as coisas que a gente quer. Se a gente tiver uma determinação. Se a gente lutar, a gente consegue.
>
> Dona Nega

Para fazer-se conhecer uma boa história ela precisa ser contada. E para esta história ser contada tem que haver uma oportunidade. Oportunidade que tem sido historicamente rara, especialmente para as mulheres trabalhadoras, do e no campo, na verdade, quatro mulheres trabalhadoras do e no campo, de uma comunidade pequena no Vale do Jequitinhonha. No entanto, a narrativa dessas histórias de vida tornou-se possível através da Educação, e um pouco delas estão escritas nestas páginas com carinho e respeito.

Pela Licenciatura em Educação do Campo, uma jovem do campo *abriu seus olhos* para seu lugar, para si mesma, despertando um orgulho de ser campesina e uma necessidade de entender o campo e seus sujeitos. Em especial entender a vida e a luta de três mulheres, Dona Lindaura, Dona Nega e Dona Rosa, as quais chamamos de nossas *Sementes Biográficas*, por serem a fonte basilar deste estudo. Assim como trouxe Dona Nega, *a educação é tudo! Educação é importante demais. A educação abre caminhos como nenhuma outra coisa é capaz de abrir*

(Informação Verbal).[22] E foi impulsionada pela fala de Dona Nega que descobri a possibilidade de abrir caminhos ao povo campesino e, em especial, à mulher do campo no sentido de fazer-se ecoar as suas vozes, melhor dizendo, nossas vozes.

Quando me dispus a trabalhar com este tema, criei várias expectativas e conclusões prévias de como seria o trabalho, e muitas delas foram desmanteladas. Apesar das histórias de vida narradas parecerem similares, cada relação ali contada apresentou-se como algo próprio, individual e especifico de cada uma das mulheres entrevistadas. Vivências que se atravessam, mas cada qual com sua peculiaridade.

Durante a pesquisa percebi que a desigualdade social foi algo que moldou a vida delas por anos. A desigualdade no Brasil não é um problema da atualidade. Instituída principalmente pela má distribuição de renda, desde colonização do país, onde as terras foram distribuídas nas mãos de poucos, assim como o poder. No campo essa relação de poder tornou-se uma situação extremamente desfavorável ao trabalhador rural. Sobre isso, Dona Lindaura, Dona Nega e Dona Rosa revelam como eram as condições de uma pessoa que, segundo elas, *sobrevivia* no campo. Dona Lindaura fala que

> *a gente não tinha nada, só tinha as graças de Deus. Eu já lutei, minha filha, as vezes a gente não tinha as coisas pra comer. Eu ganhava mandioca e arrancava pra fazer beiju pra dá os meninos pra comer. Eu nunca enganei a minha vida pra ninguém. Eu nunca escondi nada pra ninguém. Só fome que não tive. Arrancava coiô brabo, esses trem ruim, era beldroega, folha de batata pra fazer sopa. Tudo quanto há. Foi uma vida muito sofrida, mas agradeço a Deus por estar aqui. Nessa idade que eu tô. (Informação Verbal)*[23]

Para Dona Nega

> *uma das dificuldades maiores foi quanto ao estudo que não tinha. E a pobreza também, né? Por a gente não ter muita ajuda no campo, tudo era muito difícil, né? No início da minha vida aqui na roça, a gente não tinha ajuda de praticamente nada, principalmente dos governantes. A gente tinha um pedacinho de terra, mas era muito difícil, porque o que colhia muitas vezes não tinha muito valor. (Informação Verbal)*

---

[22] Entrevista concedida por NUNES, Maria da Silva Santos. **Entrevista 1.** [jan. 2020]. Entrevistadora: Josiane Ramalho de Almeida, Novo Cruzeiro, MG, 2020. 1 arquivo.mov (20 min e 52 seg.) A entrevista transcrita encontra-se no Apêndice A desta monografia.

[23] Entrevista concedida por TRINDADE, Lindaura Lemes. **Entrevista 2.** [jan. 2020]. Entrevistadora: Josiane Ramalho de Almeida, Novo Cruzeiro, MG, 2020. 1 arquivo.mov (23 min e 51 seg.) A entrevista transcrita encontra-se no Apêndice A desta monografia.

Dona Rosa completa dizendo que *"não tinha as coisas pra comer, mas a gente dava um jeitinho ali" (Informação Verbal)*[24].

Com luta e persistência do povo do campo, dizemos que houve melhora em muitos aspectos. Através deste estudo, conseguimos observar um crescente engajamento nos movimentos sociais da população rural na luta por políticas públicas para o povo do campo, e em especial, para a mulher do campo. Em nossas entrevistas, as mulheres nos contam que as dificuldades que tiveram no passado, hoje em dia não estão tão presentes, apesar de que, a luta pelo campo ainda continua. Como já dissemos em um outro momento neste estudo, mulheres que lutaram no passado por direitos, possivelmente não usufruíram deles assim como lhes cabiam, mas garantiram - ou lutaram para garantir - que a outras mulheres esses direitos não fossem negados. Segundo Dona Lindaura

> *O passado foi muito sofredor, mas agora, o presente, você sabe que tudo tá mais fácil. Porque a gente não tinha o que tem hoje em dia. Nós não tinha aposentadoria, nós não tinha um Bolsa Família, não tinha um salário de maternidade. E hoje as mulher do campo tudo tem isso pra elas. E antigamente nós não ganhava um chinelinho pra pôr no pé. E hoje você ganha novo pra ter na sua casa. Antigamente nós não teve essa oportunidade. O que nós tinha era do nosso trabalho, da nossa luta. (Informação Verbal)*

Dona Nega acrescenta dizendo que

> *A vida no campo hoje está bem mais fácil, mas antigamente era tudo mais difícil. A gente não tinha quase ajuda de nada. Hoje não. Hoje eu acho que melhorou bastante, apesar de que não está do jeito que a gente merece, que o trabalhador da roça merece. Porque ainda falta muita ajuda quanto a financiamento, quanto a venda dos produtos, mas melhorou muito. Pelo menos hoje, se você tiver terra pra trabalhar, porque tem muita gente que ainda não tem terra pra trabalhar, né? Mas quem tem seu pedacinho de terra hoje, com algumas dificuldades, já consegue fazer um financiamento. E aqui no nosso lugar eu acho muito bom, porque a maioria das pessoas aqui trabalha com agricultura familiar. Então dá pra sobreviver. Não dá pra ficar rico, mas dá pra viver dignamente, eu acho. (Informação Verbal)*

Elas acreditam que a vida no campo está melhor para a mulher de hoje. Mas a luta não pode parar! Todas as dificuldades enfrentadas por elas no passado ainda deixam marcas de um sistema patriarcal ainda influente no campo. Por mais que nossas entrevistadas não mencionam em suas falas o termo *Patriarcado,* é inegável que existia uma relação de poder entre homens e mulheres. Na fala de Dona Rosa esse tocante é descortinado.

---

[24] Entrevista concedida por ALMEIDA, Rosa Soares de. **Entrevista 3.** [abr. 2020]. Entrevistadora: Josiane Ramalho de Almeida, Novo Cruzeiro, MG, 2020. 1 arquivo.mov (22 min e 46 seg.) A entrevista transcrita encontra-se no Apêndice A desta monografia.

> *A mulher do campo do passado era muito sofrida. Tipo escrava! Só tinha aquele direito de ficar ali, cuidando, cuidando, cuidando. Dentro de casa ali. Não tinha direito pra nada. E hoje, as mulheres de hoje não. Tem muita liberdade. Acontecer algo de ruim elas vão partir pra lei. Os homens acham que as mulheres de hoje não precisam ser do jeito que elas é. Mas hoje, as mulheres de hoje tem muita liberdade, elas saem, elas passeiam, elas estudam, trabalham pra onde quiser arrumar emprego, elas vai arruma e trabalha. Antigamente não, ninguém saía pra trabalhar, tinha que ficar socada dentro de casa. Tem que ficar dentro de casa, tipo escrava. Tudo que vinha era ocê que tinha que fazer isso. (Informação Verbal)*

Dona Nega ainda traz uma comparação entre a mulher do campo no passado e a mulher do campo nos dias atuais.

> *Ser mulher do campo hoje, não vou falar antigamente, mas hoje é bom. Pelo menos tranquilidade você tem, é de onde você tira seu sustento. Dá pra levar a vida dignamente. Mulher do campo no passado era muito sofrimento e só podia fazer isso. Ela não podia quase sair. Ela não estudava. Dificilmente estudava, só estudava quem era muito rico. Hoje não. Hoje eu já acho que a mulher é mais valorizada. Hoje o que a mulher faz no campo, já se sente valorizada. Já tem um pouco mais de ajuda, apesar que ainda é muito pouco. Hoje eu acho que melhorou muito. (Informação Verbal)*

Em seus relatos, fica claro que estas mulheres foram e são os exemplos das mulheres que tanto mencionam, que sofreram por não ter as mesmas condições de vida, de trabalho, de educação que os homens, ou mesmo que outras mulheres que encontravam na cidade. Com tantas dificuldades, elas, desde muito novas, tiveram que trabalhar e relatam que trocaram suas infâncias por responsabilidades de adultos.

Dona Rosa perdeu, ainda criança, os principais alicerces da sua família: seus pais. Em seu relato, afirma que *"Eu posso dizer que não tive esse negócio de infância. Sei que minha infância foi muito difícil, mas eu venci" (Informação Verbal).*

Algo muito similar aconteceu com Dona Lindaura que perdeu sua mãe e teve muita dificuldade com seu pai, assumindo a responsabilidade, ainda jovem, de cuidar dos seus irmãos.

> *Quando minha mãe morreu e os meus tios pediu os filhos. Meus irmãos. Eu não dei! Nós bebia água e sal, mas eu não dei eles pra ninguém. Eles saíram da minha casa tudo casado. Uma moça com 15 anos pra poder trabalhar e cuidar de tudo, até vencer não é fácil. Com a casa cheia de filhos, não é fácil, não!*
>
> *Quando tinha dois meses que minha mãe morreu, meu pai chegou. Eu tinha 19 anos nessa época. Aí ele ficou bebendo muito. Queria judiar de nós, e eu nunca aceitei. Eu sou assim: se eu não dever eu não aceito NADA! Eu sou franca disso, ele era meu pai, mas se ele falasse alguma coisa, eu*

> *respondia porque eu não merecia. Se você não merecer uma coisa, você não aceita. Lute! (Informação Verbal)*

Ao contrário delas, apesar do passado humilde e desafiador, Dona Nega fala bem de sua infância, deixando claro que a presença e intervenção de seus pais possibilitou que ela tivesse uma infância feliz, apesar das dificuldades, como ela mesma enfatiza.

> *Ai que saudade da minha infância! Foi uma infância pobre, mas tão divertida. Com tudo da roça, tudo simples, mas que até hoje eu tenho muita saudade. Aquela infância que eu não consigo esquecer e me traz boas recordações. (Informação Verbal)*

Elas descrevem uma infância difícil ou mesmo de privação. O acesso à educação, por exemplo, era e ainda é associado à problemas como distância das escolas, transporte escolar precário, falta de profissionais e de currículos que atendam às demandas do campo. Mas, especialmente para as mulheres do campo, a educação não era uma prioridade. Além de a pobreza ser um fator que demandava das mulheres "ficar em casa para ajudar no sustento", o sistema patriarcal também determinava que a elas não cabia estudar, mas sim trabalhar em suas obrigações domésticas para se tornarem boas esposas. Trabalhar não, ajudar seus companheiros, pois seus afazeres domésticos não eram vistos como um trabalho, assim como discutido incansavelmente neste estudo. Dona Lindaura nos conta como foi seu acesso, ou melhor dizendo, sua privação à educação: *Eu não tinha como estudar, porque não tinha escola aonde eu morava. E tinha numa cidade muito longe. Ia na escola um dia, faiava outro, aí eu desisti da escola, porque tinha que fazer assim para ajudar minha mãe. (Informação Verbal)*

Neste sentido, eram as mulheres com melhores condições que conseguiam estudar, ou mesmo aquelas mulheres em que suas famílias, apesar de advindas das camadas populares, acreditavam que através dos estudos podiam alcançar melhores condições de vida. Assim como aconteceu com a família de Dona Nega.

> *Muitas dificuldades, dificuldade de menina pobre, que não teve como estudar aqui na roça. Tive que sair um pouco cedo pra estudar. Nosso Deus, quanta dificuldade! A gente era muito pobre. Principalmente a gente que era da roça não tinha muitas oportunidades. A gente sofria muito pra estudar. Tanto é que a gente ia andando no domingo pra cidade, levando a feira da semana nas costas e na sexta-feira à tarde a gente voltava pra*

> *roça. Quase não tinha material, livros. Antigamente era muito pior que hoje, a mulher, naquela época que eu comecei a estudar. Só fiz esse 4º ano porque meu pai era uma pessoa que tinha uma visão boa quanto educação. Mas não foi fácil, não. (Informação Verbal)*

A história de Dona Rosa também nos comove e nos mostra que, apesar de não ter a oportunidade de estudar, faz questão de ver seus filhos estudando, por enxergar na educação a possibilidade de uma vida melhor.

> *Não tinha como vir estudar. Não tinha como ficar nessa cidade que eu não tinha ninguém lá por mim. Trazer eu pra estudar, ir e voltar. Não tive como estudar. Hoje eu não tenho estudo. Pra mim assinar tem que ser tudo com o dedão e sinto muita vergonha por isso. Mas desse jeito que eu sou, pus meus filhos tudo, uns sabem um pouco a mais outros menos, mas sei que tudo, graças a Deus, estudou. Mesmo eu sendo do jeito que eu era, pus eles, todo mundo pra estudar. (Informação Verbal)*

Diferente de Dona Rosa e Dona Lindaura, Dona Nega conseguiu estudar e, com muita dificuldade, ela teve algo fundamental: o apoio do pai para seguir estudando. A palavra do patriarca tinha muito poder naquela época. Mas, apesar deste apoio, não foi fácil. Ela sofreu muito por ser uma moça do campo. Naquele tempo, os estudos eram na cidade. Então, estudantes da zona rural sofriam muito preconceito. Porém, Dona Nega não desistiu e depois de muito sofrimento conseguiu se tornar professora.

> *Tanta coisa que a gente encontrava de ruim. As pessoas não achavam que a gente tinha que estudar. A gente tinha que ficar mais era na roça. E o bullying? Na época a gente não sabia nem o que era bullying. Principalmente a criança quando chegava da roça na cidade, muitas vezes ela não era bem aceita. E a gente sofria muito, mas eu não me arrependo de nada, não. (Informação Verbal)*

É muito forte nos relatos destas mulheres que, apesar de se descontentarem por não ter a oportunidade de seguir nos estudos, como é o caso de Dona Rosa e Dona Lindaura, suas vivências lhes trouxeram sabedoria para se tornarem mulheres exemplos no campo, mostrando que, mesmo na impossibilidade de estudar, veem a importância do estudo. Sobre isso, Dona Rosa traz que "*Eu não tenho leitura, mas falo a quem tiver do meu lado pra estudar. É muito bom!" (Informação Verbal)* Dona Lindaura complementa dizendo que "*Quem não estuda hoje em dia está perdendo tudo na vida. Porque você sabe, a riqueza que o pai dá para o filho é o estudo." (Informação Verbal)*

E Dona Nega é prova de que a educação possibilita, sim, transformar a vida das pessoas. "*Através da educação é que a gente sonha. Que a gente busca se realizar. Sem a educação a gente sofre demais." (Informação Verbal)*

Dona Lindaura acredita que a vida dela seria melhor se tivesse estudado. Mas, em seu relato expõe que, apesar de não saber ler, demonstra orgulho da mulher que se tornou. "*Pra mim se eu tivesse estudado era melhor na minha vida. Você tem sua leitura e eu não tenho, mas eu dou conta." (Informação Verbal)*

Já Dona Rosa traz em sua fala um pesar por não ter estudado, se sente envergonhada por não conseguir ler e escrever e por vezes se sente desvalorizada por isso.

> *Eu acho que é muito bom a pessoa estudar. A pessoa que não tem leitura não é nada na vida. Faz que é cego, tipo eu. Eu via as coisas, via as letras e sou cega. Eu não sei letra nenhuma ali. Eu tenho que sou tipo cega. É muito importante a educação. Estudar! O tanto que a pessoa puder estudar é muito bom. (Informação Verbal)*

Apesar de não conseguirem estudar, Dona Lindaura e Dona Rosa se esforçaram para cuidar de suas famílias, e mesmo que o patriarcado coloque as mulheres em segundo plano, criando uma imagem de que a mulher é um ser frágil e indefeso, estas mulheres mostraram que, desde muito novas, pegavam no pesado e foi através do trabalho que conseguiram mudar suas vidas e levar o sustento para casa. Assim como descreve Dona Lindaura,

> *Acordava de manhã, o céu ainda estava escurinho, trabalhava pra mim. Dava hora de trabalhar pros outros, eu vinha embora. E a tarde eu chegava de novo. Ia trabalhar de novo. Quando tinha lua era bom, quando não tinha lua era escuro. Trabalhando na roça, fazendo tudo o que precisava fazer na roça, pros outros. Não parei ainda, porque estou lutando ainda. Eu sei que sou mulher. Eu fiz muita coisa na minha vida que homem não fazia. Homem de hoje em dia não fazia. Enfrentei muitas coisas. Na semana de eu casar, eu cisquei um brejo dali da casa de Fatinha até aqui em casa para o meu cunhado. Na enxada, capinando, limpando arroz pros outros, no pilão. A gente limpava 1 alqueire de arroz e 1 alqueire de café, no pilão, eu mais Eurico. (Informação Verbal)*

Dona Rosa também nos conta um pouco sobre sua lida no campo.

> *Eu comecei a trabalhar pros outros. De enxada. Capinando. Qualquer lavoura que tinha pra capinar, eu tava trabalhando. Ganhava dinheiro pra comprar o pão. Trabalhando, trabalhando, não faltou pão em casa. Não tinha como comprar uma roupa pra mim, chinelo. Era desse jeito. Naquela multidão de gente, não tinha sol, não tinha chuva pra nós. E nós trabalhando. Eu sei que eu sofri muito, mas graças a Deus venci. O trabalho que a gente fazia era plantando, colhendo. Pra fora eu nunca sai pra*

> *trabalhar. A gente só trabalhava em casa mesmo, pra ter as coisas pra dentro de casa. (Informação Verbal)*

Para Dona Nega, o sustento da família veio de outra forma, dando aulas, inclusive na própria comunidade de Novo Cruzeiro. O que foi ótimo, pois a comunidade não tinha um professor. Ela foi nossa *solução mágica*! Tem certos momentos que me pergunto se, naquela época, Dona Nega conseguiria trabalhar em outra área, como uma advogada, por exemplo. Isso porque, não somente no campo, à mulher eram destinados os trabalhos cujas funções muito se assemelhavam ao trabalho doméstico, e ser professora se encaixava nessas funções. Bom, não sei como seriam as coisas, mas foi como professora que Dona Nega trabalhou e criou suas filhas assim como ela própria relata. Um longo percurso, mas que trouxe sua realização.

> *Antes de ser professora eu era do campo. Ajudava a plantar, ajudava a capinar, plantava feijão, arroz. Antes dos 15 anos eu já ajudava na roça. Minha primeira profissão. Comecei a dar aulas com 15 anos de idade. Na época, tinha o Mobral. Educação de adultos. Eu comecei nessa época dando aulas pra adultos. As vezes as pessoas ficavam até impressionadas porque eu comecei a dar aulas com 15 anos. Mas naquela época não tinha professor e vim de Novo Cruzeiro já com o 4º ano, né? Eu trabalhei com esse Mobral, dando aula a noite, até meus 17 anos. Com 17 anos eu me casei. Fiquei um período parada e voltei a trabalhar como professora municipal. Depois eu tornei a parar, só voltei em 1977 para dar aula pelo município.*

Para continuar trabalhando como professora, Dona Nega teve que voltar a estudar e era uma realidade totalmente diferente da que vivo no momento. Tenho privilégios que ela não encontrou, mas seguiu em frente e conseguiu se formar. Acredito que se não fossem as lutas de mulheres como Dona Nega na educação, provavelmente eu também iria enfrentar dificuldades muito maiores para estar em uma universidade. No relato de Dona Nega ela nos conta como foi sua trajetória de acesso aos estudos e quão desafiador era *ir contra o vento*.

> *Depois de casada, quando eu retornei aos estudos, eu já tinha minhas duas primeiras meninas. A Xirley e a Xirlane. Aí eu fiz supletivo. Era tão difícil estudar naquela época, mas eu gostava muito de estudar, eu queria me formar, aí eu fiz supletivo. Depois disso voltei a trabalhar na escola dando aula. Depois eu fui fazer um curso que chamava Logus II, que dava formação do terceiro ano. Lá em Teófilo Otoni. Eu ia duas vezes na semana. Morava aqui na roça, dava aula, e ia duas vezes na semana lá. Depois das minhas duas meninas. E é cada história! Nessa época minhas meninas ainda eram pequenas. Foi muito difícil, mas aí eu fiz o meu terceiro ano. E continuei trabalhando. Depois de formar no terceiro ano, continuei dando aulas. E só depois que eu tive minhas outras duas meninas, que eu fui fazer faculdade. Fui fazer faculdade de férias. Lá em Paracatu. Imagina aonde está Paracatu? Foi lá que eu fiz o Normal Superior. Mas valeu a*

> *pena, tudo muito sofrido, mas foi muito bom. Ajudou a ajudar minhas filhas a se formarem e hoje, graças a Deus, estão todas bem formadas. (Informação Verbal)*

Através dessas narrativas, algo que tem aparecido como principal fator para dar força a estas mulheres para lutar e continuar lutando são suas famílias, em especial seus filhos. Por eles, estas mulheres fazem o possível e o impossível, deixando suas necessidades de lado para colocar o filho em primeiro lugar. Dona Lindaura afirma que "*Eu tenho uma família muito abençoada também." (Informação Verbal)*

Dona Rosa traz em sua fala, também, as dificuldades em criar seus 12 filhos, mas demonstra o orgulho de tê-los criado bem.

> *Os primeiros filhos nós passamos muito aperto com eles. Mas graças a Deus eu venci. Tinha hora que faltava as coisa pra comer, mas a gente dava um jeitinho. E eu era assim: enquanto não via eles com a barriguinha cheia, eu não comia. Hoje eu tenho orgulho dos meus filhos, porque no tempo que eu criei eles foi de muita dificuldade para mim. (Informação Verbal)*

Dona Nega sente-se orgulhosa da família que tem e relata emocionada por ter superado todas as dificuldades.

> *Eu tenho muito orgulho da família que eu tive, meus pais. Da comunidade que vivi e vivo até hoje. E enquanto professora na zona rural, tem hora que eu até me emociono (choro). Apesar das dificuldades, mas foi através da minha profissão que eu consegui ajudar a estudar minhas filhas, que hoje graças a Deus estão bem. (Informação Verbal)*

Além disso, o que me surpreendeu na pesquisa foi o apoio que Dona Nega e Dona Lindaura receberam de seus maridos, que foram grandes parceiros em suas conquistas e, assim, contribuíram na formação de suas famílias. Isso me surpreendeu pelo fato de que, majoritariamente, nas famílias de uma sociedade baseada em um sistema patriarcal, os homens historicamente vêm oprimindo as mulheres por se considerarem superiores a elas e não como companheiros, caminhando lado a lado, assim como nos ensina Dona Nega e Dona Lindaura. Dona Lindaura nos conta com muito carinho como iniciou seu relacionamento com seu esposo, embora em sua fala se apresentem narrativas que simbolizam o patriarcado. Um exemplo disso, é quando fala que *casou uma moça e não foi resto de ninguém, nem mesmo do cônjuge.* O que mostra uma preocupação de ser uma moça *pura* que se guardou para o esposo, com o qual, assim como trouxemos neste estudo, fez um contrato matrimonial e sexual.

> *Nós namoramos 10 anos. Eu tinha 15 anos. Casei com 25 (anos). Casei uma moça. Não foi resto de ninguém, ninguém, nem dele. Mas não era um namoro, era uma amizade, né? Essa amizade virou amor, e casou. E até hoje, graças a Deus. Depois que eu casei, meu marido pegava filho dos outros pra criar. Trazia pequeno. Saía rapaz. Porque a gente tinha dó, né? Porque quem nunca sofreu, não sabe o sofrimento dos outros. Eu tinha e tenho um marido que ajudou muito minha família. (Informação Verbal)*

Dona Nega também coloca que a contribuição de seu esposo em sua trajetória foi importante para que ela conseguisse vencer as dificuldades de estudar longe de casa.

> *Eu tive e tenho um marido que me ajudou muito na época, né? Que me deu apoio. Que eu saía pra estudar ele continuava cuidando das meninas. Por isso que a gente consegue. Pra gente conseguir as coisas a gente tem que ter quem ajuda a gente. Se não tiver, a gente não consegue sozinha. Na época, meu marido me ajudou demais. Era muito compreensivo, ficava com as meninas cuidando pra eu poder sair pra estudar. Então venci! (Informação Verbal)*

Diferente das outras mulheres, Dona Rosa teve a formação de sua família diferente. Ela era tão jovem que, segundo seu relato, na época *determinada* para casar-se, a igreja não permitiu, pois ainda era muito nova. É importante analisar neste relato de Dona Rosa o quão clara é a maneira como a Igreja interferia na formação das famílias. Jovem, sem nenhuma experiência, Dona Rosa relata que não tinha noção de nada relacionado a sexualidade. Este que era e ainda é um grande tabu no campo. Provavelmente, a falta de conhecimento sobre o assunto fez com que ela tivesse um número elevado de filhos, 12 filhos no total. Mas a história de Dona Rosa se repete em muitas famílias, especialmente no meio rural.

> Era pra eu me casar com 15 anos, quando fui com os papéis na igreja, não aceitou porque eu era muito nova. Aí eu casei com 16 anos. Engravidei com 17 anos. E quando ganhei minha primeira filha, já estava com 1 ano de casada. Aí fui formando a família. De dois em dois anos um filho. E foi assim até que inteirou 12 filhos. Nós passamos muito aperto pra criar, mas graças a Deus veio todo mundo com saúde e hoje eu tenho muito orgulho dos meus filhos. Não arrependo de ter meus doze filhos, não. *(Informação Verbal)*

Dona Rosa transparece ser uma mulher forte, mas evidencia momentos de solidão e tristeza em virtude de uma sociedade patriarcal onde a mulher tinha que seguir costumes e normas que usurpavam sua liberdade. Dona Rosa afirma que as interdições desse sistema patriarcal não aconteceram somente com ela. As mulheres do campo ainda são sujeitas às normas do patriarcado até o momento atual.

> *A vida no campo, pra mim, foi muito sofrida. Porque não tinha direito a nada. Só ficava dentro de casa. Só trabalhando, cuidando das coisas. E tinha que sair tudo na hora certa, se não saísse, levantava conversa, cara feia, e foi muito difícil minha vida do campo. Deus me deu força pra eu vencer tudo.*
>
> *Eu tenho muito orgulho de mulher do campo. Na verdade eu fui uma pessoa que eu não tinha direito de sair de casa, não participava de nada. O dia que saía de casa era pra ir na igreja. Não tinha oportunidade de ir numa festa.*
>
> *Eu tinha muita vontade de ser uma mulher mais, eu nem sei explicar, mais despachada pra sair, fazer negócio, participar das coisas tudo. Isso aí eu tinha vontade. Conhecer mais coisas. Ser mulher pra isso, mas infelizmente, não. (Informação Verbal)*

Apesar dos percalços ao longo da vida, estas mulheres não deixaram a dificuldade lhes abalar. A simplicidade e o caráter delas encantam! Dona Lindaura me mostrou muito isso. Sempre disposta a ajudar outras pessoas, com seu jeito de ser, cativou a ex-presidente do sindicato que a convidou para ser uma das diretoras, cargo que humildemente aceitou. Dona Lindaura traz um pouco sobre o convite de ser diretora do sindicato. Em sua fala, fica evidente que, apesar de se considerar uma mulher que não podia ajudar muito em um primeiro momento, viu que assumir essa responsabilidade a mostrou o quanto tem potencial, e como ela própria diz, *deu conta sim!*

> *Moça, vai ter eleição do sindicato, você não quer entrar na minha chapa, não? Cida, mas uma podre que mal sabe assinar o nome, o que eu vou fazer se for falar um discurso num canto, eu não sei falar, Cida. Daí ela falou, não eu que preciso de você aqui mais eu. E aí eu fui. Falei com ela: Eu vou lavar uns copos porque outra coisa eu não sei fazer, não. Mas eu soube fazer muita coisa pra ela, sim. Ajudei ela muito. Já ajudei gente demais aqui. Por isso que eu vim para o sindicato, porque a Cida via que eu cuidava do povo, né? (Informação Verbal)*

O que mais me encantou em fazer este trabalho foi ver o quanto estas mulheres têm orgulho em ser mulheres do campo. O quanto são orgulhosas de suas histórias e sabem que, mesmo com tanta dificuldade, conseguiram vencer obstáculos tão grandes. Dona Rosa demonstra seu orgulho em ser uma mulher do campo dizendo

> *pelo o que já passei, eu tenho orgulho de ser uma mulher do campo. Alguma coisa que eu tive vontade de ter e hoje eu tenho. Tenho minha casa. Não é do jeito que eu queria, mas tenho. Tem minhas coisas tudo que eu comprei. Nunca saí pra trabalhar fora, mas tenho orgulho de ser mulher do campo. (Informação Verbal)*

Dona Lindaura transmite seu orgulho em ser uma mulher do campo e multiplica esse sentimento em todos que a rodeiam.

> *Eu nasci e criei no campo, trabalhando. Eu não tenho vergonha de ser uma lavradora. Uma mulher do campo. Eu tenho prazer! Tudo o que a gente precisa a gente tira de lá. Foi muita dificuldade, mas sem dificuldade a gente não arranja nada. Tem que ter força e vontade. Que é fácil, não é não. Ser uma mulher do campo, pegar na enxada de manhã. Sol! Trabalhar dia a dia pros outros. Nunca esmoreci. (Informação Verbal)*

Dona Nega completa falando sobre sua felicidade em viver na roça e de seu orgulho em ser uma mulher do campo.

> *Ser mulher do campo, para mim, é uma honra, porque mulher do campo, apesar de tudo, a gente vive muito em paz. Hoje a gente pode dizer que é feliz na roça. Apesar que muitas vezes ainda existem as dificuldades, mas trabalhar no campo é aqui, no nosso lugar. Porque aqui cada um ainda tem o seu pedacinho de terra. É muito bom aqui. Eu tenho orgulho de ser mulher do campo. Tanto é que já rodei, já dei aula, já fiz tudo, mas estou aqui de novo. Eu gosto daqui e acho que a vida do campo, apesar das dificuldades é muito boa. Eu não tenho vontade de sair daqui pra ir pra outro lugar, não. (Informação Verbal)*

Com essa força, elas pregam que não devemos desistir de nossos sonhos e não devemos nos abalar com as dificuldades. Acredito que elas, apesar de não retratarem em seus relatos sobre o termo *feminismo*, passam a imagem de mulheres feministas à sua maneira e à seu tempo, uma vez que lutam continuamente pelos direitos e melhores condições de vida para elas, para outras mulheres e em favor daqueles que as rodeiam. Ao ouvi-las e conhecendo, através deste estudo, sobre a luta do movimento feminista, enxergo nelas características da luta feminista, uma vez que enfrentam batalhas para garantir seus propósitos, buscando o melhor para elas e para suas famílias. Uma força que combate, mesmo sem saberem, o patriarcado ainda tão presente no campo. Dona Nega, Dona Lindaura e Dona Rosa trazem suas vidas como exemplos de superação e como uma mensagem às mulheres no sentido de não desistirem da luta. Não é fácil, mas como diz Dona Lindaura, *com garra e força de vontade,* e abrimos um parênteses na fala dela, *unidas e unidos,* podemos enxergar possibilidades para transformar a sociedade em um lugar melhor.

> *Com muitas dificuldades que ainda tem principalmente o jovem pobre, muitas vezes ainda tem que trabalhar pra poder estudar. Tem que sair do lugar que mora pra poder estudar, mas a gente não pode desistir. Foi o que aconteceu comigo. Aquela menina pobre, de quando iniciou e que lutou e conseguiu. Hoje eu posso falar que me realizei, tanto no campo quanto*

> *professora. Nunca desista de seus sonhos. Morando na roça ou não, não desista dos sonhos. Eu acho que a gente tem sempre que ir à luta. Não é porque a gente mora na roça que a gente não vai conseguir as coisas que a gente quer. Se a gente tiver uma determinação. Se a gente lutar, a gente consegue. (Dona Nega, informação Verbal)*

> *Na maioria das vezes, Muié das zona rural, das roça, não desiste do seu pensamento, porque não podemos desistir nunca. Nunca desisti de ser uma guerreira do mato, não. Uma vida muito sofrida, mas estou vencendo ela. Eu não me criei em berço de ouro, mas graças a Deus, o que eu fiz, eu tenho prazer do que eu fiz, orgulho do que eu fiz. Porque pra mim foi muito bom. Eu tinha garra da minha lida na roça. Pra mim foi muito bom! O que eu tenho hoje em dia foi tirado tudo dos meus braços, do meu esforço, mais meu marido e meus filhos. (Dona Lindaura, informação Verbal)*

Com toda generosidade, essas mulheres deixam, de um jeito simples, conselhos para os jovens, mostrando que não devemos desistir e lutar pelo que queremos, focando na educação e no cuidado com próximo. E, sobretudo, viver a vida com amor e caridade. Assim como nos traz dona Lindaura, que nos aconselha

> *Põe Deus na frente, vá em frente e não esmurece. Fazer bondade, caridade, com amor. Porque sem amor não resolve nada, viu? Só que tem que ter garra também, viu? A gente faz tudo e chega lá e dá conta. Se todo mundo tiver que passar pelo que passei, não esmurece, não. Que demora, mas a gente vence. (Informação Verbal)*

A mensagem de Dona Nega para as futuras gerações deixa transparecer sua visão sobre o quanto a educação pode ser transformadora, uma vez que ela própria é exemplo de uma educação transformadora.

> *Eu acho que o jovem, principalmente hoje, tem muito mais chance de ganhar a vida, de estudar, apesar das dificuldades, melhorou muito. Eu posso falar que a pessoa que não estuda hoje, é porque falta vontade. Porque se quiser, consegue. (Informação Verbal)*

Assim como Dona Nega, Dona Rosa também vê na educação uma forma de libertar-se, especialmente quando traz em seu discurso a dicotomia entre uma vida em vícios e uma vida dedicada aos estudos. Além disso, com toda sua generosidade nos mostra o quão simples é o bom convívio, basta *tratar todo mundo bem e andar direito com todo mundo.* Solução para muitos dos desafios da nossa sociedade, cada vez mais capitalista e individualista.

> *Eu deixo de ensinamento para os jovens trabalhar. Tratar todo mundo bem. Andar direito com todo mundo. Não fazer besteira. Nessa vida que nós tá hoje. Que meus neto estuda bastante. Não mexe com nada ruim, droga. É estudar, trabalhar e ter um futuro melhor na vida deles. Posso falar com eles, não tem como eu dar opinião, porque eu também não entendo nada, mas posso dar um conselho. Meu filho, estuda, trata sua família bem, cuida da sua família, trabalha, mexe com nada ruim. (Informação Verbal)*

Sabe, teve momentos que julguei muito a minha mãe, Dona Rosa, e meu pai, Seu Jonas, nas atividades que eles tinham comigo antes. Hoje, após este estudo entendo porque tudo isso. Eles não fizeram por mal. Era a forma que eles conheciam e segundo os ensinamentos que trago dessas escutas, entendi que posso fazer diferente.

Quando Dona Lindaura fala que é uma *"Luta cheia de sofrimento, mas tem paz também no meio. Uma vida muito sofrida, mas estou vencendo ela"*, nos mostra que, apesar de ter uma história de vida carregada de interdições, mesmo na luta diária com seus companheiros e suas famílias, a mulher campesina vêm se organizando em busca da emancipação aos povos do campo.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo traz o que nos marcou neste trabalho. A principal mensagem que ficou foi o fato de estas mulheres, apesar de não se colocarem como feministas, lutam e resistem contra a desvalorização do povo do campo e da mulher campesina. Nossas considerações finais são apenas um pouco dos ensinamentos que ficarão registrados nestas páginas.

> Esse trabalho tem mostrado que o silêncio produz mais silêncio. Como o intuito principal é fazer-se ecoar as vozes das mulheres, antes silenciadas, trago um pouco da minha história, pois ao contá-la, vejo como uma forma de libertar-me e assim contribuir para que outras mulheres possam sentir-se livres também.
>
> Josiane Ramalho de Almeida

Este presente trabalho trouxe trajetórias e histórias de quatro mulheres do campo do município de Novo Cruzeiro, Minas Gerais. O principal enfoque foi que as próprias mulheres relatassem suas histórias, para que elas tivessem efetivamente o protagonismo garantido. Para isso, foi desenvolvido um documentário onde elas mesmas relataram suas histórias. Estas mulheres vêm de trajetórias de vida incríveis e não foi em vão elas serem as escolhidas. Dona Lindaura, uma mulher que lutou para a sobrevivência de sua família. Dona Nega, uma mulher que viu na Educação o alicerce para a construção de sua trajetória de vida. Dona Rosa, uma mulher que enfrentou uma realidade difícil desde muito jovem e isso a impediu de realizar vários sonhos, mas lutou para a realização dos sonhos de seus filhos. E por

fim Josiane, uma jovem mulher que batalha para continuar estudando, trabalhando e superando as adversidades que vão surgindo durante o seu caminho.

O principal objetivo da pesquisa foi ouvir e ecoar as vozes e às experiências de vida destas mulheres que tem muito a nos ensinar sobre resistência e luta. Acreditamos que o objetivo foi alcançado com a construção do trabalho de pesquisa e com criação do documentário suprindo a necessidade que eu, Josiane sentia em dar um retorno para estas mulheres, para que elas saibam quão valorosas suas trajetórias são não somente para o povo do campo, mas também ao universo acadêmico.

Infelizmente muitas mulheres do campo não tiveram a possibilidade de estudar e não conseguiriam se ver representadas em um trabalho escrito, e ainda por cima acadêmico, assim como nos trouxe Dona Rosa, que fala ter vergonha por não saber ler. Algo que, inicialmente não havia nos chamado atenção para a elaboração do documentário, mas no decorrer deste processo fomos nos sensibilizando para o fato de que, este produto possibilitou a elas verem o resultado, verem a importância de suas vozes e perceberem que suas histórias se cruzam com tantas outras.

As mulheres pesquisadas tem um fator em comum: muitas das situações em que se encontravam não foram por escolha própria, mas, a vontade de mudar a realidade fez com que superassem barreiras e ao longo da pesquisa isso ficou visível. Apesar de o patriarcado ainda ser presente no campo, estas mulheres deixaram claro formas de superação deste modelo, indo contra os princípios que o definem. Ao longo da pesquisa pude perceber que estas mulheres fugiam de alguns dos paradigmas do que o patriarcado vem definindo para uma mulher, ser submissa à autoridade do homem, por exemplo e pude ver uma relação de companheirismo e parceria para com seus cônjuges.

Como o patriarcado foi e ainda está presente na vida destas mulheres! Melhor dizendo, na vida de mulheres, sejam elas do campo ou da cidade. É nítido o quanto isso moldou a vida delas, que sem notar, relatam em suas vivências uma amostra de que a sociedade ainda possui uma visão equivocada em relação às mulheres. Apesar disso ou ainda, mesmo com isso, a resistência das mulheres continua firme e forte, assim como, ao longo da história, foram as pioneiras do feminismo. E mesmo que elas não explicitem em suas falas sobre o feminismo, percebemos em suas atitudes características feministas, a exemplo, podemos citar o trabalho e como ele

trouxe para estas mulheres independência e consciência da importância delas no âmbito familiar e de suas comunidades.

A resistência destas mulheres é a resposta basilar ao sistema patriarcal presente na sociedade. Por suas falas, elas mostram que, de forma positiva, muitas conquistas foram alcançadas na busca por melhorar a vida da mulher e em especial a vida da mulher campesina, inclusive, segundo elas próprias relataram, trazendo uma liberdade para estas mulheres que no passado não existia. Mas perceber a dinâmica das mudanças é uma necessidade e em vários aspectos ainda precisa mudar, como o acesso à educação, que continua precário. Mas como todas disseram, não devemos desistir e precisamos estar sensibilizados às demandas do povo campesino. Os movimentos sociais têm contribuído para essa luta, sobretudo no sentido de trazer novas formas de resistência. A exemplo, podemos citar as práticas agroecológicas e a agricultura familiar. Estes deslocamentos, especialmente para as mulheres do campo, vêm articulando um trabalho que, por elas já era praticado e antes considerado apenas como um trabalho doméstico, ou seja, de uma dona de casa que cuida da horta, dos animais e dos filhos, tornando-o um trabalho fundamental à complementação da renda familiar. Estas práticas estão protagonizando uma independência da mulher campesina e ao mesmo tempo, trazendo um ensinamento sustentável e cuidadoso com natureza.

Estas mulheres mostram uma intensa capacidade de resistência e ao longo do desenvolvimento deste trabalho percebi aflorar uma resistência às minhas próprias adversidades, que provavelmente já existia, mas precisava reconhecer isso em mim e fui confrontada o tempo todo neste percurso. Durante este processo, estava com o psicológico abalado com alguns acontecimentos pessoais que foram uma das minhas principais limitações para desenvolvimento do trabalho. Além disso, outras dificuldades tornaram-se contratempos ao bom andamento do trabalho, como a falta de experiência com a câmera de vídeo e os locais escolhidos para as entrevistas, onde barulhos indesejáveis atrapalharam o diálogo. Não posso deixar de citar a falta de transporte para ir até a casa de uma das entrevistadas. Neste momento tive que pedir ajuda para meu primo e irmão para me deslocar até sua residência, o que acabou atrasando, em certo ponto, o cronograma do trabalho. Por fim, veio a pandemia do Coronavírus, que limitou o contato com as entrevistadas e ações que já estavam planejadas não puderam acontecer.

Mas, com todas as dificuldades, o trabalho ficou lindo e estou muito orgulhosa. Acredito que a Licenciatura em Educação do Campo precisa apresentar mais trabalhos como este, valorizando o povo campesino. Dando visibilidade e reconhecimento ao campo, que foi e é o alicerce da sociedade, embora pouco valorizado e por muito tempo deixado de lado. Acredito que esse destaque às mulheres campesinas, que têm em suas trajetórias muito a ser contado, deve ser mostrado, porque, apesar de a história não contada por elas retrata-las como mulheres reprodutoras, domésticas e submissas, suas falas, histórias e trajetórias nos mostram o quanto contribuíram e contribuem para a transformação da sociedade em um lugar melhor e mais justo.

Sobretudo, com este trabalho, entendi que para buscar a valorização de seu povo, do seu lugar, das suas origens, é importante entendermos nosso próprio “eu” e reconhecermos em nós mesmos sujeitos de valor. Percebi que somente fortalecendo a nós mesmos enquanto sujeitos de direitos, poderemos promover o fortalecimento dos outros. Nada para nós sem nós!

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, N. PATRIARCADO, SOCIEDADE E PATRIMONIALISMO. **Sociedade e Estado.** Brasília, v. 15, n. 2, p. 303-330, Dec. 2000 .

ALVES, M. C. S. O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: III Encontro de Ensino de História: Política, Gênero e Mídia na Pesquisa e no Ensino de história. Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal, Universidade federal de Uberlândia/Campus Pontal, nov. dez. 2016. Disponível em: < http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf > Acesso em: 03 ago. 2019.

AZEVEDO, F. M. C. 0 conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista. **Revista Três [...] pontos.** Dossiê Múltiplos Olhares sobre Gênero. Belo Horizonte, v. 13, n.1, p. 12-20, jan./jun. 2016.

BARBOSA, M.A.C; MATOS, F.R.N; SANTOS, A.P.F; ALMEIDA, A.M.B; Mulheres e Patriarcado: Dependência e submissão nas Casa de Farinha Agreste Alagoano. XXXV Encontro da AM.PAD, Rio Janeiro, setembro de 2011.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

CARVALHO, J. A. M.; BRITO, F. A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. **Revista brasileira de estudos populacionais.** São Paulo, v. 22, n. 2, p. 351-369, Dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982005000200011&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 20 jun. 2020.

COSTA, J. F. A. "Fazer para transformar": a psicologia política das comunidades de Maritza Montero. **Rev. Psicologia política.** São Paulo, v. 15, n. 33, p. 269-283, ago. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2020.

COSTA, M. J. M. **6ª Marcha das Margaridas:** Continuamos em Marcha. 2019. Disponível em: <http://www.contag.org.br/index.php?modulo=portal&acao=interna&codpag=614&ap=1&nw=1>. Acesso em: 21 mar 2020.

COSTA, P. R. S. M.; MARQUES, A. C. N. (Org.). Mulheres do Campo: identidade, políticas públicas e gênero. Aracajú: Criação, 2016.

ENCONTRO VIRTUAL DA REDE, 3, 2020. Des-envolvimento e interseccionalidade no mundo rural: racismo, gênero e desigualdades. Rede de Estudos Rurais, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qGYCNalzGDs&feature=emb_logo>. Acesso em 28 jul. 2020.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de (Org.) Relações de gênero: dilemas e perspectivas. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009. Cap. I, p.15 – 36.

FERNANDES, F. S. Formação de Professores de Matemática em Licenciaturas em Educação do Campo: entre cartas, epistemologias e currículos. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 33, n. 63, p. 27-44, abr. 2019.

FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e ousadia – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GANDRA, A. IBGE: mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior. **Agência Brasil,** Rio de Janeiro, 07 mar. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>. Acesso em: 30 fev. 2020

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2018. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica> Acesso em: 03 de jun. 2019

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Superior 2018. Brasília: Inep, 2019.

Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse> Acesso em: 03 de jun. 2019

JÚNIOR, Á. F. B; JÚNIOR, N. F. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: < http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/200>. Acesso em: 24 de fev. 2020

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LIMA, D. M. O. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. *Cógito*, n. *11*, p. 14-19, out. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 15 de jun. 2020

LIMA, F. S. Anos dourados: a representação da mulher no jornal das moças na década de 1950. 2018. 17 f. Monografia (Licenciatura) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2018.

MACEDO, H. O casamento e sua natureza jurídica – contrato especial de Direito de Família. 22 jan. 2014. Disponível em: < https://ibdfam.org.br/artigos/939/O+casamento+e+sua+natureza+jur%C3%ADdica+%E2%80%93+contrato+especial+de+Direito+de+Fam%C3%ADlia>. Acesso em: 13 abr. 2020

MACHADO, M. H. A participação da Mulher no setor saúde no Brasil - 1970/1980. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 449 – 465, out/dez. 1986.

MATOS, M. I. S. HISTÓRIA DAS MULHERES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva. Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

MOURA, R. G. A Masculinidade Tóxica e Seus Impactos Na Vida Dos Gays Dentro das Organizações. Revista Ciências do Trabalho n. 13, Universidade do Grande Rio, 2019, p. 125 – 139.

MULHERES do campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2017. 346 p., il. (alguns color.) + CD-ROM. (Série sempre-vivas; 1, 1). Bibliografia: p. 320-321. ISBN 9788585930707. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=76836&codUsuario=0. Acesso em: 2 mai. 2020.

NASCIMENTO, M; BRANT, F**. Maria, Maria**. Clube da esquina 2. São Paulo: EMI-Odeon, 1978. Disponível em: <

http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI01010> Acesso em 3 abr. 2020.

NOGUEIRA, M. L. M; BARROS, V.A; ARAÚJO, A. D. G; PIMENTA, D. A. O. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. Pesquisas e Práticas Psicossociais 12 (2), São João del Rei, maio-agosto de 2017. e1037. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/16.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020

OBSERVATÓRIO LEGISLATIVO DA INTERVENÇÃO FEDERAL NA SEGURANÇA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO. As mulheres negras são as maiores vítimas da violência. Rio de Janeiro: OLERJ, 2018. Disponível em: <http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/as-mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-da-violencia#:~:text=Entre%202003%20e%202013%2C%20o,passando%20de%201.864%20para%202.875.>. Acesso em: 09 jun. 2020.

OMETTO, A. M. H; FURTUOSO, M. C. O; SILVA, M. V. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. **Rev. Saúde Pública**. vol. 29, n. 5, São Paulo. Out. 1995, p. 403-414.

PASSOS, A. Pobreza Extrema no Campo. Rev. Safra. vol. XV, n. 160, Goiânia. Maio 2014, p. 23-28.

PATEMAN, C. O contrato sexual. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993.

PINSKY, C. B. Virando as Páginas: revendo as mulheres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

RANGEL, E. A. Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil: problema estrutural para o desenvolvimento nacional. 2011. Trabalho de Conclusão de curso (Monografia apresentada ao Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra como requisito à obtenção do diploma do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia). Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: Acesso em: 10 agosto 2014.

REZENDE, D. L. Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Pensamento Plural.** v.17: 07 – 27, jul-dez, 2015.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte, Letramento, 2017.

RIBEIRO, P. S. "Os "ismos" da política nacional: coronelismo, mandonismo e clientelismo". ***Brasil Escola*.** Campinas, 22 dez. 2016. Sociologia. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/os-ismos-politica-nacional-coronelismo-mandonismo-.htm>. Acesso em 06 de maio de 2020.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, Patriarcado, Violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo (Coleção Brasil Urgente), 2011.

SANTOS, A.C.A. Fontes orais: Testemunhas, trajetórias de vida e história. Departamento de História. Universidade Federal Paraná.

SCHAAF, A. V. D. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. **Sociologias,** Porto Alegre, ano 5, n. 10, jul/dez., 2003, p. 412-442.

SCHAL, V. **Evocação Feminina.** [S.l.]: Escritas. Disponível em: < https://www.escritas.org/pt/t/10345/evocacao-feminina>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVA, E. F; OLIVEIRA, S. Escola Multisseriada: uma realidade da educação do campo. Paraná: UFPR, 2011. Disponível em: < https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38405/R%20-%20E%20-%20ERICA%20FLORES%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 3 maio 2020.

SILVA, S. B.G. Feminismo Negro no Brasil: história, pautas e conquistas. 26 nov. 2019. Disponível em: < https://www.politize.com.br/feminismo-negro-no-brasil/ > Acesso em: 27 jun. 2020.

TELLES, A. M. V. A presença da mulher no contexto da história da educação (1960-1980). A presença da mulher no contexto da história da educação (1960-1980). X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

TESCH, S. H. As mulheres inventaram e reinventam a agricultura: “Da inteligência das mulheres que se descobriu que algumas sementes nasciam e outras serviam para comer. Daí surgiu a agricultura”. **Jornal Século Diário,** Espírito Santo, 08 mar. 2017. Meio Ambiente. Disponível em: < https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/as-mulheres-inventaram-e-reinventam-a-agricultura>. Acesso em: 11 maio 2020.

VIDEO-DOCUMENTÁRIO: Nos Caminhos de Margarida. Alagoa Grande, Paraíba: Cotag, Fetag’s e Sindicatos. Youtube, 23 de março de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjxruyZt-eM>. Acesso em: 5 de jul. de 2020

VILLWOCK, A.P.S; GEMANI, A.R.M; RONCATO, P.E.S. Questões de Gênero no mundo rural e na extensão rural brasileira. **Revista Alamedas**. Paraná. Vol.4,n.1,2016.

XAVIER, M. C. R. *et al.* O papel do cristianismo na contribuição ao machismo no Brasil. Set. 2017. Disponível em: < https://jus.com.br/artigos/60928/o-papel-do-cristianismo-na-contribuicao-ao-machismo-no-brasil>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ZANELLO, V. Saúde Mental, Gênero e Dispositivos, in. DIMENSTEIN, Magda e outros, org. Condições de Vida e Saúde Mental em Contextos Rurais . São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPQ; Natal: UFRN; Teresina: UFPI; Fapepi,2016.

9. ANEXOS

9.1 Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Mulheres do campo: Trajetórias e lutas em meio a rosas e espinhos.

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa sobre as Mulheres do Campo. Esta pesquisa será realizada por Josiane Ramalho de Almeida, com a orientação de Gleice Aparecida de Moraes Lima, para o curso de Licenciatura em Educação do Campo, Lecampo. O objetivo desse estudo é compreender as histórias e trajetórias de vida de mulheres do campo, enfatizando suas estratégias de luta e resistência ao modelo patriarcado.

Como benefício, esta pesquisa pretende contribuir para novas discussões acerca da luta das mulheres do campo, culminando em um documentário que buscará sensibilizar e dar visibilidade ao papel da mulher no contexto campesino.

Para isso, escolhemos resgatar histórias de vida de mulheres que representam o contexto campesino e demonstram em suas trajetórias, a força, a luta e a resistência ao modelo patriarcado. Para tanto, faremos entrevistas gravadas em vídeo com o objetivo de compreender esta questão. As entrevistas serão gravadas com a sua devida autorização, para depois serem analisadas compondo uma das etapas dessa investigação. O local e horário das entrevistas será definido de acordo com a sua disponibilidade.

Os dados e demais informações obtidas durante a investigação serão utilizados exclusivamente para os fins dessa pesquisa.

A participação nessa pesquisa é voluntária, não será remunerada e não haverá nenhum custo para que você participe deste estudo. Você pode pedir esclarecimentos ou desistir de participar a qualquer momento, mesmo após a assinatura deste termo de consentimento, sem nenhuma penalização se isto ocorrer.

Considerando a natureza desta investigação, esclarecemos que o risco aos participantes é mínimo, sendo comparável ao risco existente em atividades rotineiras como uma conversa, que pode acarretar cansaço ou gerar emoções diversas. No caso de qualquer desconforto, você poderá interromper a conversa.

Caso deseje participar da pesquisa e esteja de acordo com os termos deste consentimento, você deverá assinar as duas vias deste documento e entregá-lo à

pesquisadora Josiane (uma das vias será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você).

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Se precisar de qualquer outro esclarecimento, fique à vontade para entrar em contato com a pesquisadora co-responsável, Josiane Ramalho de Almeida (33 988358090, josiane.ramalho.1495@gmail.com), ou com a orientadora Gleice Aparecida de Moraes Lima (31 987263664, gleice.moraes11@gmail.com).

Muito obrigado pela sua atenção!

_____, _____ de _____ de _____

_____

Nome completo da participante

_____

Assinatura da participante

CPF:_____

_____

Gleice Aparecida de Moraes Lima - Pesquisador responsável

_____

Josiane Ramalho de Almeida - Pesquisadora co-responsável

9.2 – Anexo II – Termo de Autorização de Uso de Imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa sobre as Mulheres do Campo: Trajetórias e lutas em meio a rosas e espinhos, que é para os devidos fins um trabalho de conclusão de curso com habilitação em matemática na Licenciatura em Educação do Campo:

Programa: **Graduação – Matemática em Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.**

Título da pesquisa: **Mulheres do Campo: Trajetórias e lutas em meio a rosas e espinhos.**

Pesquisadora: **Josiane Ramalho de Almeida**

Orientadora: **Gleice Aparecida de Moraes Lima**

Objetivo principal: **Compreender as histórias e trajetórias de vida de mulheres do campo afim desenvolver um documentário dando voz e vez às mulheres do campo.**

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação audiovisual da mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa, fazendo-se constar os devidos créditos.

A pesquisadora fica autorizada a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

_____,_____de_____de 2020.

_____

Assinatura

Nome:_____

RG.:_____ CPF:_____

Telefone1: ( ) _____Telefone2: ( ) _____

Endereço: _____

9.3 Anexo III – Roteiro para Entrevista

1) Quem é você?
2) Como foi sua infância?
3) Quais foram suas dificuldades quando criança?
4) Como foi seu acesso a Educação? (ir a escola)
5) O que você acha de boa Educação?
6) Quando você começou a trabalhar?
7) Qual foi seu primeiro trabalho?
8) Como foi sua vida profissional?
9) Como foi formada sua família?
10) Para você, enquanto mulher, como é a vida no campo?
11) Qual a dificuldade encontrou na formação de sua família?
12) O que, para você, é ser uma mulher do campo?
13) Qual dificuldade encontrou na vida por ser mulher?
14) O que você pode nos falar sobre a mulher do campo no passado e a mulher do campo na atualidade?
15) Você tem orgulho do que construiu na sua vida? Por quê?
16) Você tem orgulho em ser uma mulher do campo? Por quê?
17) Qual mensagem ou ensinamento acredita ser importante deixar para as futuras Gerações?

10. APÊNDICE

10.1 Apêndice A - Transcrição de algumas falas das entrevistadas

DONA ROSA

Hoje eu tenho orgulho dos meus filhos, porque no tempo que eu criei eles foi de muita dificuldade para mim. Dona Rosa

Eu posso dizer que não tive esse negócio de infância. Dona Rosa

Não tinha as coisa pra comer, mas a gente dava um jeitinho ali. Dona Rosa

Sei que minha infância foi muito difícil, mas eu venci. Dona Rosa

Não tinha como vir estudar. Não tinha como ficar nessa cidade que eu não tinha ninguém lá por mim. Trazer eu pra estudar, ir e voltar. Não tive como estudar. Hoje eu não tenho estudo. Pra mim assinar tem que ser tudo com o dedão e sinto muita vergonha por isso. Mas desse jeito que eu sou, pus meus filhos tudo, uns sabem um pouco a mais outros menos, mas sei que tudo, graças a Deus, estudou. Mesmo eu sendo do jeito que eu era, pus eles, todo mundo pra estudar. Dona rosa

Eu acho que é muito bom a pessoa estudar. A pessoa que não tem leitura não é nada na vida. Faz que é cego, tipo eu. Eu via as coisas, via as letras e sou cega. Eu não sei letra nenhuma ali. Eu tenho que sou tipo cega. É muito importante a educação. Estudar! O tanto que a pessoa puder estudar é muito bom. Dona rosa

Eu não tenho leitura, mas falo a quem tiver do meu lado pra estudar. É muito bom! Dona rosa

Eu comecei a trabalhar pros outros. De enxada. Capinando. Qualquer lavoura que tinha pra capinar, eu tava trabalhando. Ganhava dinheiro pra comprar o pão. Trabalhando, trabalhando, não faltou pão em casa. Dona Rosa

Não tinha como comprar uma roupa pra mim, chinelo. Era desse jeito. Naquela multidão de gente, não tinha sol, não tinha chuva pra nós. E nós trabalhando. Eu sei que eu sofri muito, mas graças a Deus a gente venceu. Dona Rosa

O trabalho que a gente fazia era plantando, colhendo. Pra fora eu nunca sair pra trabalhar. A gente só trabalhava em casa mesmo, pra ter as coisas pra dentro de casa. Dona Rosa

Os primeiros filhos nós passamos muito aperto com eles. Mas graças a Deus eu venci. Tinha hora que faltava as coisa pra comer, mas a gente dava um jeitinho. E

eu era assim: enquanto não via eles com a barriguinha cheia, eu não comia. Dona Rosa

Era pra eu me casar com 15 anos, quando foi com os papeis na igreja não aceitou porque eu era muito nova. Aí eu casei com 16 anos. Engravidei com 17 anos. E quando ganhei minha primeira filha, já estava com 1 ano de casada. Aí fui formando a família. De dois em dois anos um filho. E foi assim até que inteirou 12 filhos. Nós passamos muito aperto pra criar, mas graças a Deus veio todo mundo com saúde e hoje eu tenho muito orgulho dos meus filhos. Não arrependo de ter meus doze filhos, não. Dona Rosa

A vida no campo, pra mim, foi muito sofrida. Porque não tinha direito a nada. Só ficava dentro de casa. Só trabalhando, cuidando das coisas. E tinha que sair tudo na hora certa, se não saísse, levantava conversa, cara feia, e foi muito difícil minha vida do campo. Deus me deu força pra eu vencer tudo. Dona Rosa

Eu tenho muito orgulho de mulher do campo. Na verdade eu fui uma pessoa que eu não tinha direito de sair de casa, não participava de nada. O dia que saía de casa era pra ir na igreja. Não tinha oportunidade de ir numa festa. Dona Rosa

Eu tinha muita vontade de ser uma mulher mais, eu nem sei explicar, mais despachada pra sair, fazer negócio, participar das coisas tudo. Isso aí eu tinha vontade. Conhecer mais coisas. Ser mulher pra isso, mas infelizmente, não. Dona Rosa

A mulher do campo do passado era muito sofrida. Tipo escrava! Só tinha aquele direito de ficar ali, cuidando, cuidando, cuidando. Dentro de casa ali. Não tinha direito pra nada. E hoje, as mulheres de hoje não. Tem muita liberdade. Acontecer algo de ruim elas vão partir leio. Os homens acham que as mulheres de hoje não precisam ser do jeito que elas é. Mas hoje, as mulheres de hoje tem muita liberdade, elas saem, elas passeiam, elas estudam, trabalham pra onde quiser arrumar emprego, elas vai arruma e trabalha. Antigamente não, ninguém saía pra trabalhar, tinha que ficar socada dentro de casa. Tem que ficar dentro de casa, tipo escrava. Tudo que vinha era *ocê* que tinha que fazer isso. Dona Rosa

Pelo o que já passei, eu tenho orgulho de ser uma mulher do campo. Alguma coisa que eu tive vontade de ter e hoje eu tenho. Tenho minha casa. Não é do jeito que eu queria, mas tenho. Tem minhas coisas tudo que eu comprei. Nunca sair pra trabalhar fora, mas tenho orgulho de ser mulher do campo. Dona Rosa

Não me arrependo de ter a vida que eu tenho hoje, não. Dona Rosa

Eu deixo de ensinamento para os jovens trabalhar. Tratar todo mundo bem. Andar direito com todo mundo. Não fazer besteira. Nessa vida que nós tá hoje. Que meus neto estuda bastante. Não mexe com nada ruim, droga. É estudar, trabalhar e ter um futuro melhor na vida deles. Posso falar com eles, não tem como eu dar opinião, porque eu também não entendo nada, mas posso dar um conselho. Meu filho, estuda, trata sua família bem, cuida da sua família, trabalha, mexe com nada ruim. Dona Rosa

DONA LINDAURA

Luta cheia de sofrimento, mas tinha paz também no meio. Dona lindaura
Uma vida muito sofrida, mas estou vencendo ela. Dona Lindaura
A gente não tinha nada, só tinha as graças de deus. Dona Lindaura
Muié das zona rural, das roça, não desiste do seu pensamento, porque não podemos desistir nunca. Dona Lindaura
Ia na escola um dia, faiava outro, aí eu desisti da escola, porque tinha que fazer assim para ajudar minha mãe. Dona Lindaura
Acordava de manhã, o céu ainda estava escurinho, trabalhava pra mim. Dava hora de trabalhar pros outros, eu vinha embora. E a tarde eu chegava de novo. Ia trabalhar de novo. Quando tinha lua era bom, quando não tinha lua era escuro. Dona Lindaura
Quando minha mãe morreu e os meus tios pediu os filhos. Meus irmãos. Eu não dei! Nós bebia água e sal, mas eu não dei eles pra ninguém. Eles saíram da minha casa tudo casado. Dona Lindaura
Eu tinha e tenho um marido que ajudou muito minha família. Dona Lindaura
Nunca desisti de ser uma guerreira do mato, não. Dona Lindaura
Uma moça com 15 anos pra poder trabalhar e cuidar de tudo, até vencer não é fácil. Com a casa cheia de filhos, não é fácil, não! Dona Lindaura
Pra mim se eu tivesse estudado era melhor na minha vida. Dona Lindaura
Quem não estuda hoje em dia está perdendo tudo na vida. Dona Lindaura
Porque você sabe, a riqueza que o pai dá para o filho é o estudo. Dona Lindaura
Você tem sua leitura e eu não tenho, mas eu dou conta. Dona Lindaura

Eu não tinha como estudar, porque não tinha escola aonde eu morava. E tinha numa cidade muito longe. Dona Lindaura

Trabalhando na roça, fazendo tudo o que precisava fazer na roça, *pros outros*. Não parei ainda, porque estou lutando ainda. Dona Lindaura

Na semana de eu casar, eu cisquei um brejo dali da casa de Fatinha até aqui em casa para o meu cunhado. Dona Lindaura

Lavradora toda vida. Eu nunca fiquei na zona urbana não, só zona rural. Dona Lindaura

Na enxada, capinando, limpando arroz *pros outros*, no pilão. A gente limpava 1 alqueire de arroz e 1 alqueire de café, no pilão, eu mais Eurico. Dona Lindaura

Eu já lutei minha filha, as vezes a gente não tinha as coisas pra comer. Eu ganhava mandioca e arrancava pra fazer beiju pra dá os meninos pra comer. Eu nunca enganei a minha vida pra ninguém. Eu nunca escondi nada pra ninguém. Só fome que não tive. Arrancava coiô brabo, esses trem ruim, era beldroega, folha de batata pra fazer sopa. Tudo quanto há. Foi uma vida muito sofrida, mas agradeço a Deus por estar aqui. Nessa idade que eu tô. Dona Lindaura

Moça, vai ter eleição do sindicato, você não quer entrar na minha chapa, não? Cida, mas uma podre que sabe mal assinar o nome, o que eu vou fazer se for falar um discurso num canto, eu não sei falar, Cida. Daí ela falou, não eu que preciso de você aqui mais eu. E aí eu fui. Dona Lindaura

Falei com ela: Eu vou lavar uns copos porque outra coisa eu não sei fazer, não. Mas eu soube fazer muita coisa pra ela, sim. Ajudei ela muito. Já ajudei gente demais aqui. Por isso que eu vim para o sindicato, porque a Cida via que eu cuidava do povo, né? Dona lindaura

Depois que eu casei, meu marido pegava filho dos outros pra criar. Trazia pequeno. Saía rapaz. Porque a gente tinha dó, né? Porque quem nunca sofreu, não sabe o sofrimento dos outros. Dona lindaura

Eu não me criei em berço de ouro, mas graças a Deus, o que eu fiz, eu tenho prazer do que eu fiz, orgulho do que eu fiz. Porque pra mim foi muito bom. Dona Lindaura.

Quando tinha dois meses que minha mãe morreu, meu pai chegou. Eu tinha 19 anos nessa época. Aí ele ficou bebendo muito. Queria judiar de nós, e eu nunca aceitei. Eu sou assim: se eu não dever eu não aceito NADA! Eu sou franca disso, ele era

meu pai, mas se ele falasse alguma coisa eu respondia porque eu não merecia. Se você não merecer uma coisa, você não aceita. Lutei! Dona Lindaura

Nós namoramos 10 anos. Eu tinha 15 anos. Casei com 25 (anos). Casei uma moça. Não foi resto de ninguém, ninguém. Mas não era um namoro, era uma amizade, né? Essa amizade virou amor, e casou. E até hoje, graças a Deus. Dona Lindaura

Eu nasci e criei no campo, trabalhando. Eu não tenho vergonha de ser uma lavradora. Uma mulher do campo. Eu tenho prazer! Tudo o que a gente precisa a gente tira de lá. Dona Lindaura

Foi muita dificuldade, mas sem dificuldade a gente não arranja nada. Tem que ter força e vontade. Que é fácil, não é não. Ser uma mulher do campo, pegar na enxada de manhã. Sol! Trabalhar dia a dia pros outros. Nunca esmoreci. Dona Lindaura

Eu tinha garra da minha lida na roça. Pra mim foi muito bom! O que eu tenho hoje em dia foi tirado tudo dos meus braços, do meu esforço, mais meu marido e meus filhos. Dona Lindaura

Eu tenho uma família muito abençoada também. Dona Lindaura

O passado foi muito sofredor, mas agora, o presente, você sabe que tudo tá mais fácil. Porque a gente não tinha o que tem hoje em dia. Nós não tinha aposentadoria, nós não tinha um Bolsa Família, não tinha um salário de maternidade. E hoje as mulher do campo tudo tem isso pra elas. E antigamente nós não ganhava um chinelinho pra pôr no pé. E hoje você ganha novo pra ter na sua casa. Antigamente nós não teve essa oportunidade. O que nós tinha era do nosso trabalho, da nossa luta. Dona Lindaura

Se todo mundo tiver que passar pelo que passei, não esmorece não. Que demora, mas a gente vence. Dona Lindaura

Eu nunca quis uma cidade pra mim, eu só quis uma roça pra mim lutar. Dona Lindaura

Eu sei que se eu não sou mulher. Eu fiz muita coisa na minha vida que homem não fazia. Homem de hoje em dia não fazia. Enfrentei muitas coisas. Dona Lindaura

Põe Deus na frente, vá em frente e não esmorece. Fazer bondade, caridade, com amor. Porque sem amor não resolve nada, viu? Só que tem que ter garra também, viu? A gente faz tudo e chega lá e dá conta. Dona Lindaura

DONA NEGA

Ai que saudade da minha infância! Foi uma infância pobre, mas tão divertida. Com tudo da roça, tudo simples, mas que até hoje eu tenho muita saudade. Aquela infância que eu não consigo esquecer e me traz boas recordações. Dona Nega

Muitas dificuldades, dificuldade de menina pobre, que não teve como estudar aqui na roça. Tive que sair um pouco cedo pra estudar. Dona Nega

Educação é tudo! Educação é importante demais. A educação abre caminhos como nenhuma outra coisa é capaz de abrir. Dona Nega

Através da educação é que a gente sonha. Que a gente busca se realizar. Sem a educação a gente sofre demais. Dona Nega

Nosso deus, Quanta dificuldade! A gente era muito pobre. Principalmente a gente que era da roça não tinha muitas oportunidades. A gente sofria muito pra estudar. Tanto é que a gente ia andando no domingo pra cidade, levando a feira da semana nas costas e na sexta-feira a tarde a gente voltava pra roça. Quase não tinha material, livros. Dona Nega

Antigamente era muito pior que hoje, a mulher, naquela época que eu comecei a estudar. Só fiz esse 4º ano porque meu pai era uma pessoa que tinha uma visão boa quanto educação. Mas não foi fácil, não. Dona Nega

Tanta coisa que a gente encontrava de ruim. As pessoas não achavam que a gente tinha que estudar. A gente tinha que ficar mais era na roça. Dona nega

E o bullying? Na época a gente não sabia nem o que era bullying. Principalmente a criança quando chegava da roça na cidade, muitas vezes ela não era bem aceita. E a gente sofria muito, mas eu não me arrependo de nada, não. Dona nega

Eu comecei a dar aulas com 15 anos de idade. Na época, tinha o Mobral. Educação de adultos. Eu comecei nessa época dando aulas pra adultos. As vezes as pessoas ficavam até impressionadas porque eu comecei a dar aulas com 15 anos. Mas naquela época não tinha professor e vim de Novo Cruzeiro já com o 4º ano, né? Dona Nega

Eu trabalhei com esse Mobral, dando aula a noite, até meus 17 anos. Com 17 anos eu me casei. Fiquei um período parada e voltei a trabalhar como professora municipal. Depois eu tornei a parar, só voltei em 1977 para dar aula pelo município. Dona Nega

Antes de ser professora eu era do campo. Ajudava a plantar, ajudava a capinar, plantava feijão, arroz. Antes dos 15 anos eu já ajudava na roça. Minha primeira profissão. Dona Nega

Depois de casada, quando eu retornei aos estudos, eu já tinha minhas duas primeiras meninas. A Xirley e a Xirlane. Aí eu fiz supletivo. Era tão difícil estudar naquela época, mas eu gostava muito de estudar, eu queria me formar, aí eu fiz supletivo. Depois disso voltei a trabalhar na escola dando aula. Depois eu foi fazer um curso que chamava Logus II, que dava formação do terceiro ano. Lá em Teófilo Otoni. Eu ia duas vezes na semana. Morava aqui na roça, dava aula, e ia duas vezes na semana lá. Dona Nega

Depois das minhas duas meninas. E é cada história! Nessa época minhas meninas ainda eram pequenas. Foi muito difícil, mas aí eu fiz o meu terceiro ano. E continuei trabalhando. Dona Nega

Isso é uma outra história. É mais um passo importante na minha vida. Depois de formar no terceiro ano, continuei dando aulas. E só depois que eu tive minhas outras duas meninas, que eu fui fazer faculdade. Fui fazer faculdade de férias. Lá em Paracatu. Imagina aonde está Paracatu? Foi lá que eu fiz o Normal Superior. Mas valeu a pena, tudo muito sofrido mas foi muito bom. Ajudou a ajudar minhas filhas a se formarem e hoje, graças a Deus, estão todas bem formadas. Dona Nega

A vida no campo hoje está bem mais fácil, mas antigamente era tudo mais difícil. A gente não tinha quase ajuda de nada. Hoje não. Hoje eu acho que melhorou bastante, apesar de que não está do jeito que a gente merece, que o trabalhador da roça merece. Porque ainda falta muita ajuda quanto a financiamento, quanto a venda dos produtos, mas melhorou muito. Dona Nega

Pelo menos hoje, se você tiver terra pra trabalhar, porque tem muita gente que ainda não tem terra pra trabalhar ainda, né? Mas quem tem seu pedacinho de terra hoje, com algumas dificuldades, já consegue fazer um financiamento. E aqui no nosso lugar eu acho muito bom, porque a maioria das pessoas aqui trabalha com agricultura familiar. Então dá pra sobreviver. Não dá pra ficar rico, mas dá pra viver dignamente, eu acho. Dona Nega

Falta de escola na roça. As minhas meninas tiveram que sair também muito novas. Quando minhas meninas já estavam na época de estudar, aqui já tinha do 1º ao 4º ano. Mas pra continuar era quase a mesma história de quando eu comecei. Tinha que sair pra cidade de novo Cruzeiro pra estudar. E depois pra se formar também

teve que sair daqui, porque aqui não tinha, não tinha não, não tem faculdades, então teve que sair pra fora pra poder se formar. Dona Nega

Uma das dificuldades maiores foi quanto ao estudo que não tinha. E a pobreza também, né? Por a gente não ter muita ajuda no campo, tudo era muito difícil, né? Dona Nega

Ser mulher do campo, para mim, é uma honra, porque mulher do campo, apesar de tudo, a gente vive muito em paz. Hoje a gente pode dizer que é feliz na roça. Apesar que muitas vezes ainda existem as dificuldades, mas trabalhar no campo é aqui, no nosso lugar. Porque aqui cada um ainda tem o su pedacinho de terra. É muito bom aqui. Dona Nega

Ser mulher do campo hoje, não vou falar antigamente, mas hoje é bom. Pelo menos tranquilidade você tem, é de onde você tira seu sustento. Dá pra levar a vida dignamente. Dona Nega

No início da minha vida aqui na roça, a gente não tinha ajuda de praticamente nada, principalmente dos governantes. A gente tinha um pedacinho de terra, mas era muito difícil, porque o que colhia muitas vezes não tinha muito valor. Dona Nega

Mulher do campo no passado era muito sofrimento e só podia fazer isso. Ela não podia quase sair. Ela não estudava. Dificilmente estudava, só estudava quem era muito rico. Hoje não. Hoje eu já acho que a mulher é mais valorizada. Hoje o que a mulher faz no campo, já se sente valorizada. Já tem um pouco mais de ajuda, apesar que ainda é muito pouco. Hoje eu acho que melhorou muito. dona Nega

Eu tenho muito orgulho da família que eu tive, meus pais. Da comunidade que vivi e vivo até hoje. E enquanto professora na zona rural, tem hora que eu até me emociono (choro). Apesar das dificuldades, mas foi através da minha profissão que eu consegui ajudar a estudar minhas filhas, que hoje graças a Deus estão bem. Dona Nega

Eu tenho orgulho de ser mulher do campo. Tanto é que já rodei, já dei aula, já fiz tudo, mas estou aqui de novo. Eu gosto daqui e acho que a vida do campo, apesar das dificuldades é muito boa. Eu não tenho vontade de sair daqui pra ir pra outro lugar, não. Dona Nega

Nunca desistir de seus sonhos. Morando na roça ou não, não desistir dos sonhos. Eu acho que a gente tem sempre que ir à luta. Não é porque a gente mora na roça que a gente não vai conseguir as coisas que a gente quer. Se a gente tiver uma determinação. Se a gente lutar, a gente consegue. Dona Nega

Eu acho que o jovem, principalmente hoje, tem muito mais chance de ganhar a vida, de estudar, apesar das dificuldades, melhorou muito. Eu posso falar que a pessoa que não estuda hoje, é porque falta vontade. Porque se quiser, consegue. Dona Nega

Com muitas dificuldades que ainda tem principalmente o jovem pobre, muitas vezes ainda tem que trabalhar pra poder estudar. Tem que sair do lugar que mora pra poder estudar, mas a gente não pode desistir. Foi o que aconteceu comigo. Aquela menina pobre, de quando iniciou e que lutou e conseguiu. Hoje eu posso falar que me realizei, tanto no campo quanto professora. Na maioria das vezes eu tenho boas recordações. Dona Nega

Eu tive e tenho um marido que me ajudou muito na época, né. Que me deu apoio. Que eu saía pra estudar ele continuava cuidando das meninas. Por isso que a gente consegue. Pra gente conseguir as coisas a gente tem que ter quem ajuda a gente. Se não tiver, a gente não consegue sozinha. Dona Nega

Na época, meu marido me ajudou demais. Era muito compreensivo, ficava com as meninas cuidando pra eu poder sair pra estudar. Então venci! Dona Nega

JOSIANE RAMALHO

Sabe, teve momentos que julguei muito a minha mãe e meu pai nas atividades que eles tinham comigo antes. Hoje eu entendo porque tudo isso. Eles não fizeram por mal. Era a forma que eles conheciam e eu posso fazer diferente. Josiane